



Imp. e Lit. da Casa de Carvalho

OS PRIMEIROS
TRABALHOS LITTERARIOS

DO

PADRE FRANCISCO DA SILVA FIGUEIRA

PRIOR DA FREGUEZIA DE CARNAXIDE

COM UMA INTRODUCCÃO

DO

SR. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

LISBOA
IMPRESA NACIONAL

1865

General Library System
University of Wisconsin - Madison
728 State Street
Madison, WI 53706-1494



mem

BX

1557

C37

F54

1865

6271068

OS PRIMEIROS
TRABALHOS LITTERARIOS

DO

PADRE FRANCISCO DA SILVA FIGUEIRA

OS PRIMEIROS
TRABALHOS LITTERARIOS

DO

PADRE FRANCISCO DA SILVA FIGUEIRA

PRIOR DA FREGUEZIA DE CARNAXIDE

COM UMA INTRODUÇÃO

DO

SR. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1865

AO EM.^{no} E REV.^{no} SENHOR

D. MANUEL I

CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA

**Em testemunho do maior respeito, dedicação
e agradecimento**

OFFERECE

O prior, Francisco da Silva Figueira.

INTRODUÇÃO

Da facilem cursum, atque audacibus annue ceptis.
VIRG. GEORG. I, 48.

Quási trinta annos têm decorrido desde o dia em que, visitando por dever do meu cargo uma aula de ensino primário, e demorando-me no exame das cousas d'aquelle modesto theatro, tive occasião de admirar a vivacidade de um menino, que o professor me apontou entre os innocentinhos a quem doutrinava.

Tería o menino, como então me pareceu, uns sete annos de idade; chamei-o para junto de mim, convidei-o a que lêsse uma página do livro que tinha entre mãos, fiz-lhe algumas perguntas sobre o que acabava de lêr, afoutei-me a inquiri-lo sobre outros pontos que me acudiram ao espirito... e fiquei maravilhado de tamanho desembaraço, de tão viva comprehensão, de uma intelligencia tão precocemente desenvolvida.

Premiar creaturas d'aquelle idade está ao alcance de todas as fortunas, ainda as tão apoucadas como a minha. Pedi licença ao professor para offerecer ao seu discipulosinho um testemunho da minha satisfação; e em um dos dias immediatos fui entregar um pequenino prémio a quem o merecia muito mais avultado.

Estas scenas, que hoje trago á lembrança com saudade, representavam-se na Cidade de Castello Branco, e no anno de 1838. Logo em 1839 sahi daquela cidade, onde nunca mais voltei; e de todo se haviam sumido reminiscencias táes, quando no princípio do anno que vae correndo, acertou de vir a minha casa um Padre, que se fez annunciar como Prior da Fréguezia de Carnaxide.

Uma carta que me entregou, da parte de um amigo meu, e parente do portador,—as palavras que trocámos, e as explicações que provoqueei, fizéram-me saber que estava diante de mim a creancinha que eu premiára em 1838, já agora na idade de trinta e quatro annos, Sacerdote, e Prior de uma Paróchia das visinhanças da Capital.

Admiravelmente exprimiu um escriptor philósopho o que de ordinário succede entre os homens, quando disse: *Todos nós somos como os navios, que no meio do Oceano se encontram por acaso, reciprocamente se auxiliam, e depois desaparecem!*

Mas, ainda bem que eu tornei a encontrar este homem, que de relance víra outr'ora, e que por tão longo espaço de tempo desaparecêra do meu caminho!

Effeituado o nosso reconhecimento, cuidei logo de apreciar o valor de um individuo, que tantas esperanças me inspirára na sua infancia; e pude a final conhecer que não fôram ellas mallogradas, como tantas vezes succéde.

Cursára todos os estudos que havia na cidade em que nasceu, tomou o rumo da vida ecclesiástica, e exercia agora as nobres, quanto difficeis funcções de Párocho.

Disse-me que algumas vezes havia já subido ao púl-pito, e presidira a alguns actos solemnes litterários. Mos-

trei desejos de ver alguns dos seus escriptos; e para melhor avaliar a sua capacidade, pedi-lhe que elaborasse uma descripção, o mais desenvolvida e completa que sêr podêsse, da Fréguezia em que parochiava.

Passados tempos, trouxe-me uma copia de alguns dos discursos que proferira, e uma descripção muito interessante da povoação, logares, campos e dependencias da Fréguezia de Carnaxide.

Lí com attenção todos esses escriptos; e quando, no cabo de alguns dias, tive nova entrevista com o author, exprimi o favoravel juizo que, pela maior parte, sobre elles formava. — Pude perceber que se havia lembrado, e tinha ainda o ardente desejo de publicar as primicias dos seus trabalhos; mas que não se deliberára a esse commettimento, por não ter encontrado quem o animasse, debellando a sua timidez e acanhamento.

Em mim encontrou elle a animação e alento por que suspirava. Observei-lhe que seria um genero de adulação, asseverar que os seus escriptos eram já uma obra prima; que no entanto, sendo elle um principiante, tinham um merecimento relativo, e davam idéa de que o estudo e o tempo aperfeiçoariam o talento, augmentariam a capacidade de quem os compôz, e corrigiriam alguns defeitos que a critica apontasse agora.

Vivemos, lhe ponderei eu, em uma época, na qual se torna indispensavel que os indivíduos apresentem ao público provas de idoneidade na sua profissão especial, a fim, não tanto de que a cada um se retribúa com a remuneração devida, senão, e principalmente, a fim de que os Podêres do Estado possam saber onde está o merecimento, e o aproveitem convenientemente. Cuidasse elle, portanto, de revêr severamente o que escrevêra, e

não hesitasse um só instante em satisfazer o desejo muito louvavel que me dizia têr.

Deliberou-se n'este sentido o author, pôz mãos á obra; e vem hoje dar publicidade aos seus primeiros trabalhos.

Direi duas palavras de biographia, a respeito do escriptor que pela primeira vez se apresenta ao público; e depois darei uma rápida noticia dos escriptos que esta collecção encerra.

O Sr. Francisco da Silva Figueira, actual Prior da Freguezia de Carnaxide, nasceu na Cidade de Castello Branco aos 2 de Dezembro de 1831. Se não foi dourado o seu bêrço, se não fôram illustres, aos olhos do mundo, os seus progenitores, tem comtudo a fortuna de pertencer a familias honestas e estimaveis, e a não menor, de contar entre os seus parentes dois homens, que ao seu próprio e grande merecimento dêvem uma collocação honrosa na carreira do serviço do Estado: o Sr. José Lopes da Silva, official do Governo Civil de Castello Branco, e o Sr. Manuel Duarte Figueira, Delegado do Thesouro no mesmo Districto.

Tinha o Sr. Francisco da Silva Figueira apenas sete annos de idade, quando já se distinguia entre os seus condiscipulos, e merecia ser apontado por seu mestre como digno de louvores e de prémios. Passando depois ao estudo das humanidades, continuou a fazer uma brilhante figura, gosando sempre do conceito de sêr um estudante excellente e um dos melhores do seu tempo, e logrando a inapreciavel vantagem da estima e predilecção de seus mêtres, que não só reconheciam nelle o

talento, senão também os dotes de um coração bondoso e bem inclinado. ¹

Tendo cursado as disciplinas da instrucção secundária, com grande aproveitamento, principiou a estudar Theologia com o Reverendo José Marques Leite, digno Vigario Geral do Bispado de Castello Branco. ²

Nos fins do anno de 1852, e quando tinha já completado a idade de 21 annos, veiu para casa de seu tio, o Reverendo José da Fonseca Garrido, respeitavel Prior da Fréguezia de Oeiras; recebeu ordens menores, e depois as de sub-diacono, prendendo-se assim, e com decidida vocação, ao ministério da Igreja.

Em Oeiras teve a consideravel vantagem de poder proseguir proveitosamente nos estudos de Theologia, sendo seu guia e mestre o Reverendo Manuel de Santa Escolástica, que de tal sciencia fôra lente no Convento de Mafra. O mestre affeioou-se entranhavelmente ao discipulo, e muito se esmerou em lhe communicar os conhe-

¹ Fôram seus Mestres :

Em *Primeiras letras*, os Srs. João Dias Antunes, e Antonio de Andrade da Silveira.

Em *Latim e Latinidade*, os Srs. José Maria Sarafana, e o fallecido José Joaquim Magro. ³

Em *Rhetorica, Historia, etc.*, o Sr. Antonio José de Sousa.

Em *Philosophia*, o Sr. Dr. José Marques Leite, — que também o foi de theologia.

Tenho grande satisfação em registrar aqui o nome destes meus estimaveis patricios.

² Veja no *Almanack do Clero*, de 1862, a biographia deste illustre Ecclesiastico, a qual termina por estas palavras, que muito gostosamente aqui reproduzo : — «Desta resumida nota biographica se reconhece que S. Ex.^a é um dos Ecclesiasticos mais distinctos e illustrados do nosso paiz, e dos que maiores e melhores serviços tem prestado á Religião e ao Estado.» —

O Sr. José Marques Leite é Bacharel Formado em Canones pela Universidade de Coimbra, e foi premiado nos ultimos tres annos da sua formatura.

cimentos que possuía.— Na *Descripção da Fréguezia de Carnaxide*, que adiante lerêis, tem o Sr. Figueira occasião de fallar do seu bom mestre, a propósito do Convento de N. S. da Boa Viagem; e são de tal modo repassadas de gratidão as expressões que empréga, que eu não posso deixar de as lançar aquí antecipadamente, e tanto mais, quanto comêçam por se referir a um ancião respeitavel, que muito prézo: — «N'este Convento viveram o virtuoso *D. Fr. Estevão*, actual Bispo de Angra, insigne latinista e grande amator de música e numismática, muito conhecido do logar de Linda Pastora, onde muito convivia; e o grave e venerando Fr. Manuel de Santa Escolástica, ex-leitor de theologia em Mafra, e que, extinctos os conventos, veiu residir em Carnaxide, onde falleceu ha nove annos, deixando de sí em todos que o trataram a lembrança saudosa de douto e virtuoso sacerdote e insigne prégador, e em mim a lembrança querida e sempre grata, e a saudade indelevel de bom amigo e mestre, pois que o foi meu em Theologia, em que era eminente, principalmente na dogmática, em que mui poucos se lhe podiam comparar.» —

Chegou, finalmente, ao sr. Figueira a vez de dar provas públicas e solemnes do seu adiantamento nas disciplinas ecclesiásticas. Perante a Relação Patriarchal fez no dia 22 de Maio do anno de 1855 o competente exame para confessor e prégador; e brilhante, e summamente lisongeiro para elle foi esse acto. No dia 8 de Dezembro immediato prégou o primeiro sermão, e na noite de natal disse a primeira missa.

Vagou no anno de 1856 a Igreja de Carnaxide; e a ella, e simultâneamente á de Monte-Lavar, fez o Sr. Figueira opposição em concurso; havendo-se de tal modo

no respectivo exame, que lhe foi permitido optar entre as duas Igrejas. Deu preferencia á de Carnaxide,—já por que ficava mais perto da sua família, já por que o coração agradecido o chamava a uma localidade, onde então estava o seu ultimo mestre de Theología. Desejavam ambos, o mestre e o discípulo, o homem dos longos dias e o joven sacerdote, viver na mesma povoação, e na suave intimidade que as precedentes relações haviam formado; mas outra cousa decretou a Providencia: Fr. Manoel de Santa Escolástica desceu á sepultura cinco dias antes de entrar como Parocho em Carnaxide o seu discípulo querido!

O Decreto da nomeação do Sr. Figueira, datado de 14 de maio de 1856, que encontrei no *Diario do Governo*, n.º 150 de 27 de Junho do mesmo anno, contém cláusulas muito lisongeiras para o agraciado:— «... Atendendo a que o presbytero Francisco da Silva Figueira, um dos oppositores que compareceu no dito concurso, além de satisfazer cabalmente ás solemnidades devidas, se torna, segundo o parecer do mesmo Cardeal Patriarcha, *muito digno de contemplação por sua compostura de costumes, merito litterário, e por haver já exercido, com louvavel desempenho, o ministerio de cura de almas em outra Fréguesia: Hei por bem, etc.* » —

Em 30 de Junho do mesmo anno de 1856 tomou posse da Igreja Parochial de S. Romão de Carnaxide, onde se tem conservado até hoje, depois de haver atravessado o doloroso período das duas fatáes epidemias que affligiram a capital e suas visinhanças,—a cholera-morbus, e a fêbre amarella.

Não me custa a crêr que o Sr. Figueira, em toda a parte onde é conhecido, tenha grangeado a boa reputa-

ção e estima que lhe foi dado alcançar entre os seus patricios: são fundamento da minha crença a brandura e affabilidade do seu trato, a unção religiosa de que o seu dizer é repassado, o fervor com que tem proseguido no estudo, sem québra do desempenho dos devêres parochiaes,—e, finalmente, o formoso exemplo de amor filial que apresenta, pelo facto de haver chamado seus páes para junto de sí, desde que se estabeleceu em Carnaxide.

Tal é o homem que hoje vem apresentar-se ao público, e offerecêr-lhe as primícias dos seus trabalhos litterários e de suas lucubrações religiosas.

Passo a dar uma rápida notícia dos escriptos do Sr. Figueira, na ordem da sua publicação neste repositório.

I

Descripção da Fréguezia de Carnaxide

Cada vez me appláudo mais de haver pedido ao Sr. Figueira que elaborasse uma descripção da Fréguezia, em que ora está parochiando; e atrevêra-me a ponderar a todos os Reverendôs Párochos o quanto seria util, que cada um se dêsse ao trabalho de organizar uma memoria descriptiva da sua respectiva Paróchia. Estas monographias, compostas por pessoas tão competentes, e tão adequadamente habilitadas, poderiam vir a ser o precioso elemento de uma apurada descripção de Portugal. Destituído de authoridade para aconselhar, nem sequer para recommendar um tal serviço, limíto-me a appellar

para o bom juízo e illustração dos Reverendos Párochos, de como suggíro um pensamento, na realisação do qual vai muito de interesse para a história, para a estatística, administração e vida económica deste paiz.

Restringindo-me á *Descripção da Fréguezia de Carnaxide*, direi que contém ella a topographia, a historia, e a estatistica da respectiva povoação, logares, campos, e dependencias.

— Na 1.^a parte fornêce as convenientes noticias sobre os limites, área, clima, montes, valles, ribeiras, fontes e nascentes, natureza do terreno, e producções naturaes da Fréguezia de Carnaxide.

Para amenizar a aridez deste género de trabalhos, detém-se o author, aquí e acolá, na pintura de graciosas perspectívas que a sua Fréguezia apresenta; e essas impressões poéticas, que elle nos transmite com bastante animação, não desdizem do enthusiasmo que o amor dos encantos da natureza e o sentimento *do bello* inspiram ás almas bem formadas.

Um assumpto chamou particularmente a attenção do noticiador, e vem a ser, a falta de arvorêdo na Fréguezia de Carnaxide. É digno de louvor o empenho, com que procura despertar os cuidados da administração e dos povos sobre uma tão momentosa necessidade. Oxalá que essas páginas da *Descripção* sêjam lidas com interesse, e desafiem as cogitações e a sollicitude dos que podem remediar o mal!

— A parte histórica da *Descripção* é de grande valia. Acompanha a vida daquella paróchia desde os primeiros tempos da monarchia até hoje, e offerêce noticias curiosas e instructivas, bebidas em boas fontes.

Fêz-me grande impressão a noticia de algumas desa-

venças, suscitadas, em éras que já lá vão, por individuos ou corporações da Igreja, que deveriam sêr os primeiros a dar exemplos de paz e de mansidão, lembrados do incomparavel—*quia mitis sum corde*.

No anno de 1676 lançava o Arcebispo de Lisboa esta sevêra advertencia no *Livro das Visitações* da Igreja de Carnaxide:—«Louvamos muito aos fréguezes da dita igreja o zelo e despendio com que começaram esta obra, e por sermos informados que de presente estava parada por dissenções que havia entre os ditos fréguezes e prior e beneficiados de Santa Cruz do Castello, a quem a dita igreja é annexa, o que estranhamos muito ao dito prior e beneficiados, por que, devendo elles excitar, mover e persuadir os fréguezes, animando-os a continuarem a dita obra, tanto para serviço de Deus nosso Senhor, os embaraçam com demandas menos ajustadas.»—

No anno de 1792 começou uma demanda entre a Confraria do Santissimo de Carnaxide e os Conegos Regrantes de S. Vicente de Fóra e Collegiães de S. Nicoláo. Tratava-se do concerto do retábulo da Capella mór, e pareceu bem, que para tal destino se applicasse um terço dos dizimos daquella Fréguezia que os indicados Conegos e Collegiães percebiam. A opposição vivissima e tenaz daquelles deu origem a uma demanda, *que durou vinte annos!* A final, triumphou a Fréguezia. — Não nos queixêmos sómente dos nossos tempos; tambem naquelles, de tão apregoada religiosidade, o interesse dominava os filhos da Igreja, e os arrastava a sustentar lutas contra os povos...

— Quando o Sr. Figueira chega ao anno de 1755, muito avisadamente se lembra de narrar o que tambem coube, em triste partilha de estragos, á Fréguezia de

Carnaxide pelos effeitos do fatal terremoto. — Enternéce o ouvir nesta occasião a voz ingénua de Sebastião Henriques, párocho, que então era de Carnaxide. Em uma nota que se encontra no Cartorio da Fréguezia lançou aquelle párocho, ainda trémulo e aterrado, estas singélas declarações: — «... O terremoto do 1.º de Novembro principiou ás nove horas da manhã, e continuou o movimento da terra por espaço de cinco minutos, quando veiu o maior abalo e tremor de maior ruina, e passados dez minutos com pouca differença, veiu o terceiro tremor, não tão forte como o segundo, mas com grande movimento. — E quanto a perceber-se de que parte foi maior o impulso, naquelle conflicto não haveria animo que o observasse, e a meu ver, segundo o sitio aonde então me achei, e pelas ondas que a terra fazia, era o maior impulso do norte para o sul, e quanto a ruinas tanto foi para uma como para outra parte, pois é certo que todas se arruinaram pela parte mais fraca.» — Enuméra depois os estragos que o terremoto fez na mesma Fréguezia.

— Um episodio ha nesta parte da *Descripção*, que largamente occupa o noticiador. Quéro fallar da história da *apparição da imagem de Nossa Senhora da Rocha*.

Collocando-me, pelo pensamento, na posição do Padre Figueira, deixo-o discursar em paz sobre um assumpto — de seu officio.

Os leitores que pretendêrem alcançar mais amplas noticias ácerca de um tal acontecimento, do que as apontadas na *Descripção*, podem recorrer ao *Gabinete Historico* de Fr. Claudio da Conceição, tomo 9.º, pag. 223 e seguintes. — Por minha parte, apenas tomarei aqui nota

da intervenção que o governo de 1822 tève neste negocio; para o que, porei diante dos olhos dos leitores a seguinte Portaria, que não vem na *Descrição*: — «Manda El-Rei, pela Secretaria de Estado dos negocios da Justiça, participar ao Collegio Patriarchal da Santa Igreja de Lisboa, que sendo-lhe presente a sua carta, datada em 16 do corrente mez, e que acompanhava a informação a que mandou proceder pelo Desembargador que serve de Provisor e Vigario Geral do Patriarchado, ácerca da apparição de huma Imagem de Nossa Senhora em huma lapa junto ao rio Jamor, nos limites de S. Romão de Carnaxide: E attendendo S. M. a que o lugar onde foi achada a dita Imagem, não he proprio para ella continuar a existir, e muito menos para se lhe dar hum culto publico, e tão solemne: Ha por bem, conformando-se com o parecer do referido Vigario Geral, ordenar que o Collegio Patriarchal logo, e sem perda alguma de tempo, faça recolher aquella Imagem á Basilica de Santa Maria Maior, onde depois de benta poderá ser venerada, nomeando o mesmo Collegio huma administração para tratar das oblações, e esmolas, se as houver, as quaes serão empregadas em objectos píos, e pondo em prática as mais providencias que lembra o mencionado Desembargador, e o Collegio julgar conveniente: Manda outrossim S. M. declarar-lhe que na data desta se expéde ordem ao Intendente Geral da Policia, e ao Juiz de Fóra da Villa de Oeiras, para que prestem todo o auxilio que lhes fór requerido, a fim de que a sobredita Imagem seja transportada com aquella decencia, e respeito que lhe são devidos, e a que de nenhum modo se deve faltar. Palacio de Queluz, 27 de Julho de 1822. — José da Silva Carvalho.» —

— Não devo omitir que na parte histórica da *Descrição* encontrarão os leitores algumas notícias ácerca dos extinctos Conventos de S. José de Ribamar, de Santa Chatarina de Ribamar, e de Nossa Senhora da Boa Viagem.

— O final da parte histórica da *Descrição* é um fêcho de ouro, realçado pelas mais finas pedras preciosas. Não me tomaréis por exaggerado desde que vos dissér que menciona as visitas que á Fréguezia de Carnaxide fez o Senhor Rei D. Pedro V, e os benefícios que o para sempre chorado Monarcha liberalizou áquelle povo. Antecipadamente vos quero fazer saborear as bellas palavras do Sr. Figueira neste lance:

— Um dia, a amenidade da estação e formosura dos campos vieram-no atrahindo até aqui. Ficou encantado ante estes esplendores de scenas campestres que a primavera costuma aquí revestir de todas as suas bellezas. Voltou, trouxe a esposa, trouxe os irmãos e irmãs, que amava muito para os não fazer participar da satisfação e suaves impressões da sua alma. Visitou a paróchia, visitou a escola, chamou o parochico, mostrou desejos de felicitar um povo que amava, porque, apparecendo-lhe de repente, sempre o recebia com a mais sincera e espontanea alegria. — É porém a porta da escola uma das principaes por onde entra a felicidade de um povo. Por isso o bondoso e intelligente Monarcha, todo convencido d'esta verdade, e querendo felicitar este povo, tratou logo de promover-lhe a instrucção, que dotou com a somma de 1:200\$000 réis em inscrições, doadas á Junta de Paróchia com a obrigação exclusiva de applicar seu rendimento annual ao desenvolvimento da instrucção popular da Fréguezia. — Bom começo! E mais faria, por que

o seu coração era grande, e tão bom que os anjos se enamoráram d'elle, até o quererem possuir, até o chamarem logo.—Que no Céu elle ore pela patria! —

—A parte estatística da *Descripção* é muito interessante: dá notícia dos diversos logares da Fréguezia, quaes são Carnaxide, Linda Pastora, Quejas, Praias, Algés, Linda Velha, Portella, Outorella; e contém valiosos mappas estatísticos sobre a população, seu movimento, e classificação por profissões, bem como outros das estradas e caminhos da Fréguezia.

II

Discursos, e Sermões

Vem em primeiro logar o *Discurso* que o Sr. Figueira pronunciou no acto da distribuição de prémios, conferidos, em nome do Senhor D. Pedro V, pela Junta de Paróchia aos alumnos das escolas de um e outro sexo da Fréguezia de Carnaxide.

Uma bem entendida simplicidade respíra nesse discurso, como endereçado que foi a innocentinhos; singélas verdades são allí apregoadas; é encarecida a grande vantagem da instrucção primária; salutaes conselhos são dados aos páes de familia. Oxalá que todos os Reverendos Párochos se proponham a sêr apóstolos de uma tão boa causa!

—Ségue-se um discurso, que o Sr. Figueira recitou na festa do Espírito Santo celebrada, aos 21 de Setembro de 1856, na Ermida de Paço de Arcos,—e depois offereceu a El-Rei o Senhor D. Pedro V.

Por uma transição, hábilmente preparada, offeréce-nos este discurso formózos quadros da creação do mundo, da

transformação do espírito dos Apóstolos, e da conversão por elles operada no mundo.

Para conhecêdes, desde já, se é dado esperar alguma cousa da parte do moço orador, que hoje se vos apresenta pela primeira vez, escutáe esta passagem do seu discurso:

— «Envia Deus seu Espirito e começa a girar na immensidade do espaço a inumeravel multidão de corpos que o povoam; começam a matizar a azulada abobada celeste brilhantes, scintillantes astros! Lá surge a bella aurora, lá se alevanta o brilhante astro do dia, lá corta as trevas da noite a plácida e melancólica luz do astro da noite. Começam o seu girar contínuo as estações da natureza vivificadoras. Succedem-se ininterrompidamente o dia que chama ao trabalho, e a noite, que convida ao descanso. Começa o vegetar das plantas, o viver dos animaes, o mar ruge, os rios correm, os regatos saltitam, as fontes brotam, as nuvens se elévam por que o Espirito do Senhor as impelle, lhes dá o sopro da existencia, o impulso do movimento.» —

— Depois deste Discurso vem duas *Orações funebres*, recitadas nas exéquias de El-Rei o Senhor D. Pedro V, que a Camara de Oeiras, e a Misericordia de Cascaes mandáram celebrar.

Uma á outra se complétam estas Orações fúnebres; podendo dizer-se, depois de lêr ambas, que o orador percorreu todos os principaes tópicos da vida (tão breve!) do para sempre chorado Monarcha.

Nunca eu mais vivamente sentí, do que ao lêr estas Orações, o quanto ha de verdadeiro conhecimento do coração humano, no famoso preceito de Horacio:

..... *Si vis me flere, dolendum est
Primum ipsi tibi.*

O orador, profundamente commovido pelos tristissimos acontecimentos do anno de 1861, logra communicar ao leitor a tristeza que o domina: é por vezes eloquente; por vezes arrebatada, e faz derramar sentidas lágrimas.

Prestava-se, em verdade, o assumpto aos altos vãos da eloquencia; mas havia o perigo de cahir no *pathos*, na declamação. Esse perigo evitou, pela maior parte, o orador, deixando fallar singélamente a natureza, e entregando-se aos impulsos da vehemente dôr que o dominava: pára de vez em quando, sólta um grito de consternação, ou expríme algum pensamento grave, como a religião os inspira em lances táes.

Tendo o orador que prantear o infortunio de uma nação inteira, occasionado pela pèrda de vidas precíósas, reconcentrou na contemplação da principal víctima todo o acervo de cogitações amarguradas, e pôde fazer sobresahir, como era de razão, o querido e magestôso vulto do moço Rei, que a morte, inexoravel quanto prematura, roubou ao affecto dos portuguezes, e á admiração do mundo todo!

É assim que, na primeira oração, e quási ao terminá-la, rompe o orador nestas arrebatadas perguntas:

— «O que váe por todo Portugal? O que se vê por toda a parte? O que se escuta de todos os labios?» —

O orador apressa-se a responder a sí mesmo, — e responde, copiando a verdade do que via e ouvia:

— «Todo Portugal está coberto de pesado luto, está submerso na mais profunda dôr e inconsolavel tristeza; todos vertem lagrimas, como ainda se não vertêram na morte de nenhum soberano; o que entre lagrimas e gemidos se escuta a cada momento é isto: *Morreu o*

pão dos pobres, o amigo do povo; morreu o monarcha bem amado, D. Pedro V, o bom, D. Pedro V, o virtuosos! —

É assim também, que na peroração do segundo discurso encontro phrases eloquentes, talvez sublimes, que resumem admiravelmente as raras qualidades e virtudes do Senhor D. Pedro V, e como que traçam a sua apothéose:

— «Está magestosamente erguido, glorioso vulto do monarcha abençoado! que te cercam, mais longe — os reis que te respeitavam e te choram, os povos que te honravam e te choram, — mais perto, o teu povo que te adorava e te chora; e junto, apertando-te, como se podessem novamente atrahir-te para a terra e chamar-te á vida, chorando ainda mais, cercam-te os desgraçados de toda a sorte que consoláste, as victimas de tantas calamidades, esses velhos de que eras o arrimo, essas viúvas de que eras o amparo, esses orphãos de que eras o pae, tantas creanças de que eras o futuro!...

«É a humanidade levantando a voz da glorificação dos séculos, é a primeira voz da historia immortalizando-te. É Deus, do oiro da tua fé, do diamante da tua caridade, das pedras preciosissimas de tantas lagrimas consoladas e remediadas, compondo a tua corôa de glória immortal.» —

Tudo merecia o Senhor D. Pedro V; nem ha nestas expressões o menor vislumbre de adulação.

O humilde escriptor desta *Introdução* teve por vezes a subida honra de estar a sós com o Senhor D. Pedro V; e jamais se retirou da Augusta Presença de S. M., sem vir dizendo comsigo: Como é possível adquirir-se, em tão tenros annos, tamanha cópia de variados conheci-

mentos! Quem te igualará, mancebo singular, em prudencia, em pureza de intenções, em amor da humanidade, em sentimentos nobres e elevados!

Mas ah! não quiz a Providencia que se demorasse na terra um homem, tão rico de intelligencia, tão estimavel pelo coração, tão sublime pela alma!...

Lí as singélas e interessantes notícias da educação que ao Senhor D. Pedro V e a seus Augustos Irmãos deu a excelsa Rainha, a Senhora D. Maria II, Sua Virtuosa Mãe, escriptas pelo Sr. Francisco Antonio Martins Bastos; lí depois o eloquentissimo elogio do Senhor D. Pedro V, tão primorósamente escripto pelo Sr. Luiz Augusto Rebello da Silva; lí, finalmente, tudo o que em 1861 e 1862 se escreveu a respeito do mesmo chorado Soberano; tudo me captivou o coração, por que tudo tendia a engrandecer o querido e saudoso Rei.

Mas, principalmente me impressionou muito um *despacho* do nobre e illustre Conde Russel, datado de 14 de Novembro do anno de 1861. Esse *despacho*, dirigido ao Ministro de S. M. Britanica nesta Côrte, escaparia á attenção de um ou outro portuguez; e tanto basta para que aquí o transcrêva:

— «Senhor. — Encarrego-vos de apresentar á Familia Real de Portugal o sincero e profundo pezar do governo de S. M. pela morte do ultimo monarcha.

• As excellentes qualidades do fallecido Soberano, a sua admiravel educação, a sua vasta instrucção, o seu zelo pelo bem-estar do seu povo, os seus sãos principios constitucionaes, o conhecimento que tinha dos interesses da Europa, e sobre tudo as suas singulares virtudes e não affectada piedade, inspiraram em Portugal dedi-

cada lealdade, e em todas as outras nações esperança, respeito e admiração.

• Expressareis estes sentimentos a El-Rei D. Fernando, ao Príncipe Reinante, e ao ministro dos negocios estrangeiros. = Sou etc. = Sir A. Magenis, K. C. B. = (Assignado) RUSSEL. • —

Um tal documento da chancellaria de Inglaterra, redigido por Lord John Russel, sobre ser um modelo de concisão nervosa e substancial, veio confirmar os encarecimentos que aos portuguezes tem merecido o Senhor D. Pedro V.

— Séguem-se, e por elles termina a presente collecção, alguns Sermões, que o Sr. Figueira teve occasião de prégar em diversas festividades.

Se me agradam debaixo do ponto de vista litterário, e no que respeita á expressão do sentimento religioso, — é certo que excédem, pela natureza especial do assumpto, a alçada da minha crítica, por que me faltam os elementos que poderiam dar-me competencia e authoridade.

Devo, pois, abstêr-me de os examinar; e só me cumpre entregar a sua apreciação ao juizo dos entendidos e competentes.

Tenho concluido a minha taréfa. Contei a origem das minhas relações com o author; lancei no papel os traços mais salientes da sua biographia; e fiz uma rápida resenha dos escriptos que hoje publica.

Na vida do Sr. Figueira elogiei o estudante distincto,

o sacerdote com vocação, o bom filho, e o cidadão prestável. — Nos seus escriptos louvei o cultor desvelado das letras humanas e divínas, e procurei fazer sobressair mais de uma passagem recommendavel.

Agora só me falta expôr, com franqueza e lealdade, o que se me affigura dever ser apontado ao Sr. Figueira, no próprio interesse dos seus futuros progressos.

Continúe a ser bom filho; faça diligencias por ser um sacerdote exemplar, um párocho excellente; e não se esqueça jamais dos devêres de bom cidadão, nem do amor que déve consagrar á pátria.

Nos seus escriptos encontro, aquí e acolá, uma demasia de luxo rhetórico; um tecido menos singelo e claro em uma ou outra phrase; talvez alguma tendencia para a declamação. — Estes senões, porém, lanço eu á conta da vivacidade fogosa dos seus trinta e quatro annos, — á conta da inexperiencia das primeiras tentativas; e affoutamente espero que a reflexão, filha do tempo e do estudo, hade operar no Sr. Figueira uma transformação feliz, que o seu incontestavel talento e louvavel applicação me fazem agourar.

Lisboa, Setembro de 1865.

José Silvestre Ribeiro.

DESCRIÇÃO DA FREGUEZIA DE CARNAXIDE

PARTE TOPOGRAPHICA

I

Situação da freguezia de Carnaxide, sua extensão e largura, seu clima, montes, valles, povoações, rios, producções, aguas, mineraes, gados, aves, vegetação.

A freguezia de Carnaxide, 8 kilometros ao poente de Lisboa, tem por limites ao sul o Tejo, desde a Boa Viagem até á Ponte de Algês; ao nascente as freguezias de Belem e Ajuda, das quaes a separa o rio de Algês até ao logar da Portella; ao norte as freguezias de Bemfica e de Bellas até Queluz; e ao poente as de Barcarena e Oeiras até ao Tejo.

Occupa uma extensão de 20 kilometros quadrados, sendo a sua maior extensão desde a Portella, ao nascente, até á Ponte do Jardim, ao poente; e a maior largura desde pouco alem da crista da serra de Carnaxide, ao norte, até ao Tejo, ao sul.

Seu clima é saluberrimo, por ser bastante abrigada pelos montes, que não impedem que o norte a areje e lave sufficientemente, e porque a proximidade do mar lhe tempera o calor, sem ser incommodada pelas marezias dos logares mais proximos do oceano, nem arrefecida pelos nevoeiros penetrantes da serra de Cintra.

É montuosa na maior parte, sendo suas elevações principaes a da serra de Carnaxide, cujo cimo se eleva 150 metros acima do nivel do mar, a da serra de Linda Velha 110 metros, a do monte de Santa Catharina 100 metros, a do monte de Algês 95 metros, a da serra dos Agodinhos

90 metros, a da serra de Linda Pastora 90 metros, a dos Altos da Viagem 80 metros, a do monte Peito de Dama (sul), ponto como a do norte na freguezia de Bemfica, mui notado do alto mar pela sua situação e fórma singular, 75 metros. Seus valles principaes são: o de Linda Pastora, que vae desde o sopé do monte de Carnaxide até á Cruz Quebrada á beiramar, sendo atravessado pelo rio Jamor, e formando um trato de terreno preciosissimo; o de Algés, atravessado pelo rio do mesmo nome, e tambem de bom terreno; o de Linda Velha, apertado entre elevados montes de um terreno argillo-calcareo, muito bem cultivado e de uma prodigiosa fecundidade; o Valle de Cano, quasi da mesma natureza do de Linda Velha, e que, tambem apertado entre montes, vae terminar á Boa Viagem. Tambem são de grande fertilidade o plató em que assenta Quejas, principalmente em annos enxutos, e o valle, ou antes a encosta da Franceza e mais terreno adjacente a Carnaxide.

Afora 36 fogos ou familias, dispersas em casaes, quintas e azenhas por toda a freguezia, consta esta dos logares de Carnaxide, Outorella, Portella, Algés, Linda Velha, Linda Pastora, Quejas e Praias, que comprehende Cruz Quebrada, Dá-fundo, S. José de Ribamar e Ponte de Algés.

São dois os seus principaes rios, ou antes riachos, poisque de verão, aindaque não seccam de todo, é suspendida a sua corrente, o que os faz quasi nada productivos de peixe. São elles: Jamor e rio de Algés.

O primeiro é formado de duas ribeiras, uma a de Bellas, de que, passando ahi, toma o nome, como, passando por Queluz, lhe toma o nome, tendo nascido no logar de Suimo; outra a de Carenque, a qual, tendo-se formado das aguas dos montes junto ao logar de Dona Maria, na freguezia de Almargem do Bispo, vem no sitio das Aguas Livres banhar a formosa e extensa quinta do sr. Biester, atravessa o valle a que dá ou de que recebe o nome, junta-se com a ribeira de Bellas em Queluz, ao sueste do qual, com o nome de Jamor, entra na freguezia de Barcarena, passa por Valejas, penetra na freguezia de Carnaxide, e na raiz do monte, em cuja encosta assenta aquelle logar, engrossada com a caudalosa ribeira da Negra, que das alturas e fragosidades do mesmo monte se vem despenhando, corta pelo valle de Linda Pastora até á Cruz Quebrada, onde entra no Tejo, tendo na freguezia de Carnaxide sido atravessada por tres pontes de boa cantaria, a do projectado caminho de ferro de Cintra, a da Cruz Quebrada e a de Linda Pastora, ambas á custa do real do povo levantadas pelo senado de Lisboa, aquella em 1608, e esta em 1606, e mais

duas de alvenaria, a chamada Ponte Grande, e a chamada de Jamor.

O rio de Algés tambem é formado de duas ribeiras, a de Cazellas, que passa entre esse logar e a Portella, tendo nascido no logar do Zambujal, na freguezia de Bemfica, e a de Outorella, a qual, nascida junto á quinta de Salrego, e engrossada de inverno com as torrentes que descem da serra de Carnaxide. vae juntar-se com a ribeira de Cazellas abaixo da quinta da Formiga, atravessa, com o nome de rio de Algés, o valle do mesmo nome até entrar no Tejo, tendo sido atravessada, na freguezia de Carnaxide, por tres pontes de cantaria: a do caminho de ferro de Cintra, a dita de Algés levantada pelo senado em 1608, e a de Cazellas, e uma de madeira perto e com serventia para o logar de Algés.

Quasi todo o terreno d'esta freguezia é muito productivo, e talvez mais bem cultivado que o de todas as freguezias vizinhas, poisque em escolher a semente, adubar e mondar são incansaveis quasi todos os lavradores, que só peccam por demasiado rotineiros, não se dando ao trabalho de experimentar instrumentos e systemas modernos compatíveis com as forças de pequenos lavradores, como quasi todos são os d'esta freguezia, e com a natureza na maior parte montuosa e pedregosa do terreno que cultivam.

Suas produções principaes são: optimo trigo durazio (porque veiu de Durazzo, mais antigamente *Epidamnus*, depois *Dyrrachium*, e hoje cidade maritima da Turquia europêa, ou por ser duro, em contraposição ao trigo molle?) e das duas qualidades muito apreciadas, das terras negras para peso, e dos barros para brancura; laranja, a primeira do reino para exportação, ou de espinho para cedo, ou de pevide para tarde; tangerina, com especialidade a das quintas da Graça do sr. Machado, e do Teixeira dos herdeiros do sr. Faustino da Gama; grão de bico, apreciavel melão, fava, ervilha, das quaes, em verde, é a freguezia de Carnaxide a primeira a sortir o mercado de Lisboa; e emfim delicioso vinho, similhante ao da Madeira, produzido principalmente das vinhas da Franceza, quinta de Cima e Dáfundo, hoje quasi de todo destruidas pelo *oidium*.

Tambem este fertil torrão, em duas partes de primeira ordem, em uma de segunda e outra de terceira, produz milho, cevada, tremoço, chicharo, e mais fructos de quinta e horta, mas que não nomeio porque não são de tão excellent qualidade.

Tem esta freguezia boas nascentes. A agua da Azena é reputada uma das primeiras dos arredores de Lisboa; é excel-

lente a do chafariz de Linda Velha, bem como a de Carnaxide; é soffrivel a de Quejas, Outorella, Alfragide e Fontainha; não é boa a de Linda Pastora, por a maior parte extrahida de poços; é pessima a de Algés, e escassa e longiqua a da Cruz Quebrada, que, podendo-a ter, a não tem, vendo-se os seus moradores muitos verões obrigados a manda-la conduzir de Carnaxide ou Pedrouços.

Emquanto a mineraes nada ha explorado, se bem que accusam a existencia de minas de enxofre camadas de terreno da mais pronunciada côr d'esse mineral nas excavações feitas pelas torrentes, como tambem se observam camadas de zarcão, e mais ou menos regulares de conchas marinhas, que se encontram até no mais alto das serras, o que, e a grande quantidade de pedra negra, attestam a origem e natureza vulcanica d'este terreno, que soffreu grande abalo em 1755, tambem grande a 11 de novembro 1858, e no mesmo dia do anno seguinte, abalo este ultimo, que, sentido muito n'esta freguezia, não passou de Alcantara.

De gados mui pouco cria esta freguezia, apenas empenhando-se dois ou tres lavradores em apurar a raça ovina, cuja lã n'esta freguezia é de inferior qualidade pela falta de pastagens em terrenos pouco humidos e todos cultivados, a deixar-se apenas algum comoro ou borda de estrada.

Aves tem muitas esta freguezia em suas ribeiras, sendo as mais notaveis entre as que por ali adejam, a arveola de peito amarello, emquanto a commum o tem branco, e o picapeixes, talvez no nosso paiz a ave de mais linda plumagem; em seus bosques, povoados de muitas especies, que com seus gorgeios fazem na primavera passar horas de doce enlevo a quem as escuta; e em seus montes, em que tambem diversas especies alegam com seus cantos mais simples, mas de algumas tambem muito estendidos e variados.

Em vegetação é abundantissima esta freguezia, cujo terreno feracissimo, tratado, tudo proluz, sendo admiravel a quantidade de variadissimas flores de que na primavera se matizam estes campos; e foi isto o que mais encantou o sr. D. Pedro V, que não descansou emquanto aqui não trouxe seus augustos irmãos e irmãs, que se não fartavam de fazer ampla colheita n'esses jardins naturaes, que tambem muito enlevam os estrangeiros que ás vezes com suas familias por aqui vem folgar.

II

Como a falta de arvoredos e boas estradas obsta à prosperidade a que pôde chegar a freguezia de Carnaxide. Pittoresca paisagem da mesma. Sua proximidade de Belem.

Recordações gloriosas de outro tempo. Fé.

Não fallando dos arvoredos da alameda do Rodizio, dos que bordejam o Jamor, principalmente junto á ponte do mesmo nome, e o rio de Algés, e dos de algumas quintas, esta freguezia é arida, o que lhe rouba parte do seu pittoresco, principalmente no verão e outono, e a priva de maior salubridade ainda; e, se se preferisse plantar amoreiras, que se dariam optimamente em tão ameno clima e nos terrenos mais humidos, de maior riqueza publica, dava-se ao povo mais um meio de minorar sua miseria, e ás creanças o começo do amor e costume do trabalho pela colheita das folhas e tratamento dos bichos da seda. Já insisti com a camara municipal d'este concelho, que com duas simples posturas muito podia fazer n'este sentido. E muito lucrariam os donos da serra de Alfrigide em cobri-la de azinhaes, que se dariam perfeitamente onde espontaneamente nasce o carrasco seu congenere ou sua origem. Muito aproveitariam os donos e rendeiros das terras plantando arvoredos á borda das estradas, das veredas, dos rios, das torrentes, em toda a parte que se podesse, sendo preciso que por uma vez se dispam do prejuizo de que os arvoredos lhes seriam nocivos assombrando as terras, poisque n'umas partes pela sua exposição sempre ellas seriam bem lavadas de sol, e n'outras qualquer damno seria sobejamente compensado pelas grandissimas vantagens que os arvoredos produzem, como são: lenha para usos domesticos, madeiras para utensilios agrarios, tornar as terras mais abrigadas, mais duradouras as nascentes, e assim o terreno mais permanentemente impregnado de humidade, e por isso sempre coberto de pasto para os gados, e apto para certas producções; mais reguladas as estações não sendo tão ardente o estio, porque o arvoredo attrahe a humidade, nem tão damnoso o inverno porque o arvoredo resguarda do sul, quasi todos os annos muito prejudicial n'esta freguezia, e quebrando a força das ventanias impede a violencia das tempestades que, está observado, açoitam menos vezes e com menos força os paizes bem arborisados.

Mas dos arvoredos ainda outras grandissimas vantagens auferiria esta freguezia.

No verão os moradores da capital demandam paragens pittorescas, de bons ares, boas aguas e boas sombras, e esta freguezia é pittoresca, é sadia, tem excellente agua e está muito perto de Lisboa, o que torna mais facil a ida e volta, e é mais commodo para o que tem de voltar diariamente a seus misteres commerciaes ou publicos. O que lhe falta, são: bastos arvoredos que, ajudando a attrahir a concorrência, dariam mais vida á freguezia, mais animação ao commercio e valor á propriedade; e boas estradas ao que, na falta de meios da respectiva camara, deve attender o governo de Sua Magestade, pois é injusto que entre todas as freguezias vizinhas da capital seja a mais desprovida d'esses grandes elementos de prosperidade esta freguezia, quasi a tocar no real paço da Ajuda, sendo certo que tambem grandezas de uma capital são arredores attrahentes pelo pittoresco e amenidade.

De inverno, aos que da capital saíssem a cavallo ou de carruagem, que delectoso passeio se offerceria vindo a S. José, Dáfundo, Cruz Quebrada e, ou por Linda Velha ou por Linda Pastora, tomassem para Carnaxide, para d'aqui, por Ajuda, voltarem a Lisboa? Seria um passeio sem rival, porque se não caminharía entre muros, mas sempre a descoberto e disfructando variadissimos panoramas de terra e mar.

De verão, mais proxima da capital e á beiramar e por isso com a dobrada vantagem de bom ar e banhos, esta freguezia podia ser para o commerciante e empregado publico a sua Cintra, de que aqui ha tudo, montes elevados, caminhos pittorescos, ora á borda dos rios, de levadas, de torrentes, por entre arvoredos sombrosos e moitas fragrantés de madresilva e gilbarbeira, ora por entre searas verdejantes e ondeladoras, por entre penedias alcantiladas e recortadas de agudos picos, de grutas naturaes e de variada vegetação que d'ellas resalta; já atravessando o valle ameno como coberto de um tapete, aqui uniforme da côr brilhante da encarnada papoila ou da cereulea azorella, ali producto de um artista incomparavel, Deus, variadissimo de folhagens e de flores de mil qualidades, de mil fórmás, de mil cores, de toda a grandeza; já seguindo ao longo pela encosta em que tão airosamente assenta o logar, que olha para o outro logar alem a alvejar na encosta fronteira, indo-se sempre observando como a cada momento e a cada passo se corre o panno de uma vista ao apparecer outra mui diversa, porque não se pôde fazer idéa sem se ver, e vendo-se não se pôde assás admirar que effeito magnifico produz aquelle mar, ora descoberto na sua immensidade, ora aos bocados

por detrás dos montes, ora similhando grandissimo lago, porque se lhe não vê a saída, entre altas montanhas, a cujo sopé se estão retratando no crystal das aguas povoações deslumbrantes de alvura, e entre cuja casaria apinhada sobresaem a igreja, como a mãe entre os filhinhos, e a torre elevada, d'onde se chamam os fieis á oração, que é o que eleva e une o homem a Deus, a terra ao céu!

E sobre todos esses montes, uns mais baixos, outros mais elevados, uns erguendo-se docemente, outros, como genios orgulhosos, de rampa quasi a prumo, e todos recortando no firmamento suas cristas tão desiguaes, e quasi todos coroados de moinhos, que em noites caladas desprendem sons como de harpas eolicas, levanta sua cabeça a gigantesca e formosa serra de Cintra, ora do mais limpido azul, ora envolta no seu capello de serradas nebrinas, que ás vezes não roubam de toda a formosura da perspectiva, porque dão fórmas vagas, phantasticas ás povoações e aos montes, ás penedias e arvoredos, que parecem ora maiores, ora menores, ora mais perto, ora mais longe, do que realmente estão.

Que espectaculo para absorver a alma nos mais doces e grandiosos pensamentos, se gosa, ao pôr do sol, do alto da serra de Carnaxide?

O sol, todo resplandecente de oiro e purpura, e se nuvens o cercam, n'ellas produzindo os mais variegados e lindos matizes, reflectindo brilhantemente seus raios nos vidros das habitações e dos pharoes, que, ainda de dia, já parecem a luz da noite, e no crystal das ondas, n'ellas a final se immerge com o dia, de cujo acabamento dá signal a torre elegante que o venturoso monarcha levantou lá na falda d'aquelle monte, á beiramar, e que vista d'aqui do alto da colossal montanha, parece de pygmeas dimensões. O que são as obras do homem em comparação das obras de Deus, e mais aquella recorda taes grandezas, grandezas de um soberano que soube tornar grande o seu povo, grandezas de um povo que soube grandes fazer os seus reis!

E d'essas grandezas não participaria nada este povo tão proximo, tão adjunto, tanto o mesmo povo?

Sim.

Algumas das mãos que alem ergueram esses monumentos, historias de pedra, eloquentes em sua mudez para quem tem patriotismo para interpreta-los, seriam d'aqui. D'aqui se viam ir mar fóra esses galeões, abarrotados de soldados e marinheiros portuguezes, com os corações ainda mais repletos de patriotismo e de fé, e o patriotismo e a fé são fogo que se ateia, entusiasmo que se communica. Tambem d'aqui foram alguns.

que esse formoso templo que se alevanta na encosta, e o que dentro d'elle é grande¹ na arte, são d'esses tempos felizes.

Ah! os nomes dos homens pereceram, immorredoura só foi a sua fé agradecida, que os tornou grandes, muito grandes!

E digam lá que a fé não vale muito! E queiram lá sem fé regenerar, de novo engrandecer um povo!

¹ A formosa cruz processional da freguezia de Carnaxide é de 1528, setimo do reinado de D. João III, continuador das glorias de D. Manuel e D. João II. O templo actual começou a ser levantado em 1676, e para isso se preparavam meios havia muitos annos. Concorreram pois para elle, e em levanta-lo trabalharam muitos dos valentes de Montes Claros, em 1665, de Castello Rodrigo, em 1664, do Ameixial, em 1663, e das linhas de Elvas, em 1659, batalhas que nos valeram nossa independencia nacional. E que epocha mais gloriosa do que aquella em que tão gloriosamente se pugnou pela liberdade da patria?

PARTE HISTORICA

I

Primeira parochial da freguezia de Carnaxide em Santa Catharina de Ribamar.
Ermida de Carnaxide para onde é transferida a parochial da freguezia. Procissão da Veracruz.
Etymologia do nome de Carnaxide. Rasão da escolha do orago.

Após a tomada de Lisboa aos mouros, a freguezia dos Martyres, de cuja primeira parochial D. Affonso Henriques assentára a pedra fundamental ¹ no mesmo sitio da ermida, pelos cruzados levantada á pressa sobre a terra em que jaziam os corpos dos que nos ataques da cidade, tendo morrido em defesa da fê, ficavam sendo venerados como martyres, foi limitada até ao rio de Oeiras ².

Passado pouco tempo, d'essa freguezia dos Martyres foi separado todo o territorio que lhe pertencia desde a actual freguezia de Carnaxide, á beiramar, até ao Lumiar e Campo Grande «Alvalade», e d'elle se formou uma nova freguezia, a que se deu por matriz a ermida de Santa Catharina de Ribamar, que, ou então foi levantada, ou, o que é muito mais provavel, já ali existia desde remotas eras.

Assim esta freguezia era a mais antiga das suburbanas de

¹ Cópia de escriptura de sentença contra os conegos de S. Vicente de Fóra e a favor da irmandade do Santissimo de Carnaxide em 1812. guardada no cartorio da mesma freguezia. Documento apresentado pelos conegos. — Pag. 14.

² Demonst. hist. de Fr. Apoll. da Conc.

Lisboa, porquanto, tomada esta cidade aos mouros em 1147, foi a primeira creada depois das freguezias da Sé e dos Martyres, e se não se sabe com certeza o anno da sua organização, é fóra de toda a duvida que já existia em 1171¹ em que ainda vivia o nosso primeiro monarcha, que veiu a fallecer em 1182.

Esta muito extensa freguezia foi sendo desmembrada a pouco e pouco, sendo d'ella separada a do Lumiar a 2 de abril de 1266 pelo bispo D. Matheus que então se achava em Unhos².

Tinham-se instituido collegiadas em Lisboa, e para as manter, doou-se a cada uma d'ellas sua porção de territorio. Foi d'este modo que se tornaram donatarios da freguezia de Oeiras os collegiaes de S. Lourenço, da de Barcarena os de S. Martinho, e da de Santa Catharina de Ribamar, em 1248 pela primeira divisão de parochias feita pelo bispo D. Ayres, reinando D. Sancho II, ou pelo menos em 1382 pela segunda divisão, feita pelo bispo D. Martinho³, reinando D. Fernando, já freguezia de Carnaxide, por se ter transferido a parochial da ermida de Santa Catharina para a ermida que os povos tinham levantado na encosta da serra d'aquelle nome, se tornaram donatarios os collegiaes de Santa Cruz do Castello de Lisboa, que sempre sustentaram seu direito, não sómente sobre a parochial de Carnaxide⁴, que eram obrigados a reparar e paramentar, mas tambem sobre a igreja de Santa Catharina, d'onde tinham chegado a parochiar uma freguezia de que eram os donatarios e priores.

D'essa primitiva parochia, de que nasceram tantas filiaes, por muitos seculos ficou perpetuada a memoria nas procissões ou cirios que das suas parochiaes vinham annualmente á dita ermida de Santa Catharina, em maio, no dia ou cêrca do dia de Santa Cruz, o que tambem attestava quam antigo era o dominio dos collegiaes do castello n'aquella antiquissima parochial suburbana de Lisboa.

Os do Lumiar vieram por muitos annos. Os de Bemfica, porque tomaram por castigo da interrupção d'essa festa tradi-

¹ Historia ecclesiastica de Lisboa, pelo Arcebispo D. Rodrigo da Cunha.

² Chronica dos arrabidos, por Fr. Antonio da Piedade.

³ D. Martinho, o Castelhana, porque tal era a sua origem, bispo de Lisboa desde 1381 até 1383, é aquelle que pelo povo, amotinado, foi precipitado da torre da Sé de Lisboa no dia em que foi aclamado defensor e governador do reino o mestre d'Aviz, depois aclamado rei nas côrtes de Coimbra em 1385.

⁴ Livro das visitações a esta parochia, em muitas partes. Escriptura de contrato entre o infante D. Luiz e os collegiaes do castello, pelo qual estes cederam áquelle sua ermida de Ribamar para ali se fundar um convento de arrabidos.

cional a grande secca e com ella a grande carestia que experimentaram certo anno em que não vieram, continuaram a vir até 1648¹.

Carnaxide não faltou até 1833. Em 3 de maio, dia de Santa Cruz, da parochial, entoando-se ladainhas saia a procissão para Santa Catharina, em cuja igreja o parochio entrava de estola e cruz alçada, como representante que era dos priores do castello, antiquissimos donos da casa, sobre que nunca largaram todo o direito².

E na verdade por mais de uma razão era veneravel essa religiosa festa annual. Era memoria tradicional da fé desde os mais remotos antepassados, e porque se ia pelos campos e por entre searas, então na sua quadra mais decisiva, era um uso altamente piedoso³ e oração muito propria para alcançar de Deus a abundancia e com ella a felicidade commum, a riqueza dos lavradores e prosperidade da agricultura que n'esta freguezia sempre foi tida muito em conta, e exerceu a principal influencia.

A ermida, depois parochial de Carnaxide, fôra desde o principio dedicada a S. Romão. E porque? Porque se preferiu esse santo a outros mais celebrados e venerados?

Cuidámos que houve n'isto seu intuito religioso.

Carnaxide, Carnexide ou Carnechide, como Algés e Alfragide, e como diz sua etymologia — carna-xade, ponta da ovelha — de origem arabe, era, no tempo dos mouros, uma localidade principalmente pastoril, d'onde, cada vez mais debastados os matagaes e cultivado este torrão abençoado, se tornou essencialmente agricola.

Assim era quando os christãos, predominando já⁴, procuraram christianisar a idéa arabe escolhendo para orago d'esta freguezia um santo venerado como pae dos lavradores, como é S. Romão, por aquella efficaz intercessão com que, segundo se refere na sua vida, livrara os povos do seu arcebispado de

¹ Chronica dos arrabidos, por Fr. Antonio da Piedade.

² A citada escriptura de contrato entre os collegiaes de Santa Cruz e o infante D. Luiz.

³ As ladainhas de maio, por entre as searas, como se faziam antigamente e ainda se fazem por muitas partes, são as anubarvaes romanas christianisadas. Os romanos presididos pelos sacerdotes arvaes (de *arva*, campos) em procissão conduziam por entre as searas as victimas que depois sacrificavam em honra de Ceres para d'ella alcançarem boas searas.

⁴ Com a monarchia portugueza cada vez em seu territorio mais se diffundia o christianismo, que, crescido e protegido, predominava. Não obstante, no reinado de D. João I. ao poente de Lisboa ainda havia muita mourisma. Monge de Cister, do sr. Alexandre Herculano.

Ruão ¹ de uma devastadora inundaçãõ do Loire, e do continuo susto e ruina de homens e animaes que causava uma alimaria ferocissima que n'aquelle tempo por ali apparecêra, desde então em França e outros paizes, e algumas provincias do nosso Portugal, invocado como dador de boas searas e preservador de animaes damnados.

II

Estylo da ermida, depois parochial de Carnaxide. Suas ruinas. Reedificaçãõ da igreja parochial. Visita do arcebispo D. Luiz de Sousa. Dissensões com os priores donatarios. Grandioso destino dos temples. Estylo da nova parochial de Carnaxide. Suas gloriosas recordações.

Aquella primeira ermida, annos depois da sua fundaçãõ, convertida em parochial de Carnaxide, interiormente pelo seu côro e forro de madeira, e exteriormente pelo seu alpendre, adro fechado e campanario ou torre muito pouco elevada ², parecida com a de Bellas, de Rio de Mouro, S. João das Lampas, Montelavar e outras, que ainda hoje em dia se vêem pelos arredores de Lisboa, e que datam dos principios da monarchia, ou que, já antes d'ella, eram mesquitas dos mouros, como n'algumas ainda hoje attestam os arabescos de seus portados, já muito arruinada interior e exteriormente ³ em 1642, chegou a tal estado de desmoronamento em 1662 que, tornando-se urgente repara-la, como os visitadores insistiam com os povos ⁴, estes entenderam que para se não estar reparando cada anno o que cada anno apparecia em nova ruina, era melhor deitar abaixo toda aquella edificaçãõ já muito abalada pelos tremores de terra, e envelhecida pelos seculos, e levantar desde os alicerces outra mais formosa, mais vasta, mais proporcionada á populaçãõ crescente da freguezia.

Dominados de tal pensamento, começaram de muitos annos a fazer economias em tudo que se podia, ao que tambem os incitavam os visitadores ⁵, até que chegaram a ter junta a somma que julgaram bastante para se dar começo a tal empreza, ardua para um povo pequeno, mas grande na fé, grande no ardor patriotico, que os movia ao desejo de possuir um templo que não envergonhasse povos tão vizinhos da grande capital, ainda então emporio do mundo.

¹ Pelo anno de 626 de Christo, reinando el-rei Clotario.

² Livro das visitações.

³ O mesmo livro das visitações.

⁴ O mesmo livro.

⁵ O mesmo livro.

No anno de 1676¹, o arcebispo de Lisboa D. Luiz de Sousa discorria pela sua vasta diocese, visitando em pessoa a grei dilecta que Christo lhe confiára, quando seus olhos aqui vieram dar com um espectáculo que muito sensibilisou, consolou e satisfez sua piedade.

No livro das visitações, de que se tiravam tão excellentes resultados² para os costumes, para a fê, para a frequencia dos sacramentos, para a decencia dos e nos templos, para a boa arrecadação e applicação dos rendimentos das corporações religiosas, para a extirpação de abusos e fanatismos³, para tudo que realmente é manter o espirito religioso, o viver christão de um povo, encontram-se as seguintes palavras escriptas do proprio punho do arcebispo: «Achámos esta igreja incapaz de n'ella podermos fazer visita, por rasão de estar derrubada e começada a fazer de novo, e *celebrando-se com alguma indecencia o sacrificio da missa*. Louvámos muito aos freguezes da dita igreja o zêlo e dispendio com que começaram esta obra, e por sermos informados que de presente estava parada por dissensões que havia entre os ditos freguezes e prior e beneficiados de Santa Cruz do Castello, a quem a dita igreja é annexa, o que estranhámos muito ao dito prior e beneficiados, porque, devendo elles excitar, mover e persuadir os freguezes, animando-os a continuarem a dita obra, tanto para serviço de Deus Nosso Senhor, os embaraçam com demandas menos ajustadas; encommendámos muito ao dito prior e beneficiados não empidam aos freguezes o seu bom zêlo, antes os ajudem e favoreçam, para que quando visitarmos segunda vez, o que será brevemente, com ajuda de Deus, achemos em que celebrar os officios divinos.»

Não encontrámos d'onde saber as rasões d'essas dissensões de que falla o arcebispo, mas é de presumir que foi ou porque, como depois, para a capella môr em 1792, os povos obrigavam a concorrer para a reedificação da igreja quem re-

¹ O mesmo livro, folha 27.

² Livro das visitações.

³ Livro das visitações, folhas 80, 81, 82. Citámos muito este livro, porque é de toda a auctoridade e notavel por muitas rasões, como são entre outras, fazer conhecer que força tinha e sabia empregar a auctoridade ecclesiastica a favor da fê e dos costumes; fazer conhecer factos importantes da historia d'esta freguezia. Cita elle o livro anterior das visitações que é pena ter-se desencaminhado. Como se vê do que existe a fol. 3 v. visitou em pessoa esta parochia em outubro de 1640 o celebre arcebispo D. Rodrigo da Cunha, auctor de *Vidas dos arcebispos de Braga, Historia ecclesiastica de Lisboa*, e redactor da *Constituição do arcebispado de Lisboa*, todas, pela sua linguagem do mais casto portu-guez, obras classicas.

cebia seus dizimos, ou porque os do castello se julgaram offendidos em seu direito de donatarios, sem permissão d'elles bolindo e derrubando um templo de que elles, porque ahi estava a parochial, eram os verdadeiros priores, e sós queriam ser senhores, mas que na verdade, não elles, mas os povos é que tinham no principio edificado.

Ou porque os povos poderam levar a sua por diante, ou porque os do castello cederam ao justissimo reparo e persuasões do arcebispo, as obras depois de pequena interrupção continuaram, e os povos lograram ver erguido esse verdadeiro monumento da sua piedade, monumento só de Deus e d'elles: de Deus, para quem era e a quem se dedicava; ah! eis mais uma grande utilidade e mais um grandioso fim dos edificios sagrados, recordar as gerações que foram, memorar sua piedade.

Quando ali entrámos, facil é vir-nos á memoria que n'aquellas lages ajoelharam, n'aquelle ambito oraram, d'ali subiram ao throno do Eterno as preces communs, e por isso necessariamente meritorias de muitas gerações. O templo é a reunião, o elo da piedade das gerações, une suas preces, une sua fé, e n'essa unificação de fé, de orações, de homens, de seculos, é que bem se póde dizer: é a humanidade perante Deus, é a criação, pelo homem, a primeira creatura terrestre, a creatura intelligente e livre, glorificando o Creador.

E d'elles, dos povos, que sós, quasi de todo desajudados de estranha protecção, e da protecção real dos soberanos portuguezes, eminentemente edificadores de padrões e monumentos da piedade e patriotismo portuguez, levantaram esse tempo em que não prima a arte, n'aquelle tempo abatida desde a usurpação e o espirito já decadente da epocha de D. João III, mas que apesar de tudo isso, como outros edificios de estylo Filippino, estylo secco, pesado, desgracioso, sem poesia, mas não inteiramente desprovido de grandeza, tem sua grandeza material, e ainda mais sua grandeza moral, grandeza religiosa e patriótica.

É um templo vasto em todas as suas dimensões, com alguma grandeza e airocidade em sua portada; e a largura em assição de seus muros, verdadeiras muralhas, o mesmo desadornado de suas paredes, apenas interiormente revestidas de excellentes azulejos, suas janellas simples e tão acanhadas que deixam apenas entrar essa meia luz tão propria aos templos, condizem com a simplicidade da fé e força do patriotismo d'aquelles que, pelas grandes batalhas das linhas de Elvas, do Ameixial, de Castello Rodrigo, de Montes Claros ¹, tendo, havia

¹ Vêde a nota no fim da parte topographica.

pouco, rematado e robustecido o grandioso edificio da liberdade patria, como que retratavam na obra material a obra do espirito. Reaccendia-se o espirito nacional que, após uma ingente luta de vinte e oito annos¹, como que se aprazia em fortificar-se em fortalezas inexpugnaveis, quaes mais eram as da fé, que deve ser simples e é eterna, e que por isso não desdiz ler-se em monumentos simples, mas solidos e duradouros.

III

Continua a reedificação da parochial Irmandades e merdumias que então havia. Alfaias. Cruz prioral. Terre. Sachristia. Reliquias da antiga igreja.

Levou a fabrica d'esta igreja sete annos, e ainda no fim d'elles não estava tal qual a vemos, que todas as gerações ahi foram erguendo mais um pouco, accumulando novas offrendas e provas da sua fé christã.

Em 1683 o visitador² encontra o templo erguido desde os alicerces, á custa de muita despeza e de muito zêlo, como elle expressa do seguinte modo: «Achei esta igreja edificada de novo desde os fundamentos, com grande dispendio dos freguezes, que fizeram a dita obra e contribuíram com suas esmolas, por seu bom zêlo, que Nosso Senhor lhes premiará na terra com bens temporaes e espirituaes, e no céu com a felicidade da gloria». E logo acrescenta: «Considerando os grandes gastos que se fizeram e empenho em que estão, lhes não mando por ora fazer cousa alguma mais do que paguem do primeiro dinheiro que houver as dividas em que estão, e lhes recommendo façam estrados, principalmente junto aos altares para se evitar a grande poeira que se levanta da terra. E sómente lhes mando que façam na porta-travessa fecho por dentro, por não haver actualmente mais que uma tranca, com que fica exposta a igreja a latrocínios e sacrilegios, o que cumprirão os fabricanos em termo de dez dias, sob pena de 1,5000 réis para o meirinho. E no dito termo fará o procurador da igreja ajuntar as taboas da mesma igreja, que estão em poder de diversas pessoas, e recolhe-las á *capella da igreja velha*, sob a mesma pena».

¹ O grito da independencia foi levantado no 1.º dia de dezembro de 1640, e a paz fez-se em 1668.

² Livro das visitações, fol. 30. — O visitador n'esse anno foi o sr. Sebastião Dias Camello, prior de S. Lourenço de Santarem e visitador do districto de Torres Vedras.

D'onde se conclue que, levantado o corpo da igreja, o mais se foi fazendo a pouco e pouco, porque o cofre tendo ficado empenhado, fraquejava até para as mais pequenas despezas; e que o corpo da igreja foi levantado primeiro que a nova capella mór, tendo, emquanto aquelle se erguia, ficado de pé a antiga, em que durante a obra se dizia missa, segundo recomendára o visitador de 1672, d'este modo: «Mando que se concerte logo o tecto da capella mór de modo que fique capaz de se poder n'ella celebrar officios divinos sem perigo e com decencia, porque ao presente é escandaloso o estado em que a dita capella mór está». N'ella se continuou a celebrar missa como diz o arcebispo Sousa, mas, como elle tambem declara, *com alguma indecencia*, porque o estado ruinoso da capella mór, havendo tenção de a reedificar dos alicerces, apenas fôra atamancado, e tambem porque o povo, não podendo n'ella accommodar-se todo, ainda apertando o altar, ficava assistindo por entre os montões de toda a sorte de materiaes para a obra por ali accumulados.

Levantado o corpo da igreja, para um dos altares lateraes, do qual se passou a dizer missa, pois não ha memoria de que os parochos, durante a reedificação da igreja, Diogo Luiz e Mauricio Antonio de Brito, cujo zêlo com muita rasão os visitadores louvam, fossem a outra parte dizer missa parochial, a capella mór tambem, e poucos annos depois, porquanto d'ella nunca fallam os visitadores, foi reedificada como se conhece pela sua altura em harmonia com a do corpo da igreja, e que de certo não era a da capella mór do primitivo e acanhado templo, e pela fórmula do tecto semelhante á da abobada do côro e sacristia, e tambem pela sua boa cantaria, na materia e labor, igual á do côro.

Mais adiante o mesmo visitador (1683), como antes de começar a obra outros tinham aconselhado, insta que se faça toda a sorte de economia, applicando para as obras o que se costumava despender com pregações e festas, que eram muitas¹, pois alem das proprias de cada confraria e mordomia, da da Rosa, havia uma em todos os primeiros e terceiros domingos de cada mez, e arrecadando, zelando, e para as mesmas obras destinando tudo que era devido ás mesmas morderias e confrarias, umas e outras² já existentes havia muitos annos, aquellas de S. Sebastião e Santa Luzia, e estas do Santissimo, de Nossa Senhora e de S. Romão, que tambem era administradora da fabrica, e das almas, que renovou, ou, por-

¹ Livro das visitações e outros documentos do cartorio d'esta freguezia.

² O mesmo livro.

que ainda o não tinha, veio fazer seu compromisso em 1785. De Nossa Senhora, com o titulo da Purificação, formou-se uma irmandade em 1688, mas ou ella não foi por diante, ou veio a fundir-se na de Nossa Senhora do Rosario, quando a devoção d'este mais se propagou, e tanto n'esta freguezia, que em 1752 se alcançou da Santidade de Benedicto XIV uma bulla, cujo autographo se conserva, pela qual se concede indulgencia plenaria a quem visita esta parochial no domingo do Rosario. A irmandade d'este fundiu em si ou fundiu-se ella na da Purificação, apropriando-se o compromisso d'esta com data de 1688, e do qual fazemos os dois seguintes extractos, por o seu espirito ser altamente christão e civilizador: «Cap. 9. *Da paz que se fará entre os irmãos que estiverem em odio.* Se alguns dos irmãos estiverem em odio ou malquerença com outros, os officiaes, que então forem, por si ou por algum religioso, se lhes parecer, os convertam logo e ponham em paz e concordia; e se algum for tão contumaz, que não queira vir a tal concordia e paz, tendo justa causa para a conceder, este tal seja logo, em cabido, despedido pela irmandade, como inimigo d'ella, porque não é digno nem capaz de ser irmão da irmandade da Virgem Senhora Nossa, que quer sejam todos uniformes em um vinculo de amor e caridade; e o irmão que souber de taes, será obrigado a manifestar na mesa para se cumprir este estatuto. Cap. 12.º *Da caridade que se usará com os irmãos enfermos.* E porque é uma das obras de misericordia que todos somos obrigados a cumprir, ordenámos que n'esta nossa irmandade, tanto que algum irmão adoecer, quem primeiro o souber dê aviso ao mordomo da mesa, e logo com muita diligencia vão os officiaes d'ella a visita-lo, e lhe lembrarão que se conforme com a vontade de Deus, e se confesse e receba o Santissimo Sacramento, e se informarão se está em pobreza e tem necessidade, e sendo vista a proporão em mesa e o proverão á custa do dinheiro que houver em deposito, e, quando o não haja, elegerão dois irmãos caritativos que, com o escrivão, pedirão esmola pelos irmãos, e se fará assento do que se tirar e do que se der aos doentes, e esta despeza se fará conforme o que assentarem os officiaes da mesa d'aquelle anno.»

Voltando ao ponto da reedificação da parochial, repetimos, o cofre commum chegára a grandes apuros, mas o cofre do zêlo particular é que não afrouxára, e talvez porque este se expandiu demasiadamente, por mais algum tempo aquelle se enfraqueceu. Aconteceu então o que acontece muitas vezes. Accendeu-se o enthusiasmo e o enthusiasmo é que fez tudo.

D'esse tempo é que são quasi todas as alfaias da igreja, imi-

tando algumas das cruces o acanallado das columnas da porta principal, e d'ellas e da custodia antiga, com o pé em fórma de calix, e o envoltorio debaixo de cupula, firmada em columnas, fallam os inventarios d'esse mesmo tempo (1685).

São pois mais modernas que a cruz prioral, o mais glorioso padrão d'esta freguezia por sua antiguidade, de 1528, data n'ella aberta em duas partes, e setimo anno do reinado do senhor rei D. João III, epocha de Antonio da Silveira¹, de D. João Mascarenhas², D. João de Castro³, epocha tambem de descobrimentos⁴, de colonisações⁵ e gloriosas missões⁶, e por seu valor artistico, pois, como attestam aquellas agulhas tão airoosamente levantadas, aquelles nichos salientes com seus santos, aquelles portados tão esbeltos, todo aquelle arrendado delicado e lavrado imaginoso dos martyrios do Senhor por toda a cruz, é do mais puro estylo manuelino, é do mesmo estylo do vizinho convento e igreja de Belem, e outros monumentos, que por esse reino celebram a gloria do reinado mais venturoso e potente.

A torre é de 1688, mais moderna portanto cinco annos que o corpo da igreja, cujo risco de frontispicio offende; e a sacristia é de 1694, porquanto o visitador de 1693 lamenta que a falta de uma sacristia obrigasse a que se revestissem os padres na pequenissima capella do baptisterio, servindo a sagrada pia baptismal de vestimenteiro, o que esperava elle se remediaria com brevidade.

E assim foi, pois nunca mais nas visitas subseqüentes se nota falta tão sensivel, e que tendo sido tão notada não podia depois deixar de ser reparada, antes o visitador de 1713 assim se expressa: «Achei esta igreja muito bem paramentada de ornamentos de que usa a igreja, e está *muito bem concertada e feita de novo* com muito custo, cuja despeza se fez toda

¹ Em 1538 Antonio da Silveira sustenta o primeiro cerco de Dio.

² Em 1546 D. João Mascarenhas sustenta o segundo cerco de Dio.

³ D. João de Castro, modelo do valor e honra portugueza, governa a India desde 1545 a 1548.

⁴ Em 1530 Martim Affonso de Sousa explora as costas do Brazil e seu irmão Pero Lopes de Sousa escreve o roteiro. Em 1542 os portuguezes reconhecem as costas do Japão.

⁵ Em 1530, explorado o Brazil, D. João III intenta logo, e pouco depois dá começo á colonisação do Brazil.

⁶ Em 1536 Antonio Galvão trabalha gloriosamente pela propagação do christianismo nas Molucas. Em 1540, Fr. Vicente de Lagos funda o collegio de Cranganor. Em 1541 é fundado o seminario da Santa Fé em Goa. Em 1549 S. Francisco Xavier, depois de por muitos annos ter pregado e convertido muitos milhares de almas na India, prega por dois annos no Japão, até ir ás portas da China terminar sua vida de verdadeiro e grande apostolo.

com as esmolas dos freguezes, cujo zêlo louvo muito, e o cuidado do reverendo cura (Manuel Freme Cabral), aos quaes exhorto continuem no mesmo zêlo e fervor, esperando em Deus Nosso Senhor lhes remunerere seu zêlo com lhes dar muitos bens espirituaes e temporaes, pois de todos é remunerador. D'onde se entende que a reedificação foi total, mas que se fizeram aproveitamentos.

O relógio de sol, incrustado no cunhal esquerdo do frontispicio da igreja, com a data de 1588, já estava assente na frente da antiga igreja. A campa de sepultura, com data de 1668, á entrada da porta principal, occupa o mesmo logar que occupava no alpendre da antiga igreja, de certo menos comprida que a actual, ou foi para ali trazida para se affeiçoar á linha de cantaria do pavimento da igreja, como outras muitas campas, o que ainda se conhece pelas inscripções, foram adaptadas ás escadarias em caracol do côro e torre.

Da antiga igreja são tambem: a pia baptismal, da maior simplicidade, como as das mais antigas igrejas de Portugal; e assim são os filhos d'esta freguezia baptisados hoje na mesma pia em que o foram os mais antigos filhos d'ella; os retabulos e pelo menos os arcos do mais bello lioz branco e vermelho dos altares lateraes, depois em 1806 nesciamente pintados em harmonia com o remate que então lhes pozeram para lhes dar mais elegancia, pois são tão baixos, tão acanhados, que bem se vê não terem sido feitos para uma igreja esbelta pelo seu mui levantado pé direito, mas sim terem pertencido a um templo mais pequeno e abatido; e, emfim, o retabulo da capella mór, que desapareceu em 1806, já em 1792 a cair de ruina, o que não aconteceria se só fosse da idade dos retabulos dos tres altares lateraes mais antigos, ainda hoje medianamente conservados, como tambem, se fosse, como estes, de tão bella talha dourada, então em melhor estado, o que devia produzir vistoso effeito, não haveria rasão para tanta queixa, que, como veremos, fez levantar e vencer uma demanda de vinte annos.

IV

Terremoto de 1755. Instituição da festa de Nossa Senhora do Amparo. El-rei D. José attende ao clamor do povo de Carnaxide. O estado de lamentavel ruina da capella mór faz que os povos se queixem á rainha D. Maria I e depois ao principe regente. Celebre demanda de vinte annos com os conegos de S. Vicente e collegiaes de S. Nicolau. A actual capella mór é primorosamente restaurada. Cyrio e festejos do Cabo em 1806 e 1807¹.

Começariamos já a fallar d'essa demanda, por muitas rasões notavel, se a ordem do tempo nos não obrigasse a fallar primeiro do grande terremoto de 1755, e de como elle deu origem á grande solemnidade religiosa d'esta freguezia, a festa de Nossa Senhora do Amparo.

Quando um grande ministro, forte por sua propria energia, e pela confiança illimitada que n'elle depositára o monarcha, estava a braços com a empreza audaz e multiplicada de regenerar o exercito, a agricultura, a industria, a policia, a fazenda, um grande acontecimento veiu revelar quanto, para salvar da maior ruina e engrandecer o seu paiz, vale um genio verdadeiramente grande e verdadeiramente patriota.

O grande terremoto de 1755 prostrou em ruinas a famosa capital de D. João I, de D. Manuel e de D. João V. Em momentos foram subvertidos, com as habitações dos pequenos, muitos palacios de grandes, igrejas, monumentos publicos, incalculaveis riquezas, preciosissimos archivos e livrarias, tanto que todos os reis e gerações portuguezas com tanto custo e ardor tinham accumulado! Ruina immensa, que só um genio verdadeiramente extraordinario seria capaz de remediar, fazendo das ruinas de uma cidade antiga surgir outra nova, e mais regular, mais bella, tambem rica de magnificos edificios e grandiosos monumentos publicos, que eram levantados ao mesmo tempo que os particulares reparavam ou reedificavam suas habitações, chamados e incitados pela auctoridade, que entretanto não deixava de attender com a maior vigilancia ao bom regimen e engrandecimento de toda a nação.

Esse espantoso terremoto, que mais ou menos se fez sentir por todo o reino e grande parte da Europa, tambem alastrou de

¹ Estas solemnidades são para os povos dos arredores de Lisboa as suas olympiadas, os seus lustros. Contam-se de 24 em 24 annos. Assim quando se quer fallar da idade de alguem, é commum dizer: viu tantas vezes o cirio do Cabo; tinha tantos annos quando ultimamente veiu a Senhora do Cabo.

ruínas esta freguezia, como, por sua muita proximidade a Lisboa e natureza vulcanica de seu terreno, era mui natural que acontecesse.

Deixemos fallar o parochio d'então (Sebastião Henriques), cuja linguagem, filha da impressão dolorosa de quem presenciou tão pavoroso acontecimento, exprime bem ao vivo o que se passou: «Primeiramente, escreve elle na nota conservada no cartorio d'esta freguezia, e copia da que pela auctoridade lhe fôra exigida, primeiramente o terremoto do dia 1.º de novembro principiou ás nove horas da manhã, e continuou o movimento da terra por espaço de cinco minutos, quando veio o maior abalo e tremor de maior ruína, e passados dez minutos, com pouca differença, veio o terceiro tremor, não tão forte como o segundo, mas com grande movimento.

«E quanto a perceber-se de que parte foi maior o impulso, n'aquelle conflicto não haveria animo que o observasse, e a meu ver, segundo o sitio aonde então me achei, e pelas ondas que a terra fazia, era o maior impulso do norte para o sul, e quanto a ruínas tanto foi para uma como para a outra parte, pois é certo que todas se arruinaram pela parte mais fraca.

«Quanto ao numero de casas caídas n'este lugar de Carnaxide, que se compõe de oitenta e tantos fogos, só caiu em tres moradas de casas um pedaço de parede em cada uma, ficando os telhados direitos, e todas as mais ficaram direitas, muitas sem perda e outras com algumas ruínas. A igreja é que experimentou mais ruínas, pois abriu a abobada por todo o seu comprimento, e as abobadas do côro todas se arruinaram, que todas hão de ser feitas de novo, e no frontispicio duas brechas, e do arco cruzeiro para dentro ficou sem lesão, e com toda esta ruína sempre se celebraram todos os officios divinos dentro da dita igreja.

«O lugar de Ninha Pastora, que se compõe de setenta e tantos vizinhos, foi o que n'esta freguezia mais padeceu, pois se arruinaram trinta e duas moradas de casas, umas de todo razas e as mais com muita ruína.

«Na quinta do Rodizio, que tinha nobres casas, todas ficaram arruinadas e incapazes.

«No lugar de Quejas, que se compõe de trinta e tantos vizinhos, se arruinaram sete moradas de casas.

«No lugar de Ninha Velha, que se compõe de cincoenta e tantos vizinhos, duas moradas de casas.

«No lugar de Outorella, que tem trinta e tantos vizinhos, houve algumas ruínas, mas não caiu casa alguma.

«No lugar de Algés, que tem quarenta e tantos vizinhos, se arruinaram seis moradas de casas.

«Alguns casaes mais que ha na freguezia, experimentaram ruina, mas não caíram.

«Ha mais n'esta freguezia tres conventos da provincia da Arrabida. O de S. José alguma ruina teve, mas não foi de muito prejuizo; o de Santa Catharina mais padeceu, pois lhe caíram os dormitorios, e a igreja tem de se fazer de novo, que toda está arruinada; o da Boa Viagem tambem não teve muito prejuizo.

«N'esta freguezia não morreu pessoa alguma, e só um homem, que levou o mar, mais não appareceu.

«O mar, depois dos tres movimentos da terra, estando a maré vazia, teria passado um quarto de hora, tres vezes entrou pela terra pelo mesmo espaço com que foram os movimentos da terra, e com tanto impeto que botou abaixo as guardas da ponte da Cruz Quebrada, limite d'esta freguezia, do meio para a parte do sul, e, não obstante serem pedras grandes, ficaram a maior parte deitadas sobre a ponte, e algumas levou bastante distancia pela terra dentro, e segundo o baixamar em que estava levantou, segundo dizem algumas pessoas, bons trinta palmos.

«E junto á mesma ponte, no casal do Esteiro, estava um brejo aonde a terra abriu varias bôcas, e a maior havia de ter palmo e meio de largura, por onde se mettia uma aguilhada comprida e não chegava ao fundo, e no mesmo casal se viram alguns olhos de agua por onde saía areia branca do mar; mas duraram pouco tempo.

«Algumas fontes se seccaram por algumas horas, e ficaram com menos agua umas e outras com mais.

«Quanto aos terremotos que se têm repetido depois do 1.º de novembro, dia de Nossa Senhora da Conceição houve um grande, dia de S. Thomé outro do mesmo teor, e de dia e de noite até ao presente sempre se têm sentido tremores da terra com mais ou menos movimento.»

Assim n'essa simplicidade o parochio pinta fielmente esse desastroso acontecimento de que, com gloria do grande ministro, falla a transformada moderna Lisboa, e n'esta freguezia a tradição constante de uma solemnidade religiosa, ininterrompidamente desde então até hoje celebrada. A festa do Amparo em domingo de Paschoela recorda o muito que esta freguezia deve, e se obrigou á Virgem desde aquelle dia de triste memoria para todo Portugal, e para esta freguezia tambem de terna e piedosa recordação.

N'esse dia que a igreja consagra á memoria de todos os santos, congregado em maior numero, o povo assistia na parochial ao santo sacrificio da missa quando, após surdo rugir

subterraneo, aquelle edificio, verdadeira fortaleza, tremeu como se fôra arvore agitada pelo vendaval, aquella grossissima abobada, em toda a sua extensão, como ainda hoje attesta a protuberancia mui sensivel que n'ella se observa do lado esquerdo do edificio que d'esse lado abateu toda alguma cousa, abriu a deixar ver o azul do céu¹.

Que pavor! Ergue-se por um movimento irresistivel e commum todo o povo, levanta altos gritos de misericordia, corre, approxima-se da imagem da Virgem do Amparo² e, na expressão da maior angustia, para ella levanta as mãos e os olhos bradando: «Amparae-nos, ó Virgem».

Veiu novo abalo, e a abobada, sem se despenhar, une-se mais, ninguem de tantos que ali se agglomeravam e oravam, e ninguem fôra em toda a freguezia, pereceu victima d'esse cataclysmo espantoso³.

O povo, na sua ingenua piedade, mostrou-se agradecido, e esse agradecimento ainda dura. Fez, em acção de graças á Virgem, o voto de venera-la solemnemente com matinas na vespera, e sacrificio e procissão todos os domingos de Paschoela⁴.

As ruinas da parochial foram remediadas, e não só pelo zêlo do povo, mas tambem pela piedade generosa de el-rei D. José, junto de quem tinham bastante influencia o sargento mór e outros notaveis, que por aqui habitavam e que tambem souberam ser canaes das vozes queixosas do povo do logar de Carnaxide quando viu que, sem compensação, lhe vinham tirar do sitio das Francezas, perto e ao norte de Carnaxide, a agua preciosissima que se intentava introduzir no monumental aqueducto das aguas livres, que no sitio da Buraca passa d'aqui a pouco mais de 2 kilometros.

Com esse fim começaram e progrediram obras que não desdizem, na riqueza de cantaria e belleza dos aqueductos, d'aquelle aqueducto mestre, mas antes, satisfazendo o justo e bondoso monarcha ao justo clamor do povo, se fez levantar esse bello aqueducto e chafariz de Carnaxide, dignos de uma cidade, e

¹ Requerimento dos festeiros do Amparo em 1810, com seu despacho de 5 de abril d'esse anno, guardado no cartorio d'esta freguezia.

² Já, como se vê do livro das visitações, existia desde muito antes do terremoto a imagem de Nossa Senhora do Amparo, e portanto não é exacto que, como se diz, só então assim se começasse a invoca-la.

³ O homem, que diz o parocho fôra levado pelo mar, estava carregando lenha á Cruz Quebrada, e montado n'um boi foi levado pelas ondas, mas animado pelas religiosas da Boa Viagem, ainda pôde ser salvo.

⁴ O mesmo requerimento já citado.

em cujo frontispicio se lê esta inscripção, que exprime bem a liberalidade, magnificencia e piedade do monarcha edificador:

Fidelissimus Rex Josephus I,
 Liberalis, magnificus atque pius,
 Jussit, ad utilitatem populi hujus,
 Liberam hanc fluere aquam.
 Anno Domini MDCCLXVI¹.

A influencia dos notaveis de Carnaxide junto dos soberanos continuou, e por isso, e pela vizinhança em que Carnaxide está de Queluz, onde se começavam as obras de palacio e quintas², os monarchas continuaram a dispensar sua protecção a esta freguezia, sendo mandadas fazer pela senhora D. Maria I, a rainha mãe, como o povo na sua amoravel linguagem gostava de nomea-la, todas as portas interiores e exteriores, lateraes e principal da parochial, todas de boa madeira e a ultima de graciosa talha; e sendo muitas das alfaias³ de Nossa Senhora do Amparo dadas das infantas e da princeza, depois rainha e imperatriz D. Carlota Joaquina, que por suas proprias mãos bordou um fato completo para a mesma imagem de Nossa Senhora, á qual, antes da sua ultima jornada a Roma (1863), tambem sua alteza a senhora D. Izabel Maria, herdeira da devoção de seus augustos e reaes progenitores, fez presente de um fato completo.

Emquanto ao senhor D. João VI, era manifesta sua predilecção pelo povo d'esta freguezia, muito sua conhecida, alem das razões que disse, de vizinhança e privança que junto d'elle ti-

¹ Traduzido diz assim: O fidelissimo rei José I, liberal, magnifico e piedoso, mandou que, para utilidade d'este povo, corresse livre esta agua. Anno do Senhor 1766.

² A quinta de Queluz, por sentença proferida contra o segundo marquez de Castello Rodrigo, fôra adjudicada ao fisco, e por carta de 11 de agosto de 1654 fôra incorporada na casa do infantado, que D. João IV instituiu a favor de seu filho, depois rei D. Pedro II, que a deixou a seu filho D. Francisco, pela morte do qual, vencido o pleito levantado pelo infante D. Antonio, irmão de D. Francisco, passou ao infante D. Pedro, irmão de el-rei D. José, e depois esposo de sua filha a senhora D. Maria I, o qual é que, se pôde dizer, fundou de novo o palacio e quintas de Queluz, tão radicaes e importantes foram as obras que emprehendeu, e começou a levar a cabo depois de 1755. Descripção do palacio e quinta de Queluz, pelo sr. marquez de Rezende, *Panorama* de 1835. — Aproveitamos esta occasião para declarar que, em presença da sempre irreprehensivel redacção dos seus assentos parochiaes, não se pôde comprehender como fosse « em simpleza fecundo e engenheiro » o rev.^{do} Agostinho Martins, parcho de Carnaxide desde 1788 até 1814, e do qual o ex.^{mo} marquez transcreve, como amostra, uma carta, que não foi senão uma graça mais de pessoa de quem se citam muitas.

³ Livro pertencente á confraria de S. Romão, fol. 94.

nham alguns freguezes d'aqui, tambem porque por estes campos discorria muitas vezes á caça. Por vezes, ora só, ora acompanhado de sua real familia, visitou esta parochial, da renovação da formosa capella mór da qual o mesmo monarcha, como vamos ver, foi origem, fazendo que não esmorecessem, antes fossem por diante os de Carnaxide contra o que manifestamente era prepotencia de poderosos, fortes para fazerem calar a justiça! Quanto pôde um rei quando é justo! Quanto produz dos reis só a boa mas verdadeira vontade!

A capella mór, como diz o parochio, nada soffrêra com o terremoto de 1755, comtudo o seu retabulo em 1792, de certo porque, como dissemos, era o do antigo templo, chegára a tal estado de ruina que se tornára impossivel continuar a exercer na capella mór o culto divino.

D'isto se queixou a irmandade do Santissimo d'esta freguezia á rainha a senhora D. Maria I que, em aviso de 10 de julho de 1792, fez pela secretaria do reino remetter o requerimento ao em.^{mo} patriarcha, D. José Francisco Miguel Antonio de Mendonça, que a 13 de maio do anno seguinte, para se obrar como era de justiça, deu commissão ao rev.^{mo} vigario geral, arcebispo de Lacedemonia, D. Antonio Caetano Maciel Calheiros, que encarregou o rev.^{do} vigario de Loures de examinar se era justa a queixa dos de Carnaxide, e, sendo-o, de fazer o orçamento da obra, para a qual fez sequestrar o terço dos dizimos que d'esta freguezia recebiam os conegos de S. Vicente e collegiaes de Santa Cruz do Castello, de S. Nicolau e de S. Julião.

Tiveram porém estes todos força para se fazer tudo suster, até que a irmandade do Santissimo, animada, mesmo incitada pelo regente, depois D. João, VI do nome, que se abriu com franqueza aos intimos d'aqui que se lhe queixaram, fez-lhe novo requerimento que, pelo marquez mordomo mór, em data de 2 de dezembro de 1799, novamente se expediu para sua eminencia, que novamente tambem confiou deferi-lo ao rev.^{mo} vigario geral, que outra vez fez proceder a sequestro no terço dos dizimos que se destinára para a requerida obra, a 13 de janeiro de 1800.

Accendeu-se a demanda, porque os conegos regrantes de S. Vicente de Fóra e os collegiaes de S. Nicolau repugnavam satisfazer ao que, sustentavam elles, se oppunha ao seu direito: estes porque, argumentavam, se um dos fins dos dizimos era conservar os edificios sagrados, preenchiam esse fim, reedificando, como já havia annos andavam reedificando, a sua igreja de Lisboa com o esplendor que devia ser, e que seria preciso ainda bastante tempo para se concluir, sendo entretanto obri-

gados a accommodar-se na pequena ermida da Victoria, que estava fóra dos limites da sua freguezia, onde não cabiam, e que, de mais a mais, estava tambem incompleta, pois era de madeira seu frontispicio; aquelles porque, arrasoavam, D. Affonso III, herdeiro da predilecção que desde D. Affonso Henriques os monarchas portuguezes tinham dispensado a S. Vicente de Fóra, desde aquelle santo clerigo¹ que, após a tomada de Lisboa, fóra estabelecido no mesmo sitio em que aquelle primeiro monarcha portuguez assentára a pedra fundamental² da sua igreja e convento, lhes tinha, alem do quarto real, sem onus algum, taes como elle rei as possuia, doado terras no seu reguengo de Algés³, doação que tinham confirmado, D. Diniz, D. João I, D. Duarte, o Regente infante D. Pedro, D. Affonso V, D. Sebastião, D. Filippe I, D. Filippe III, D. Pedro II e D. José, dos quaes todos apresentaram documentos, copiados no traslado que d'esse notavel processo se guarda no cartorio d'esta igreja.

A demanda levou vinte annos, poisque, tendo começado em 1792, em que pela primeira vez se requereu á senhora D. Maria I, terminou em 1812, anno de que é datada a sentença final do nuncio apostolico! Notavel prova de que tambem n'aquella epocha, quiçá de menor corrupção que esta nossa, o patronato e poderio influíam nefastamente contra a justiça, contra o que, contribuir para reparar uma igreja os dizimos do districto d'essa igreja, tão evidentemente era de direito, e em cousas tão santas, e por quem mais as devia zelar. O que faz o interesse!

Mas emfim, o que não sabemos se aconteceria hoje em dia, tempo de mui fallada liberdade popular, pela aldeã, pequena, humilde corporação da irmandade do Santissimo d'esta freguezia foram vencidas corporações poderosas por sua influencia e riqueza.

¹ «E pera se fazer mais cumpridamente o serviço de Deos, pozerão em essa Igreja um creligo de santa vida, ordenado de missa, o qual cantava em cada um dia pollas almas dos passados e pollo estado da santa Igreja, e este creligo avia o nome de Roardo. Recebia e guardava todas as ofertas que ahy traziaõ para se fazer e levantar o ditto mosteiro. E poz com este creligo na igreja hum homem leigo, de boa vida, que ouvesse de servir os altares e guardar os ornamentos da Igreja, tangesse as campas ás horas canonicas, e este homem bom avia o nome de Anrique Servidor.» Documento apresentado pelos conegos, exarado na copia de escriptura de sentença contra os mesmos e a favor da irmandade do Santissimo de Carnaxide, pag. 117. Será authenticico aquelle documento?

² O mesimo documento já citado.

³ Documento apresentado pelos conegos. — Copia d'escriptura, pag. 14. É datado de 1264.

A capella mór foi restaurada com elegancia e riqueza de trabalho e dourados, muito notaveis n'uma igreja rural.

Para que tudo saísse bem acabado e aperfeiçoado, empregaram-se todos os esforços, já na escolha de madeiras¹, já de todos os generos ali precisos, chamando os mais apurados artistas.

N'essa mesma occasião foi reparado não só o tecto da capella mór, mas tambem o do corpo da igreja, da direcção da pintura do qual, do melhor effeito e harmonia que podia ser com o escuro pouco ajudador do azulejo das paredes do templo, foi encarregado o distincto pintor Pedro Alexandrino, auctor de grande parte dos bons quadros das igrejas de Lisboa, e que na de Carnaxide pintou um quadro de S. Romão sob o arco cruzeiro, talvez porque ali recebia melhor luz e ha melhor plano do que no tecto do corpo da igreja, mui desigual desde o terremoto de 1755.

Emquanto durára a demanda, as obras tinham começado e continuado, a ponto de estarem promptas em 1806, em que se recebeu Nossa Senhora do Cabo com uma grandeza de que não havia memoria, porque el-rei D. João VI, ainda regente, cedendo á sua propria devoção e á influencia que em seu animo tinha o insigne picador Antonio Diniz, do logar de Carnaxide, ajudou muito o festejo, ordenando que o cirio fosse acompanhado pela então luzidissima e mui numerosa picaria real.

V

Retirada da familia real para o Brazil. Invasão dos francezes. D. João VI não esquece os seus amigos da freguezia de Carnaxide. Decreto de aforamento dos baldios. Um ministro patriota. Volta de D. João VI do Brazil. Conventos. Aparecimento de Nossa Senhora da Rocha. Cholera morbus. Devastação dos pomares.

A epocha que vamos descrever é mais de luto e tristeza, só consolada e interrompida pelas glorias do patriotismo e douras ineffaveis da fé.

¹ Não se empregou ali madeira que não fosse primeiramente passada pelo fogo, e eis a razão por que, passados tantos annos, não se lhe vê uma só fenda. Eis os nomes dos principaes que ali trabalharam: Pedro Alexandrino, em pintura; o afamado Thomás de Aquino, José Caetano, Manuel Joaquim, entalhadores; Joaquim da Silva, dourador, e este era morador em Carnaxide; o excellentê mestre dos carpinteiros do palacio da Ajuda, Antonio Pedroso, seu filho, Miguel Duarte Pedroso, e Francisco Xavier Pereira, todos tres de Linda Velha e carpinteiros.

Não sabemos por que é que no coração humano cae pesada nuvem de tristes presentimentos, quando está imminente uma grande desgraça. Então, mais do que nunca, consola ver rostos amigos e estar entre corações, que se creê nos consagram sincera amisade.

Entenebreciam-se cada vez mais os horisontes politicos, e D. João VI, inerte mas perspicaz, adivinhava que do lado da França e da vizinha Hespanha lhe estava a estalar a tempestade temerosa que, podendo-lhe levar a corôa e a vida, engolfaria em pelago de desgraças e de luto o seu querido Portugal.

Ei-lo quasi só, pensativo, triste, percorrer esses campos, vir aqui dar, aqui chorar, aqui desabafar suas máguas de pae e soberano, que antevia com duplicada dor a duplicada desgraça de sua real familia e da grande familia do seu povo.

Dois dias depois, Belem contemplava um quadro de dor, semelhantes ao qual poucos recorda a historia. Via-se um soberano, entre lagrimas de um povo que o amava, chorando elle tambem, ir deixar esta terra da lealdade, onde lhe ficava o coração e o pensamento incerto e assustado pelo que ia succeder.

Decretos da Providencia!

D'ali partia com o soberano portuguez o penhor da futura pacificação de Portugal, e o principio da independencia e ordem do novo Portugal. Se elle lá não fôra, de certo os acontecimentos rodariam n'outro sentido, e o Brazil, com menos ordem, não teria prosperado tanto.

Mas primeiramente Portugal passou por grandes sacrificios, o solo sagrado da patria foi pisado pelo estrangeiro, que, tem assim acontecido muitas vezes e póde ainda acontecer, nos fallava de liberdade e engrandecimento, algemando-nos e enfraquecendo-nos, tudo dominando, de tudo se apossando¹, até que o glorioso Portugal, acordando á voz do patriotismo, soltou o rugido da vingança, e, em esforço commum, por tres vezes repelliu os que, valentes da republica e de Napoleão, viram pela primeira vez empallidecer o astro da sua fortuna ante as famosas linhas de Lisboa.

E que admira que assim acontecesse, se o esforço era commum, e se é certo que quando ha união, patriotismo e justiça nenhuma nação é pequena!

Venceu-se, porque do antigo valor, constancia e disciplina

¹ É sabido como os invasores foram activos em lançarem mão dos thesouros das igrejas de Portugal. Carnaxide salvou os seus pela protecção da marquezia de Alorna, attenta ás supplicas da sua lavadeira, boa mulher d'aqui, e que a marquezia muito estimava. E não tenham lá amigos ainda entre os mais pequenos!

portugueza não desdisse mais uma vez esta nação, mais costumada a vencer do que a ser vencida, porque cada um, como podia, contribuiu para o triumpho glorioso da causa nacional.

Todas as provincias deram ao exercito briosos regimentos, nenhuma freguezia deixou de lhe enviar filhos seus, e Carnaxide não só de cada um de seus logares mandou muitos soldados ao exercito, mas do corpo de milicias do termo occidental de Lisboa fez parte tão notavel pela sua disciplina, que, tendo á sua frente Manuel Liborio Diniz, mereceu publicos e os maiores elogios do severo disciplinador Beresford.

Devia isto ser grato a el-rei D. João VI, que relegado na colonia florescente, que em florescentissimo imperio ia dentro em pouco ser transformada, não esqueceu os seus amigos da freguezia de Carnaxide.

Como que D. João VI antevia que estava proximo o tempo de Portugal trocar o oiro preguiçoso de metropole descuidosa pelo oiro mais certo e mais nobre do trabalho e proprio engrandecimento.

De lá mesmo promulgava o decreto que ia fazer dar um passo á, desde as conquistas, definhada agricultura. Ordenando o aforamento dos baldios pertencentes ás camaras e fazenda, especifica «que os baldios da freguezia de Carnaxide seriam aforados em beneficio dos povos da mesma freguezia e de Valejas».

Não obstante não se ter sabido aproveitar o povo das vantagens que lhe dava aquelle decreto, poisque não procurou cada um dos pequenos alcançar e arrotear um pedaço de terreno, que assim poderia ser o nucleo do seu engrandecimento e dos seus, e se deixou que sós os maiores se aproveitassem, sempre o publico lucrou, porque passou a ser campo aravel e productivo de boas searas terreno que, quasi metade da freguezia, até ali só era coberto de urzes e pedregaes.

Estas vantagens foram ainda augmentadas pelo patriotismo zeloso pela sua terra do intelligente e honrado ministro da fazenda em 1821, Francisco Duarte Coelho, natural de Linda Velha, logar que elle dotou de um bello chafariz de afamada agua e lavadouro para o povo, cujas necessidades assim mostrou saber avaliar e remediar, e de boas estradas que communicam aquelle logar com os outros logares da freguezia e com as estradas reaes, e que elle intentava estender mais, quando o afastaram do poder as intrigas dos partidos, porque já o patriotismo de 1820 começava a ser suffocado pela cegueira das facções, que em seu vaivem de interesses e opiniões oppositas tambem faziam fluctuar o animo, de si indeciso e pacifico, do bondoso monarcha, ao seio da patria já de volta (3 de

julho de 1821), trazendo em sua companhia o cadaver da egregia mãe, a senhora D. Maria I, que fallecêra na cidade do Rio de Janeiro a 20 de março de 1816, e que antes de ir descansar em seu real jazigo no convento do Santissimo Coração de Jesus, á Estrella, o qual fundára, por mezes teve por jazigo o convento de S. José de Ribamar, um dos tres d'esta freguezia de Carnaxide.

De cada um d'elles daremos aqui breve noticia.

O convento de S. José de Ribamar, assim chamado da sua situação, foi primitivamente (1559) fundado por D. Francisco de Gusmão e sua mulher D. Joanna Blasvelt, aquelle camarista da infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel, e esta aia da mesma princeza, e, porque de principio fôra de mui fraca edificação e mesquinhas dimensões, logo precisou de ser reconstruido em 1595, e ainda depois teve outras reconstrucções e ampliações. Muito antes d'esta ultima data já o cardeal-rei tinha mandado levantar ao lado da capella mór tres salas, em que, de quando em quando, vinha passar dias em companhia dos religiosos. E não só d'esta honraria real se podia gloriar esta humilde casa franciscana. D. Catharina, mulher de Carlos II, rei de Inglaterra, e filha do nosso rei D. João IV, ali costumava vir muitas vezes jantar ou merendar, satisfazendo n'esses dias a despeza de todo o refeitório do convento. D. João V, durante o tempo que residiu na quinta de Pedrouços, do duque de Cadaval, a S. José ia todos os dias de manhã e á noite assistir aos officios divinos. A rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya, mulher do infeliz D. Affonso VI e primeira de D. Pedro II, fez ao convento presentes de preciosas alfaias, como tambem outras princezas e tidalgas da mais alta jerarchia, agradecidas por, pela intercessão de S. José, ali invocado, terem alcançado almejada successão. Apesar de terem jazigo proprio n'outros templos, ali, em templo da sua maior devoção, e entre religiosos da sua maior predilecção na vida, quizeram descansar na morte, alem de outros, D. Diogo da Silva, sexto conde de Portalegre, e seu irmão D. João da Silva, capellão mór de Philippe IV, D. Francisco de Tavora, conde de Alvor, D. Juliana de Noronha, viscondessa de Aveiras, D. Maria de Azevedo, condessa do Vimoso, D. Miguel de Portugal e sua mulher, condes do mesmo titulo, D. Maria de Lencastre e D. Marianna de Vasconcellos, condessas de Castello Melhor, D. João, bispo de Lamego, e fr. Mathias, confessor de D. Maria I e D. João VI, e parente e protector do ministro d'estado, Francisco Duarte Coelho, de que já fallámos.

O quadro de S. José no tecto da capella mór era muito estimado, por se acreditar piamente ser vera effigie. Como no

actual do tecto do corpo da igreja, o santo segurava com a Virgem um navio, entre cujos mastros o artista tivera a singular idéa de fazer apparecer a Hostia Sagrada. Diz-se que este quadro tinha sua referencia ao agradecimento de certo dono ou capitão de navio, quasi a sossobrar pela força de um violentissimo tufão nos mares da China, e que fôra salvo pela invocada protecção de S. José de Ribamar.

Havia ali esculpturas de algum merecimento, e dizem que executadas por um frade do convento, e entre as ricas alfaias que possuia notavam-se um frontal do mais bello matiz, representando o nascimento do Salvador, pelo que não servia senão nas festas do Natal; e uma sacra de cortiça, tendo sómente abertas as palavras da consagração: *Hoc est enim corpus meum*, mas, e os mais lavores, de tal perfeição de desenho e paciente engenho que era uma verdadeira maravilha, sendo como tal tida ainda hoje pela mitra patriarchal, sua actual possuidora, e como tal sendo sempre reputada nas diversas exposições de bellas artes em que tem apparecido.

D'este convento eram donatarios os condes do Vimioso, depois marquezes de Valença.

O convento de Santa Catharina de Ribamar era mais pequeno que o de S. José, porém mais antigo e de igreja mais formosa, pois toda era de bellos marmores, que, arrancados vandalicamente, foram decorar, dizem, templos protestantes de Inglaterra!

Existira ali primitivamente uma ermida, que, já com a invocação de Santa Catharina, foi feita matriz de uma grande freguezia, com a qual, depois freguezia de Carnaxide, pelo local para onde a matriz se transferiu e está actualmente, passou a ter por donatarios os collegiaes de Santa Cruz do Castello. Porque deixára de ser matriz, julgando-a vaga, D. Affonso V doou-a ao seu capellão fr. Alvaro Rebello, filho do cavalleiro mór de Lamego, Henrique Esteves Rebello. Fr. Alvaro, como constava da sua lapide sepulchral na mesma ermida, reedificou-a, ampliou-a, n'ella deixou estabelecer a confraria de Santa Catharina dos livreiros, cujo compromisso D. Affonso V approvou em 4 de dezembro de 1461⁶, confraria que em 1559 passou para a freguezia de Santa Catharina do Monte Sinay, ou Bel-ver, em Lisboa; quiz deixa-la aos Jeronymos, com quem de certo estava ligado pela boa vizinhança, e a final a deixou ao arcebispo de Lisboa, D. Jorge da Costa, que em 1474 a doou aos Loyos, que em 1478 a abandonaram em presença das bem fundadas pretensões dos collegiaes do Castello, com os quaes

⁶ Cópia d'esse compromisso, guardada no cartorio d'esta igreja.

em 1550 o infante D. Luiz, aquelle que, a chamamento do imperador Carlos V, foi á jornada de Tunis no celebre galeão *Bota-fogo*, e em companhia do inclito D. João de Castro, e pae do infeliz pretendente Prior do Crato, fez um contrato, cujo autographo se conserva no cartorio d'esta igreja, pelo qual aquelles, salvos os direitos parochiaes e mediante dois mil maravedis annuaes, cediam ao infante a sua ermida e casas contiguas de Ribamar, para n'ellas se levantar um convento de Arrabidos, o qual, fundado em 1551, não pelo infante D. Luiz, mas pela senhora D. Izabel, filha do duque de Bragança D. Jayme, e viuva do infante D. Duarte, filho de el-rei D. Manuel, depois de mal reparadas as primeiras ruinas, chegou a tal estado de desmoronamento ali por 1610, que Antonio Falleiro de Abreu determinou levantar no sitio do Cano do Mouro um novo convento, para onde os frades passaram de Santa Catharina, invocação que levaram para a nova casa, que depois tomou a de Nossa Senhora da Boa Viagem, restituindo-se á de Santa Catharina a antiga logoque, em 1634, foi reedificado por Diogo Lopes de Sousa, segundo dos condes de Miranda, depois marquezes de Arronches, e a final duques de Lafões, donatarios do mesmo convento de Santa Catharina, onde tinham seu jazigo. D'entre os religiosos que viveram n'este convento ainda esta freguezia conserva grata memoria do intelligente e virtuoso fr. João da Pureza, por vezes muito contra sua vontade, provincial dos Arrabidos e ali mesmo fallecido e sepultado a 16 de dezembro de 1834.

Não fôra possivel arranca-lo do que elle chamava seu casalinho. Lá se finou...

O convento de Nossa Senhora da Boa Viagem foi, como já dissemos, fundado á custa de um legado que deixou Antonio Falleiro de Abreu, que, condoendo-se do desabrigo e perigo em que viviam os pobres arrabidos no muito arruinado convento de Santa Catharina, determinára levantar-lhe nova casa, e porque a morte o atalhou, encarregou do cumprimento de sua vontade a sua herdeira a misericordia de Lisboa, que logo começou a levantar uma igreja e recolhimento provisorios, para onde os frades passaram em 1618. Passados quatro annos foi lançada a primeira pedra da igreja, que, e o convento, só foram ultimados passados onze annos, pela morosidade da liquidação da herança do piedoso Falleiro. Como tambem dissemos, ao principio teve a invocação de Santa Catharina, que trocou pelo de Nossa Senhora da Boa Viagem, começando logo a chamar muito a devoção dos mareantes, dos negociantes, de todos que dependiam do mar, de todas as mais classes

da cidade e arredores, e de familias reaes portugueza e estrangeiras, porque varias princezas e rainhas se pegavam com a Senhora para obterem successão.

Foi a rainha D. Maria Sophia de Neubourg, segunda mulher de D. Pedro II, que deu o primeiro exemplo de tal devoção, que communicou a sua irmã a imperatriz de Allemanha, Leonor Magdalena Thereza de Neubourg, mulher do imperador Leopoldo I, como filha d'estes soberanos, D. Maria Anna de Austria, rainha de Portugal, por ser mulher de D. João V, a communicou a sua cunhada a imperatriz Guilhermina Amelia de Brunswick Lunebourg, mulher do imperador José I, e a sua sobrinha a imperatriz Maria Amelia, mulher do imperador Carlos VII; como a rainha D. Marianna Victoria de Bourbon, mulher de el-rei D. José, e a rainha D. Maria Barbara de Bragança, mulher de Fernando VI de Hespanha, e filha de D. João V, a communicaram á familia real de Hespanha.

Todos estes devotos pois, reaes, maritimos, negociantes, da mais alta nobreza, de todas as classes, ali accumularam preciosidades que faziam talvez o mais rico thesouro das casas religiosas de Portugal.

Entre essas preciosidades sobresaíam: uma corôa da Senhora, de oiro massiço, primorosamente fabricada, e um paramento de lhama de prata, bordado a oiro em alto relevo, e tão rico que nem na patriarchal do faustoso D. João V havia um igual, o qual, tambem para alcançar successão, foi dado por Fernando VII de Hespanha, casado com D. Maria Izabel de Bragança, filha de D. João VI e da senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, irmã d'aquelle soberano.

A imagem da Senhora da Boa Viagem era mui formosa, e segurava no braço esquerdo o Menino Jesus, e na mão direita um navio, emblema da protecção da Virgem ali invocada.

Na igreja da Boa Viagem faziam-se duas principaes festas, uma no dia da Purificação, e outra na oitava do Natal, e esta era a dos negociantes, que da vistosa varanda do convento vinham muitas vezes ver seus navios ou ir mar fóra, ou entrar a barra, e sempre acabavam por lauta merenda e farto presente aos hospitaleiros religiosos.

N'este convento viveram o virtuoso D. fr. Estevão, actual bispo de Angra, insigne latinista e grande amador de musica e numismatica, muito conhecido do lugar de Linda Pastora, onde muito convivia; e o grave e venerando fr. Manuel de Santa Escolastica, ex-leitor de theologia em Mafra, e que, extinctos os conventos, veiu residir em Carnaxide, onde falleceu ha nove annos, deixando de si em todos que o trataram a lem-

brança saudosa de douto e virtuoso sacerdote e insigne prègador, e em mim a lembrança querida e sempre grata, e a saudade indelevel de bom amigo e mestre, poisque o foi meu em theologia, êm que era eminente, principalmente na dogmatica, em que mui poucos se lhe podiam comparar.

Assim a Virgem tinha n'esta freguezia tres invocações de muita devoção e celebridade: de Nossa Senhora do Amparo, na parochial; de Nossa Senhora da Boa Viagem, no seu convento; e de Nossa Senhora da Rocha, cuja imagem, em maio de 1822, apparecida no sitio de que tomou o nome, á borda do Jamor, a igual distancia de Carnaxide, Linda Pastora e Linda Velha, tornou esta freguezia muito conhecida.

Uns poucos de mancebos de Carnaxide, banhando-se no Jamor, attrahidos por uma peça de caça levantada por um raifeiro que seguia pelo arvoredo uma ave por ali aninhada, correm, perseguem, reparam na entrada do asylo da pobre foragida, que sem descanso espreitam; excavam, alargam, desobstruem até que podem entrar. Entra um, entram todos, e descobrem reliquias de cadaver humano, e visiveis signaes de que já alguém ali fizera sua morada, até da morada fazer sepultura.

Quem seria que para ali fugira do bulicio e enganos do mundo? A companhia da imagem da Virgem, descoberta dias depois n'um reoncavo em fôrma de degraus como de throno, com o manto a desfazer-se pela humidade que gotejava do tecto da gruta, fazia logo crer que fôra alguém que á Virgem dedicára ardente devoção, algum santo monge, ou algum penitente que ali viera acabar santamente, seu passado menos puro, lavando, purificando com lagrimas de sincera penitencia.

Tudo isto excita a devoção ao mais alto grau. Povos, não só d'estas vizinhanças, não só d'esta provincia, mas de todo o reino e fôra d'elle, correm, n'uma multidão espantosa, a vir venerar a Virgem diante de uma imagem antiquissima, que tamanha devoção e fé inspirava, e n'uma gruta naturalmente tão vasta, que n'ella reis e alta nobreza, erguido altar, poderam fazer celebrar sacrificios.

Não esmorece a devoção pela maldade de quem fizera desaparecer a imagem, que, pela sabida declaração de D. João VI, de que, após rigorosa devassa, o sacrilego seria punido com a maior severidade, reaparece, passados dias, entre o rio caudaloso e a estrada, n'uma oliveira, de que volveu ao seu rustico altar, na sua rustica morada, mas a arvore abençoada, então ainda mais symbolo da paz, e reputada sagrada porque a imagem da Virgem a tocára, é que desaparecêra até á ul-

tima raiz, até ao solo e peirinhas adjacentes, que tudo em pequenissimas reliquias arrebatára a devoção do innumeravel concurso.

Não affrouxava a devoção, verdade é que por fim altamente escandalisada das irreverencias e desacatos de impiedosos, que esqueciam que mais de uma rasão tornava aquelle logar veneravel. Fôra a ultima morada de quem, morrendo aos pés da Virgem, com fé n'ella, e orando a ella, d'ali partira para o céu; e a imagem da Virgem lá estava ainda!

Isto, já que a indolencia do parochio ¹ lhe não deixára tomar a devida resolução que, recolhida a devotissima imagem á parochial, salvaria de se perder o que se ia tornando o palladio sacratissimo do engrandecimento da freguezia ², moveu o governo a mandar alto dignitario ecclesiastico, acompanhado de grande força armada, commandada por Sepulveda, então general das armas na capital, conduzir da gruta para a Sé metropolitana de Lisboa a imagem querida que este povo, entre lagrimas e saudades inextinguiveis, viu ausentar-se d'entre si, que a reputava sua!!!

Abalada a imagem, começou a levantar-se exactamente sobre a gruta um templo vasto, de boa cantaria, e que apesar de incompleto e de mau gosto, ficou sendo monumento perduravel da piedade d'aquelles tempos.

Em 1830 conseguiu-se que a saudosa imagem da Virgem da Rocha viesse visitar esta sua freguezia. Veiu com uma grandeza verdadeiramente real, da casa real acompanhando-a alguns coches, e foi depositada na parochial em que missionarios e o bispo de Angra, D. fr. Estevão, faziam todos os dias succeder-se communhões, prêgações, e pomposas solemnidades d'esta freguezia e vizinhas ³, até que a imagem volveu á capital, que e o reino estavam em vespervas das duas grandes desgraças da guerra civil e cholera-morbus.

Chegára a epocha de se receber Nossa Senhora do Cabo, cujo cirio (1832) e festejos (1833) ainda foram esplendidos,

¹ O reverendo Tristão Antonio Pimentel, sacerdote honesto e bondoso, o que lhe merecia a afeição do povo, mas demasiadamente meticuloso, pelo que foi elle a primeira causa de se perder a imagem, e antes incorrêra no desagrado de D. João VI, a quem não quiz apparecer quando uma das vezes aquelle monarcha aqui veiu visitar a parochial, e que só muito pedido limitou a dois mezes a prisão no aljuhe do parochio, só delinquente pelo seu natural e por isso inculpavel acanhamento!

² Se a imagem permanecesse, Carnaxide, Linda Pastora e Linda Velha estariam hoje ligadas em uma só grande povoação, que para se levantarem edificações já estava comprado ou aforado muito terreno.

³ A de Barcarena tambem aqui veiu festejar.

mas cujas alegrias não foram ao fim, porque as veiu suffocar muita tristeza.

Os ultimos tres dias d'aquella romaria pittoresca por tudo, pela estação ali tão florida e fragrante, por aquelle gigantesco promontorio¹ de que se gosa o imponente espectaculo da immensidão do oceano, por aquelle edificio grandioso n'aquelle pacifico ermo, já foram cortados de muita inquietação, de muito susto, de muita tristeza, até que se deu rebate para a pavorosa fuga que, deixando já ali entes queridos, veiu na patria aggravar o mal, que n'ella havia semanas ameaçara², e nos mesmos dias que lá começára, aqui dera os primeiros visiveis golpes.

Que dias de luto, de dor e de desespero, se a fé não animára!

Como dominado de inexplicavel capricho³, o terrivel flagello, deixando os outros immunes, leva lados inteiros de ruas das povoações, semeiando implacavel a orphandade e a viuvez.

Já não ha braços para tanto sepultar, e o paroch⁴, em tanta lide de conforto religioso e de funebre orar, apenas, no livro da morte, pôde de cada um exarar « no dia tal morreu fulano » !!

Dias houve em que esta freguezia perdeu sete de seus filhos, e depois do flagello devastador ter varrido inexoravel, e ainda caprichoso em seus saltos, Linda Velha, Outorella, Carnaxide, Quejas, Algés, Cruz Quebrada, e parecendo por dois mezes poupa-la, emfim, Linda Pastora, só se viu o final de tanta dor quando esta pequena freguezia chorava sobre as sepulturas disseminadas de mais de cento e trinta de seus filhos, porque se julgára prudente estabelecer mais de uma estancia da morte, embora a piedade chorasse, porque filhos da mesma terra, na mesma terra, e á sombra da mesma cruz não repousassem em seu ultimo somno!

Mas ainda esses não foram os ultimos soffrimentos.

Quem, ha perto de trinta annos, percorresse esta freguezia, vendo todos esses logares alvejando entre frondosos, fragrantés e valiosissimos pomares, que eram a riqueza de muitas familias, diria que tudo isto era um paraizo; mas hoje, vendo-se

¹ Antigamente *promontorio barbarico* e hoje *cabo de Espichel*.

² Havia dois mezes que em Quejas o capitão Pedro Moreira morrêra de cholera, ainda não conhecida.

³ É certo o que dizemos, e foi observado que padeceram mais os lados em que dava mais o sol nascendo. Foi assim que padeceu mais no Cabo o lado norte, e em Linda Velha o lado sul.

⁴ O rev.^{do} Manuel Tavares da Camara.

tudo devastado por esses valles, tantas habitações abandonadas, logo se reconhece que uma grande desgraça feriu este povo, que nos pomares tinha a sua maior riqueza, e que chegaria á maior miseria se o não salvasse o trabalho, na desgraça grande e certo salvaterio.

VI

A industria e a lavoura, mais livre de encargos, salvam a freguezia. Obras da parochial em 1856. Curio e festejos do Cabo n'esse anno e em 1857. São reparados quasi todos os templos da freguezia. Visita esta o senhor D. Pedro V. Sua sympathia por ella, até deitar-lhe a instrução popular.

Como dissemos, de seus principios esta freguezia era essencialmente lavradora. Porém, passados seculos, tornando-se mais valiosos os pomares por causa da exportação de seu preciosissimo fructo, cresceram elles, as quintas invadiram as terras de lavoura, mudou-se o estado economico do paiz, em que ha cento e cincoenta annos eram tão numerosos e muito mais ricos que os lavradores e trabalhadores da lavoura os donos e trabalhadores de quintas. N'estes estava quasi exclusivamente a riqueza da freguezia, porque a lavoura, nada favorecida, vivia pobre e definhada, e industria não havia absolutamente nenhuma.

Tal estado começou a mudar no reinado de el-rei D. José, que fez levantar as obras do chafariz, aqueducto, e duas pontes de Carnaxide, e começou o aqueducto de Alfragide, obras que, e depois as do vizinho palacio da Ajuda, attrahiram d'esta freguezia trabalhadores e aprendizes, que em breve se tornaram officiaes e mestres. Do numero d'estes foram os irmãos Mathias Francisco, de Linda Pastora, mestre das cascatas de Caxias, Alfeite e Bemposta, de que se saiu tanto a contento do monarcha, que lhe deu dois valiosos officios na casa da India e alfandega; e seu irmão Manuel Francisco Castelhana, mestre de grande nomeada em Lisboa, que se levantava das ruinas do terremoto de 1755, e em que por isso facil lhe fôra admittir e amestrar em varios officios mais de uma geração, porquanto elle morreu de mui avançada idade, e era incansavel em proteger e adiantar seus parochianos.

Assim foi nascendo e desenvolvendo-se o gosto pelos officios, os officiaes foram multiplicando-se de tal fórma, que já faziam a maioria da freguezia quando os pomares e vinhedos foram devastados logo depois de 1835.

O desanimo penetrou em quasi todos os donos, poisque mui poucos tiveram a coragem de os reformar, e esse desanimo seria causa de grande desgraça publica, se não fosse a lavoura, que se apossára dos mesmos terrenos dos pomares e vinhas, e era incitada pela riqueza que, pelo trabalho de tantos jornaleiros, todas as semanas Lisboa lhe enviava.

Mas ainda mais uma poderosa rasão influiu salutarmente a favor da classe dos lavradores, e por ella a bem de todos em geral, porque d'ella todos dependem.

Antigamente o lavrador vivia muito acabrunhado de encargos, e por isso, não podendo sair da miseria, cultivava mal os campos, que, quanto mais mal cultivados são, menos compensam o trabalho do cultivador.

Custa a crer que os governos por tanto tempo tivessem os olhos fechados sobre a sorte de uma classe, que é o nervo do estado, como lhe chamava o rei-lavrador D. Diniz, de que tanto depende a prosperidade commum de qualquer nação, e com particularidade de Portugal, como diz um nosso eminente escriptor, nação de marinheiros, de soldados e de lavradores; mas classe que, tendo de satisfazer tributos, dizimos, quartos, coitadas, caudelarias, milicias, embargos e outros vexames que as guerras civis e estrangeiras occasionavam, não podia levantar cabeça. Lavrador houve que ficou inteiramente perdido, e era para apontar o que não vivia em miseria.

Logo porém que foi libertada de muitos d'aquelles encargos, a lavoura respirou, porque, tendo menos que pagar, tinha no fim do anno mais fartura para a familia, e com ella mais vontade para o trabalho, e mais meios de o melhorar, de o aperfeiçoar, de o tornar mais productivo.

É certo que a situação da lavoura melhorou consideravelmente em todo o reino em geral, e em especial tanto n'esta freguezia que, apesar do desaparecimento das vinhas e pomares, n'ella a miseria publica não se tornou muito sensivel, a ponto de em 1856 se poder fazer muitas outras obras na parochial, cujas cantarias e paredes foram todas limpas, cujos telhados todos foram feitos de novo, de novo foram pintados o tecto e paredes da capella mór, e de novo pintado e estucado o tecto do corpo da igreja, cujo quadro de muito merecimento, do sr. Zeferino Teixeira, custou 100\$000 réis, mais de réis 700\$000 todas as outras obras, e mais de 1:200\$000 réis os festejos e cirios do Cabo (1856-1857), feitos com um luzimento e ordem que ficou bem na memoria de todos que os presenciaram, e tem servido de exemplo a quantos se têm seguido.

É verdade que não só os lavradores concorreram para tan-

tas despezas particulares e publicas, dos festejos do Cabo e reparo da parochial e de quasi todos os templos da freguezia, porque quasi todos foram reparados n'estes ultimos oito annos, mas tambem a generosidade dos proprietarios não residentes e a prosperidade dos mestres e officiaes; é porém certo que a classe lavradora é a principal da freguezia, que pouco poderia se aquella vegetasse na miseria.

Graças ao céu, não é desanimador o actual estado material da freguezia, apesar de n'estes ultimos dois annos se terem apresentado para Lisboa e Alcantara muitas familias.

E o estado moral e intellectual?

Por elles é preciso continuar a trabalhar muito, a bem da religião e do estado.

A caridade é da essencia do christianismo, mas uma parte, a primeira sem duvida, da beneficencia é a instrucção da mocidade, tambem muito necessaria á religião.

Engana-se muito quem está persuadido que a religião quer, porque lhe convem, a ignorancia, que póde produzir religiosidade, mas não religião, isto é, habitos e fórmas, e não aquella força intima e inabalavel que nasce das rasões de crer. Inimigos obstinados e intrataveis da religião só os temos encontrado entre os ignorantes, e se se observar bem, ver-se-ha que na ignorancia está tambem a maior causa por que o paiz se não levanta já decididamente do abatimento, principalmente moral e politico, em que vegeta.

Instrucção pois, luz, que o povo comprehenda o christianismo, porque, comprehendendo-o, ha de ama-lo, amando-o, ha de pratica-lo, e praticando-o, ha de ser feliz; que o povo comprehenda suas obrigações e direitos de cidadão, porque comprehendendo umas e outros, ha de trabalhar na regeneração e engrandecimento da patria.

Isto comprehendeu perfeitamente o senhor D. Pedro V.

Um dia, a amenidade da estação e formosuras dos campos vieram-no attraíndo até aqui. Ficou encantado ante estes esplendores de scenas campestres que a primavera costuma aqui revestir de todas as suas bellezas. Voltou, trouxe a esposa, trouxe os irmãos e irmãs, que amava muito para os não fazer participar da satisfação e suaves impressões da sua alma. Visitou a parochia, visitou a escola, chamou o parochio, mostrou desejos de felicitar um povo que amava, porque, apparecendo-lhe de repente, sempre o recebia com a mais sincera e espontanea alegria.

É porém a porta da escola uma das principaes por onde entra a felicidade de um povo. Por isso o bondoso e intelligente monarcha, todo convencido d'esta verdade, e querendo

felicitar este povo, tratou logo de promover-lhe a instrucção, que dotou com a somma de 1:200\$000 réis em inscripções, doadas á junta de parochia com a obrigação exclusiva de applicar seu rendimento annual ao desenvolvimento da instrucção popular da freguezia,

Bom começo! E mais faria, porque o seu coração era grande, e tão bom que os anjos se enamoraram d'elle, até o quererem possuir, até o chamarem logo.

Que no céu elle ore pela patria!

PARTE ESTATISTICA

I

Alem de muitos casaes, quintas, azenhas, e dos sitios da Costa, entre Linda Pastora e Cruz Quebrada, e de Alfragide perto de Carnaxide, consta esta freguezia dos seguintes lugares :

Carnaxide

Logar assente na encosta da serra do mesmo nome, pelo que gosa o magnifico panorama do valle de Linda Pastora, cortado pelo Jamor, e rematado pelo mar. Seu clima, secco e fresco, é mui salubre, e muito favoravel aos achacados do peito, muitos dos quaes aqui têm rehavido sua saude.

N'elle está a parochial, templo vasto e muito proporcionado, pois mede de comprimento 30 metros, de largura 15, e outros tantos de altura.

Seu portal e côro, de bom risco e excellente lioz branco, as duas grandes e bem feitas pias de agua benta, de formoso lioz vermelho, e a capella môr, muito elegante pelo elevado de seu plano e de magnifico trabalho em seu retabulo, são obras de muito merecimento. Possui algumas alfaias de muito valor intrinseco e artistico, como são: a cruz prioral, de prata, do mais puro estylo manuelino, e que, fóra a haste, mede de altura 9 decimetros, e na maior largura da base 4,4 decimetros, medindo a haste 9 decimetros; o crucifixo da adoração da cruz em sexta feira santa, cuja imagem é de

admiravel perfeição pela regularidade de todas suas fôrmas, e feições do rosto, caído com a maior naturalidade e com a expressão bem sentida de quem morrêra de amor pelos homens; uma cruz de madre-perola, a maior e mais perfeita que temos visto, pois, tendo na base aberta a ceia do Senhor, e pela haste e braços muitas imagens de santos e Senhor Crucificado, e muitos feitiços, tudo de bom desenho, mede 1,5 metros, incluindo a base, que tem aberta a data de 1737 de um lado, e do outro as armas reaes, o que faz suppor ter sido presente de pessoa real; um relicario de filagrana de prata, em fôrma de custodia, que mede 1,2 decímetros; vinte e quatro lithographias, que adornam a sacristia, e são copias de pequenos quadros do immortal Poussin, representando a vida de Maria Santissima. Deve mencionar-se o magnifico paramento completo branco de tissu de oiro, cuja mão de obra foi dada pelo coronel Manuel Liborio Diniz, e o mais, valor passante de 800\$000 réis, pelo povo, a instancias mui louvaveis do padre Raymundo Antonio Vieira, parochio de Carnaxide desde 2 de outubro de 1814 até ao fim de 1815.

Em Carnaxide é a escola publica de instrucção primaria, unica da freguezia, leccionada pelo instruido sr. Antonio Mariano Tiburcio de Fraga. De meninas ha cinco aulas pelos diversos logares da freguezia.

Tem Carnaxide um bello chafariz, que, e o seu aqueducto, de meio kilometro de extensão, são de boa cantaria no frontispicio, adornado de armas reaes de excellente desenho, no passeio, no encanamento, nas paredes, na abobada, nas formosas e mui elevadas clarasboias, das quaes a mais bella é a primeira, que, com sua cupula de formosas janellas e elegante remate, exteriormente parece um bonito templo octogono e interiormente tem bella escadaria, e em baixo assentos em redor, e no meio um tanque de fôrma circular, em que constantemente está borbulhando a agua, vinda de outro aqueducto, que cada vez se vae apertando mais até á nascente.

Perto de Carnaxide, ou antes contiguas ou quasi contiguas, ficam as quintas: de Cima, que teve a honra de receber muitas vezes o senhor D. João VI, e hoje pertence ao sr. Francisco de Paula Castro e Lemos, primo co-irmão do meu bom amigo o sr. abbade de Castro e Sousa, socio de muitas sociedades litterarias e artisticas, nacionaes e estrangeiras, e auctor de mui curiosas e interessantes obras sobre monumentos e bellas-artes¹; dos Grillos, assim chamada de seus re-

¹ Vêde o Diccionario bibliographico portuguez, do sr. Innocencio Francisco da Silva, tom. 1, pag. 121.

ligiosos fundadores, e que hoje pertence a uma familia do mesmo appellido; e do Porto, que pertence hoje ao sr. D. Luiz Carlos de Abreu Castello Branco. Nesta quinta falleceu em 1858 o talentoso cirurgião-medico, e varão dos mais bellos dotes de alma, João Luiz Gonçalves. Pereceu victima da febre amarella, e martyr do seu dever de medico, e do seu grande amor da humanidade, dos pobres, para quem a sua grande alma mais reservava o seu já mui rico thesouro de sciencia. Deus lhe terá dado a corôa merecida!

Os homens mais notaveis que o logar de Carnaxide tem produzido, foram: fr. Francisco de S. Jeronymo, no seculo Francisco Manuel, o qual, nascido de Jeronymo Francisco e Maria Francisca, recebeu o habito de carmelita descalço no convento dos Remedios de Lisboa, onde falleceu a 24 de outubro de 1746, tendo composta a obra *Christo sentenciado e á morte condemnado, muitos e altos mysterios que se descobriram na paixão e morte sacrosanta do Salvador*¹; e Antonio Diniz, grande valedor de seus patricios, cavalleiro de Christo, insigne picador, o qual, como diz seu epitaphio na parochial, serviu quatro monarchas portuguezes a quem era muito aceito, vindo a fallecer em 1822 na idade de oitenta annos. Era seu sobrinho o cavalleiro fidalgo, coronel de milicias do termo occidental de Lisboa, reformado em 1829, e chamado em 1833 pelo imperador a commandar o quinto batalhão fixo de Lisboa, Manuel Liborio Diniz, pae do meu excellente amigo, o sr. Ezequiel Antonio Diniz, doutor em medicina pela universidade de Paris, distincto medico do real hospital de S. José, e a quem muito deve esta freguezia, e com especialidade o logar de Carnaxide, perto do qual nasceu, onde tem muitas propriedades e uma linda residencia campestre.

Proximo a Carnaxide é o sitio de Alfragide, perto do qual passa o encanamento que ha de conduzir para o aqueducto das aguas livres a preciosa agua da Franceza. Progridem hoje muito os trabalhos sob a direcção intelligente e activa dos srs. Joaquim Nunes de Aguiar e Vicente Francisco dos Guimaraes.

Linda Pastora

Ninha Pastora² ou Linha Pastora, logar a 1,5 kilometro ao sudoeste de Carnaxide, e que, assente em amphitheatro na encosta de um monte elevado e pedregoso, offerece formoso pa-

¹ Bibliotheca Lusitana, tom. iv, f. 433.

² Diz a lenda que passando por ali um rei, e vendo mal agasalhada uma formosa pastora, compadecido se voltára para os seus, mandando que melhor a enroupassem. dizendo: *ainha a pastora*.

norama a quem de longe o contempla, como tambem é mui aprazivel o que se gosa do adro da ermida, dedicada a S. João Baptista, tão antiga que precisou ser quasi de todo renovada em 1639¹, e foi muito ampliada no começo d'este seculo sob a direcção do mestre Daniel Francisco, do mesmo logar, e tambem mestre da formosa ermida de Laveiras, levantada á custa de um rico mineiro, que viera residir na casa de Masarellos em Caxias.

Eram do logar de Linda Pastora, e n'elle viveram e leccionaram, José Francisco Cordeiro e seu filho do mesmo nome (o coxo), tão excellentes mestres de instrucção primaria que, attrahindo grande numero de discipulos, não só de toda esta freguezia, mas tambem das vizinhas, deitaram ministros de estado, distinctos officiaes do exercito e da marinha, clérigos, mestres de obras, etc., etc. Tanto é certo que um bom mestre é um dos maiores beneficios que Deus pôde conceder a uma freguezia; tanto é certo que n'um bom mestre está o futuro de seus discipulos, de muitas familias, e ás vezes de um povo, de uma freguezia, de uma nação, que pôde ser levantada pelo engenho de um grande estadista, cujo genio começou a desabrochar no primeiro liminar da sciencia, a escola primaria.

Perto d'este logar ficam as quintas: do Roballo, que ha poucos annos embellezada e ampliada com muito gosto pela mui nobre e muito saudosa ex.^{ma} sr.^a D. Joanna de Araujo Carneiro de Oeynhausien, foi do rev.^{do} José Isley, e hoje pertence aos srs. duques de Palmella; e a do Rodizio, outr'ora da ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Madre de Deus, senhora de muitas virtudes, e hoje é do insigne jurisconsulto, o sr. dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho. Ainda tem uma ermida dedicada a Santo Antonio, outr'ora ali venerado annualmente com uma festa muito concorrida.

Quejas

Meio kilometro ao noroeste de Linda Pastora, assente n'um plató mui fertil. É logar tão antigo que era elle que, com o parochio, antigamente festejava o orago da freguezia, S. Romão. Teve outr'ora uma ermida dedicada a S. Joaquim.

Praias

Pelo que se comprehende Cruz Quebrada, Dáfundo, S. José de Ribamar e Ponte de Algés, tudo ao sul da freguezia. Na Cruz Quebrada existem duas excellentes fabricas de cortumes

¹ Livro das visitações á parochia.

pertencentes, uma aos empregadores, caritativos e patriotas srs. Irmãos Godinhos, e outra ao também empregador e bemfazejo, o sr. Fortunato Simões de Bono Carneiro. Cada uma d'essas fabricas occupa mais de trinta operarios, não fallando dos que trabalham nas quintas e jardins, e os trabalhos nas quintas dos srs. Machados, muito têm feito prosperar esta povoação, na qual são as quintas e palacetes: do sr. conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, com uma capella em que a imagem do Senhor dos Afflictos, que outr'ora a teve sua ermida junto ao convento de Santa Catharina, é ali hoje venerada com uma festa annual muito concorrida, e muita devoção e promessas de fieis da capital e arredores; do sr. marquez de Pombal; do sr. visconde de Ribamar, almirante da armada portugueza, sendo, do palacete, as paredes da sala principal todas revestidas de uma pintura antiga de algum merecimento.

Perto da Cruz Quebrada fica a quinta e casal do Esteiro, outr'ora da casa de Lafões, e hoje do honrado negociante de primeira ordem, o sr. Manuel José Machado, a quem a Cruz Quebrada muito deve, como também a seu sobrinho o sr. João José Machado, dono da quinta da Graça, digna d'esse nome pela formosura do palacio, um dos mais ricos dos arredores de Lisboa, e belleza da quinta, de bons arvoredos, jardim, estufa, lagos, pomares, tudo tratado com exemplar esmero.

Esta quinta, em que havia uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Graça, e de que o sr. Machado conserva um grande quadro dos Magos, de bastante merecimento, pertencia antigamente aos graciosos, que ali vinham residir no verão, e em cuja ermida bispos d'aquella ordem muitas vezes chrismaram.

Dáfundo, é assim chamado o sitio defronte do qual, no tempo da nossa gloria naval, costumavam fundear as esquadras para ir fazer aguada a maruja ao chafariz, que d'ella, como a vizinha estrada, que da cruz de S. José conduz a Linda Velha, tomou o nome, correndo então abundante e hoje mui escasso. Corre este chafariz da maruja junto da residencia campestre dos srs. Palhas, formosa nas quintas e jardins pelos bellos e bem assombrados arruamentos, e pela extensa e vistosissima varanda sobre a estrada real e Tejo; e no palacio, verdadeiramente magnifico pela extensão, belleza e rica decoração das salas. São contiguos a este palacio o do sr. marquez de Castello Melhor, fundado sobre o forte de S. José, e os palacios, quintas e jardins, outr'ora convento de S. José, e hoje pertencentes ao sr. José Ignacio de Andrade Nery, ex-deputado ás côrtes, e que, tendo por muitos annos residido em Moçambique, occupou altos cargos do governo d'esta nossa colo-

nia, que, por vezes enviou em commissão á metropole o sr. Nery, que fez as viagens á sua custa, o que tudo lhe mereceu ser condecorado pela rainha a senhora D. Maria II com o grau de cavalleiro das ordens de Christo e Conceição. Tudo o sr. Nery renovou, embellezou e engrandeceu, nas casarias, nos jardins, nas quintas, nos lagos, e principalmente na igreja, sem duvida hoje uma das mais bellas dos arredores de Lisboa, e onde alem da bella talha doirada do retabulo da capella mór e throno, ha a admirar: a imagem do orago, a mesma do convento e de boa expressão: uma imagem do Menino Jesus, que é perfeita escultura; uma estatua de marfim representando Jesus vencendo a morte; e quadros do sr. Zeferino Teixeira, principalmente o do tecto do corpo da igreja, imitação do antigo, e em que as figuras de S. José e da Virgem, que seguram um navio, são expressivas e de admiravel doçura.

Perto de S. José são: a quinta e palacio dos srs. condes de Lumiares, com muito gosto decorado; e o palacio, hoje do sr. conde de Pombeiro, tambem fundado n'um forte, o de Nossa Senhora da Conceição! Alem d'este forte, e do de S. José, havia mais o de Nossa Senhora da Boa Viagem, que desapareceu com os córtes para o projectado caminho de ferro de Cintra, e existe ainda o de Santa Catharina ou da Cruz Quebrada, de que é commandante o sr. D. Pedro de Moscoso. Estes fortes, como quasi todos entre Cascaes e S. Julião, e desde esta fortaleza até Xabregas, a instancias do conde de Schomberg, foram levantados pelo fim do reinado de D. Affonso VI ou principio do de D. Pedro II.

A linha de Praias da freguezia de Carnaxide, sem duvida as mais bellas do Tejo, e por isso muito concorridas de verão, corre desde a ponte de Algés até á Boa Viagem, outr'ora convento, e que hoje, propriedade dos herdeiros do fallecido par do reino, o sr. Faustino da Gama, é uma das mais apraziveis estações de banhos, porque, mui levantada, gosa bella vista de terra, e a mais surprehendente do Tejo e oceano.

Algés

Um dos mais antigos logares da freguezia, e tanto que antigamente se antepunha a Belem, dizendo-se *reguengo de Algés e Belem*. Está hoje mui decaído do que foi. Não ha muitos annos que, fazendo-se excavações para reedificar, se encontraram armaduras de diversas fórmas, as quaes é pena não se terem conservado. É tradição que d'aqui partiram os ultimos mouros, que se retiraram para Marrocos, como tambem se diz ter existido perto de Algés uma fortaleza ou almenára.

D'este logar são: o habil cirurgião-medico, o sr. Francisco Duarte Pedroso; e seu irmão, o distincto segundo tenente da armada e cavalleiro da Torre e Espada, o sr. Antonio Duarte Pedroso, commandante do vapor *Barão de Lazarim*, actualmente estacionado em Moçambique. Ha no logar de Algès uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Cabo.

Linda Velha

Ninha Velha¹ ou Linha Velha, defronte e ao nascente de Linda Pastora, é logar mui levantado no monte do mesmo nome, e por isso talvez varrido de mais pelo norte e nordeste. Tem bom chafariz, e uma ermida fundada pelo padre Antonio Xavier Ligeiro, que, depois de ser parochio por muitos annos da Castanheira, voltou á sua patria, onde edificou esta ermida em que está sepultado desde 27 de dezembro de 1763, e que deixou ao povo que a ampliou. N'esta ermida dedicada a Nossa Senhora do Cabo, do lado do Evangelho está embutido na parede um quadro, que representa um Passo do Senhor, o qual quadro, de alto relevo, tem seu merecimento por ser obra do curioso Silverio Martins, que o fez em 1781, e era de Linda Velha. Naturaes d'este mesmo logar eram Francisco Duarte Coelho, desembargador da relação, do paço, e ministro da fazenda em 1821, e seus irmãos José Duarte Coelho, negociante e ainda hoje um dos directores do banco do Porto, onde é muito estimado por seu excellente character; Manuel Duarte Coelho, capitão da força armada na provincia das Alagôas em 1817, anno em que rebentou a insurreição de Pernambuco, a qual, bem longe de lhe adherir como o convidavam, correu a suffocar, pelo que foi chamado ao Rio, e por D. João VI foi feito coronel e cavalleiro de Christo; João Duarte Coelho, guarda mór da alfandega de Pernambuco.

Perto de Linda Velha fica a quinta dos Cyprestes, que se diz foi feita por um ministro d'estado, e hoje pertence ao sr. visconde de Rio Secco. É mui vasto seu palacio, que já pôde accommodar tres grandes familias, dos srs. conde de Rio Maior, conde da Ponte e conde de Villa Real, neto do celebre Morgado Matheus, o patriota editor da famosa edição do poema nacional *Os Lusíadas*.

¹ A lenda com que se explica este nome, é a mesma com que se explica o de Ninha Pastora, trocada a pastora formosa em velha decrepita.

Portella

Povoação ao nascente de Outorella, a que é quasi contigua. A parte do norte pertence a Bemfica e a do sul a Carnaxide. É o ponto mais commercial da freguezia.

Outorella

Logar ao nascente de Carnaxide 1,5 kilometros. Perto é a quinta antigamente dos Conegos e depois do Salles, e que tendo pertencido ao valente brigadeiro Lobo (antes coronel do segundo de caçadores), pertence hoje ao sr. João Baptista Monteiro, ao qual pertence tambem a quinta da Fabrica, assim chamada por, haverá cincoenta annos, n'ella ter estado uma fabrica de chitas, que muito fez prosperar Outorella, e que de seus antepassados, da illustre familia Cabral Quadros, da qual alguns occuparam a mais alta magistratura em Portugal, e outros elevados cargos do governo do estado da India portugueza, por herança houve a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Sebastiana, esposa do sr. Monteiro, que renovou e engrandeceu a quinta, habitação e ermida, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, e hoje mantida com esmerado aceio, tendo na sacristia, alem de um calvario de esculpturas de bom auctor, dois quadros de merecimento, um em vidro representando o Menino Jesus com a mão sobre o globo, em que se lê: *manete in dilectione mea*¹, e outro da Virgem segurando o Menino dormindo, tendo sido o curioso auctor d'este, em 1816, Antonio Martins Chaves, do mesmo logar.

Ao sr. Baptista Monteiro deve muito Outorella, de cujos pobres elle é pae, e deve muito esta freguezia de Carnaxide, pela boa direcção que, como juiz que é ha annos, tem dado á irmandade do Santissimo, fazendo que se alcançasse novo compromisso, se regulasse melhor a escripturação, se tornassem mais esplendidas as solemnidades, mais vasta e clara a sacristia como tanto se precisava.

Por tudo isto esta freguezia e seu parochio consagram ao sr. Monteiro a maior estima e agradecimento.

¹ Quer dizer: permaneci no meu amor.

**Mapa da população da freguezia de Carnaxide, segundo
o arrolamento parochial do anno corrente
de 1865**

Names das povoações	Fogos	Pessoas do sexo masculino	Pessoas do sexo feminino	Almas
Carnaxide	123	205	201	406
Linda Velha	60	102	120	222
Linda Pastora.....	121	208	195	403
Outorella.....	56	80	83	163
Portella	18	27	24	51
Praias	400	180	151	331
Quejas	35	68	80	148
Algés.....	22	38	39	77
Dispersas.....	36	66	64	130
Total da freguezia.....	571	974	957	1:931

MAPPA

Do movimento da população da freguezia de Carnaxide, segundo os livros de assentos de baptismos, casamentos e obitos

	NASCIMENTOS				CASAMENTOS								OBITOS								Totalidade
	Do sexo masculino		Do sexo feminino		Do nascimento a 7 annos		De 7 a 18 annos		De 18 a 50 annos		De 50 a 80 annos		De 80 annos por diante								
	Legitimos	Legitimados	Naturaes	Total do sexo	Legitimos	Legitimados	Naturaes	Total do sexo	Total de cada anno	Masculinos	Femininos	Masculinos	Femininos	Masculinos	Femininos	Masculinos	Femininos	Masculinos	Femininos		
1859.....	36	-	1	37	28	1	-	29	66	13	24	15	1	6	4	9	-	1	-	67	
1860.....	36	-	1	37	40	-	-	40	77	10	18	15	3	4	11	6	-	-	-	65	
1861.....	31	3	1	34	22	-	-	22	56	13	15	8	1	6	3	10	1	2	-	48	
1862.....	35	1	-	36	39	-	-	39	75	14	17	22	1	2	5	4	1	2	-	56	
1863.....	25	-	-	25	25	-	2	27	52	11	14	16	5	3	14	12	1	3	-	68	
1864.....	39	-	-	39	39	1	-	40	79	13	19	18	3	4	6	7	-	3	-	72	
Somma total dos ultimos seis annos.....									405	74	-	-	-	-	-	-	-	-	-	377	

O total dos 6 annos, dividido por 6, dá o termo medio em cada anno de 67 nascimentos, 12 casamentos e 62 obitos.

Mappa em que se mostra quantos individuos conta em cada profissão, e quantos proprietarios tem a freguezia de Carnaxide (segundo o arrolamento ecclesiastico do corrente anno de 1865)

		Carnaxide	Linda Pastora	Linda Velha	Ourorella	Portella	Algrés	Praias	Quejas	Dispersos	Somma em cada profissão	Somma em cada classe	
Sexo masculino	Profissões di- versas	Padres.....	4	1	-	-	-	-	-	-	9	8	
		Thesoureiro.....	1	-	-	-	-	-	-	-	1		
		Mestre-escola.....	1	-	-	-	-	-	-	-	1		
		Cirurgião.....	-	-	-	-	1	-	-	-	1		
		Official de marinha.....	-	-	-	-	1	-	-	-	1		
		Engenheiro.....	-	-	-	-	-	-	1	-	1		
		Picador.....	-	-	-	-	1	-	-	-	1		
		Lavradores.....	4	6	2	-	4	4	5	6	37		
	Agricultura...	Trabalhadores de lavoura...	23	20	10	5	4	17	6	15	9	408	247
		Ditos de enxada.....	18	6	4	2	19	2	18	2	7	61	
		Pastores.....	2	1	1	2	-	2	1	1	1	14	
		Donos de fabricas de sola...	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2	
	Commercio...	Merceeiros.....	3	3	2	1	1	1	1	2	-	14	93
		Fanqueiros.....	2	2	1	-	-	-	1	-	-	6	
		Com casa de pasto.....	1	1	-	-	-	-	6	1	-	9	
		Taberneiros.....	4	4	3	2	1	4	8	2	-	26	
		Alquiladores.....	-	2	1	-	-	-	-	-	-	3	
		Leiteiros.....	6	8	1	3	1	3	4	-	-	26	
		Vendedores de fructa.....	1	-	1	2	2	-	-	-	-	6	
		Marchantes.....	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	
	In-justria.....	Mestres de obras.....	1	3	-	-	-	-	-	-	-	4	148
		Canteiros.....	3	3	1	-	1	1	-	-	-	9	
		Pedreiros.....	8	11	3	4	-	2	2	1	-	34	
		Calceteiros.....	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
		Carpinteiros de casas.....	8	16	4	4	-	2	2	1	-	37	
		Carpinteiros de carros.....	1	1	-	3	-	-	-	1	-	6	
		Carpinteiros de seges.....	5	-	-	-	-	-	-	-	-	5	
		Torneiros.....	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
		Tanoeiros.....	9	2	-	1	-	-	-	-	-	12	
Pintores de seges.....		1	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
Caiaadores.....		1	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
Caldeireiros.....	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1			
Latoeiros.....	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1			
Serralheiros.....	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2			
Fundidores.....	-	1	2	-	-	-	-	-	-	3			

		Carnaxide	Linda Pastora	Linda Velha	Ouroella	Portella	Alcés	Praias	Quejas	Dispersos	Somma em cada profissão	Somma em cada classe		
Sexo masculino	Industria	Sapateiros	6	8	2	4	4	1	-	4	-	20	138	
		Moleiros, donos	4	6	-	4	1	1	-	1	4	4		12
		Moleiros, creados	2	4	2	6	8	-	-	2	6	-		30
		Fazendeiros	3	-	-	-	4	-	-	-	7	-		14
		Pescadores	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		6
		Peixeiros	4	-	-	-	-	-	3	-	-	-		4
		Banheiros	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-		4
		Cozinheiros	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-		2
		Cortadores	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-		4
		Ferradores	4	2	-	-	-	-	2	-	-	-		5
		Trabalhadores de fabricas de sola	-	-	-	-	-	-	36	2	4	-		39
		Maritimos mercantes	3	-	-	-	-	-	-	4	-	-		4
		Mendigos	4	4	2	-	-	-	-	4	-	-		5
		Vadios	1	4	-	-	-	-	4	-	-	-		3
Sexo feminino		Mestras de meninas	4	2	4	-	-	4	-	-	-	5	239	
		Lavadeiras	43	44	14	12	2	40	40	16	10	153		
		Peixeiras	-	4	4	-	-	2	-	4	-	-		5
		Costureiras	5	4	2	2	4	-	2	3	4	20		
		Vendedoras de fructa	4	4	2	-	-	-	4	3	-	-		14
		Parteiras	1	4	4	4	4	-	4	4	-	-		7
		Creadas de servir	9	11	6	3	2	3	-	2	-	-		36
		Mendigas	3	3	4	2	-	-	-	4	-	-		10
		Proprietarios residentes	36	46	24	12	6	44	44	45	9	173		173
		Proprietarios não residentes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	98		

MAPPA N.º 1

Freguezia de Carnaxide

Concelho de Oeiras

Caminhos concelhios e estradas municipaes de primeira classe

Pontos onde começa e onde termina o caminho no concelho.	Logares, casaes e mais povoações que atravessa ou por onde passa o caminho.	Extensão approximada do caminho em kilometros.	Largura em metros.	Estado de conservação do caminho com a indicação se é transitavel em toda a extensão ou transitavel em parte.	Se convem ou não alterar o actual traçado do caminho, e qual a alteração que deve fazer, e sua razão.	Observações
1.º Começa em Leceia na freguezia de Barcarena e vai terminando na freguezia de Portella na freguezia da Ajuda.	Leceia, Barcarena, Vaqueiros, Barcarena, Carnaxide, Outorella, Portella (na freguezia de Carnaxide).	4 1/2 kilometros	4 metros.	Mau em parte, soffivel n'outra, melhor n'outra. Sempre é transitavel.	Deve conservar-se o actual traçado.	Esta estrada, bem organizada, seria de grande vantagem para as freguezias de Barcarena e Carnaxide, as quaes communicaria com Casellas, Ajuda, Belom, Alcantara, Lisboa, etc.
2.º Começa na estrada que de Caxias conduz por Barcarena á fabrica da polvora, e vai terminando no canal de Alfragide, na estrada que, atravessando a estrada nova, conduz a Bemfica.	Linda Pastora, Carnaxide, Alfragide.	3 kilometros.	4 metros.	Soffivel em parte, mau n'outra. É sempre transitavel, menos de inverno nas partes não calçadas.	Ao sair da estrada da Polvora deve tomar pelo atalho do costume, e o mesmo não descendo á quinta do Roballo, mas atravessando pela vedda da encosta.	Esta estrada seria da maior conveniencia para os concelhos de Casellas, Oeiras e Belom, pois communicaria Cascaes, Estoril, Carcavellos, Oeiras, Paço de Arcos, Caxias, através da velha ponte da freguezia de Carnaxide, com Bemfica, Gonçalves, Porcalhosa, Carnide, etc., tudo importante principalmente no verão.
3.º Começa á Ponte de Algués e termina em Queluz de Cima.		3 kilometros.	3 metros.	Mau estado na maior parte.	Deve seguir até a quinta de cima, para ahí subir mais directamente a serra.	Seria a estrada mais vistosa dos arredores de Lisboa, e communicaria, através da freguezia de Carnaxide, Pedreiros com Queluz, Cunha, Mafra, etc.

Parochial de Carnaxide, 18 de dezembro de 1861. — O prior, presidente, *Francisco da Silva Figueira*. — O vogal thesoureiro, *Alexandre dos Santos*. — Os vogaes, *Francisco Luiz Barbosa* — *Jose Duarte Pedroso* — *Jose Jorge Pereira*.

MAPPA N.º 2

Freguezia de Carnaxide

Concelho de Oeiras

Mapa indicativo dos caminhos vicinaes, estradas municipaes de segunda ordem

	Logares, casas e mais poroçoes que atravessa ou por onde passa o caminho.	Extensão approximada do caminho em kilometros.	Largura do caminho em metros.	Estado de conservação com a indicação se é ou não transitavel na estação invernosas.	Se convem ou não alterar o actual tracado, que alteração se deve fazer e a razão d'ella.	Observações
1.º Da Cruz Quebrada a Linda Pastora.	Cruz Quebrada, Quinta da Graca, Costa, Linda Pastora.	1 1/2 kilometros.	4 1/2 metros.	Soffrivel, difficil á estrada de Linda Pastora, sempre transitavel	Deve conservar o actual tracado.	Esta junta de parochia instaura a camara municipal d este concelho para que da autoridade superior alcance approvaçao de uma portaria, que obrigue os donos ou proprietarios das terras a plantarem á borda de todos os caminhos, oliveiras ou amoreiras, como elles quizerem, fazendo-se espalhar instrucções sobre a postura e melhor qualidade de amoreiras; e posteriormente sobre a creação do bicho de seda.
2.º De Quejas a Linda Pastora.	Quejas, Linda Pastora.	1 kilom. tro.	4 metros.	Mau estado.	Deve conservar-se o actual tracado.	Lembra esta junta que seria optimo estabelecer já um premio para o que dentro de cinco annos mostrar por proporcionalmente maior numero de amoreiras vingadas.
3.º Da Cruz Quebrada a Linda Velha.	Cruz Quebrada, Graca, Costa, Biscoeiras, Linda Velha.	1 1/2 kilometros.	4 metros.	Man na maior parte.		
4.º Da Cruz de S. José á ponte grande de Janmor.	S. José de Ribamar, Quintas dos Cypresses, Linda Velha.	1 1/2 kilometros.	3 1/2 metros.	Mau estado.		
5.º De Alçes a Linda Velha.	Alçes, Quinta dos Cypresses, Linda Velha.	1 kilometro.	3 metros.	Man estado.		
6.º De Alçes a Ouriceira.	Alçes, Quinta do Teixeira, Formiga, Rameira, Ouriceira.	1/2 kilometro.	3 metros.	Mau estado.		Estes mapas n os 1 e 2 são copias de originaes enviados á camara municipal de Oeiras, em 22 de dezembro de 1864.

Parochial de Carnaxide, 48 de dezembro de 1864. — O prior presidente, *Francisco da Silva Figueira*. — O thesourreiro, *Alexandre dos Santos*. — Os vogaes: *José Duarte Pedraso* — *Francisco Luiz Barbosa* — *José Jorge Pereira*.

DISCURSOS

DISCURSO

Pronunciado na distribuição de premios que, em nome do senhor D. Pedro V, aos alumnos das escolas de um e outro sexo da freguezia de Carnaxide, fez a junta de parochia da mesma freguezia

Senhores:— Sua Magestade El-Rei o senhor D. Pedro V, dotando generosamente a instrucção popular d'esta freguezia de Carnaxide, deixou a esta junta de parochia promove-la quanto em si estivesse.

Por isso, pelos alumnos mais distinctos das aulas de um e outro sexo d'esta freguezia, aqui hoje, em nome de El-Rei, se distribuem publicamente premios.

A taes desejos, a tanta protecção e desvelos de Sua Magestade para que tenham uma boa educação os filhos d'esta freguezia, deve esta corresponder, devem corresponder os paes, os mestres e os discipulos.

Os paes, sendo cuidadosos em mandar seus filhos á escola, sendo sollicitos pela sua boa frequencia, e zelosos pela auctoridade e respeito do mestre.

Devem ser cuidadosos em metter seus filhos na escola, por que d'esse modo fazem que n'elles não entre o habito da preguiça, pois um menino ou menina, que até bastantes annos, até tomar um destino, leva todo o tempo sem nada fazer e sem nada aprender, adquire o habito de passar o tempo inutilmente e sem trabalho; e os preservam do contagio funestissimo dos meninos vadios, travessos, de educação pessima, cuja companhia por isso se deve evitar com todo o cuidado a quem, pela idade, tem a maior facilidade em tomar habitos, princi-

palmente quando os exemplos lhes vem de companheiros de todas as horas e da mesma idade.

Devem ser solícitos pela regular e, quanto pôde ser, inalteravel frequencia de seus filhos na escola, aonde não basta mette-los, mas onde é preciso que elles não faltem, se possível for, um dia, uma hora, um instante; primeiro, porque o tempo de aprender não volta; segundo, porque um menino que nunca falta á escola, toma mais amor á disciplina, e, não distraído por cousa alguma, cuidando só de aprender, aproveita todo o tempo, emquanto que, indo um dia e faltando outro, uma semana e faltando outra, distraído, só embebido o espirito nos folguedos que se gosaram lá fóra n'esses intervallos, chega a aborrecer a escola, e, pela má vontade que cria, não aproveita o mesmo pouco tempo que leva na aula.

Devem, emfim, os paes ser zelosos pela auctoridade e respeito devido aos mestres, em quem elles, por algumas horas do dia, delegam sua auctoridade paternal.

Bem sei que uma certa bondade e prudencia, para attrahir o amor, a sympathia e ao mesmo tempo o respeito, é o melhor meio de dirigir creanças, e não o rigor grosseiro e imprudente; é certo porém que muitas vezes é precisa alguma severidade: mas de que servirá esta, se os filhos, em vez de encontrarem em casa uma nova correccão, acham desculpa e approvação de todo o seu procedimento?

Taes paes, ferindo a auctoridade do mestre, a si mesmo se ferem; fazendo que os filhos deixem de respeitar algum de seus superiores, predispoem-nos a virem a faltar ao respeito aos proprios paes devido.

Ao empenho de El-Rei deve corresponder o empenho e zêlo dos mestres.

Vejam que é o que os paes lhes confiam: seus filhos, objectos da maior ternura de seus corações, affectos os mais queridos da sua alma; confiam-lhes o ensino, a educação dos filhos, que os paes ou não têm tempo ou arte de educar convenientemente.

Oh! quanto é nobre, é bello, é sublime ser mestre, mas verdadeiramente mestre!

Um bom mestre é objecto das bençãos de muitas gerações. Ainda passados muitos annos se diz: isto devo a meu mestre, abençoada seja a sua memoria.

Para um bom mestre olham os discipulos com esse affecto puro e dedicado, proprio d'essas idades tenras; olham com reconhecido interesse os paes, que no bom mestre vêem quem lhes está preparando o esteio da velhice, a consolação dos ultimos dias da vida; olham, tambem agradecidas, a religião e

a patria, porque, pela sua auctorisada voz de mestre, que tão facilmente se infiltra nos corações dos discipulos, e pelos bons e escolhidos exemplos que com simplicidade lhes cita, e que tão grande impressão fazem n'essas imaginações vivissimas e corações virgens, e por i-so avidos de boa cultura, d'aquellas pequenas creaturas soube, accendendo-lhes n'alma a fê e a caridade, fazer verdadeiros christãos, e no coração enraizando-lhes o amor e a dedicação ao rei e á patria, soube formar bons cidadãos.

Pelo contrario, o mau mestre é réu do maior dos crimes, a morte do espirito, a ignorancia, aos olhos dos paes que nunca lhes perdoarão tão precioso tempo perdido da vida de seus filhos, de quem não soube fazer bons filhos, bons irmãos, para depois serem bons esposos e bons paes; e aos olhos da religião e do estado, para que não soube educar bons servidores.

Emfim, aos desvelos de El-Rei por elles devem corresponder os meninos, fazendo, quanto podem, por aprender, por adquirir essa joia, como diz o sagrado livro da sabedoria, mais valiosa que todo o oiro e que as pedras mais preciosas. Essa joia é o saber.

A muitas pessoas, que ou não tiveram a fortuna de seus paes os mandarem á escola, ou não aproveitaram o tempo que lá andaram, perguntae se não têm pena de assim ficarem. Ellas vos responderão que têm muita pena, e que muitas e muitas vezes na vida têm sentido o mal que lhes faz não terem aprendido. A quantos, penetrados de verdadeira tristeza, tenho eu ouvido dizer: «ah! se meus paes me tivessem mandado á escola» ou «se me tivesse sabido aproveitar, outra seria a minha sorte».

Seria, seria, poisque pôde vir a ser o homem, que nem ler e escrever sabe?

Nunca poderá com vantagem vir a ser bom commerciante, o que requer intelligencia e facilidade de escripturação e contabilidade. Nunca poderá vir a ser artista apurado ou excellente lavrador, porque para manejar a lima, o machado, a serra, o martello ou o arado é precisa a pratica, mas para que esta seja perfeita, é preciso ter conhecimento das regras e conselhos, que outros mais experientes ou apurados escreveram em livros, que o ignorante não pôde consultar porque não sabe ler.

Vêde o que vale o saber; vêde quanto é digno de elogio o menino estudioso, e quão grande pôde elle vir a ser.

Pôde vir a ser o lustre, o ornamento da sua patria, sendo grande na religião, nas letras, nas artes ou na guerra; e a gloria da sua familia, pois todos têm por grande brazão contar

entre os seus um grande homem, como já é a honra de seus mestres, cuja sabedoria e boa arte de ensinar se avalia pelos bons discipulos que deita, como já é a ufania de seus paes.

Quando o menino estudioso, tendo bem empregado o seu dia, á noite se for sentar á roda de familia, se reparar bem em seus paes, verá que elles o contemplam cheios de ternura, e que de seus olhos algumas vezes correm lagrimas, lagrimas de consolação e alegria, pois todos lhes repetem: vosso filho é bom menino, é bom filho, é o melhor estudante da sua terra, o que a todos se avanta na sua aula.

Oh! feliz menino que tal prazer dá a seus paes! Elles o abençoam, e porque a benção dos paes tem virtude de attrahir as benções de Deus, a quem elles representam, Deus o abençoará tambem, será feliz, muito feliz!

DISCURSO

Recitado na festa do Espirito Santo, celebrada na dominga das Dores da Virgem, 21 de setembro de 1856, na ermida de Paço de Arcos, offerecido a el-rei o senhor D. Pedro V

Stabant juxta crucem Jesu mater ejus, etc.
Ao pé da cruz de Jesus estava sua mãe.

Evang. segundo S. João, cap. 19, v. 25.

Que estranho contraste entre a alegria d'este templo e a tristeza da scena que o Evangelho hoje nos descreve!

Alegres hymnos, festivos canticos, decoraçãõ esplendida, tudo que respira prazer, que manifesta jubilo, aqui se patenteia; e no meio de tudo isto o Evangelho, esse livro de eterna verdade, volve uma pagina de luto, de pezar profundo, de afflicção immensa: Jesus morrendo, e junto á cruz de filho, sentindo-o morrer, Maria, sua mãe! *Stabant juxta crucem Jesu mater ejus.*

Obedecendo á voz do Evangelho, deixemos, fieis, deixemos por um pouco beber o coração d'esse calix de amarguras, deixemos por um momento enlutar o espirito nas reflexões tristes, que tão dolorosa contemplação necessariamente lhe sugere.

Maior depois, mais sensivel será a alegria, que á maior tristeza é que succede o maior prazer, á dor mais forte o maior contentamento, como é, succedendo á mais escura noite, que mais clara e bella parece a luz do dia, é dissipando as pesadas e escuras nuvens da temerosa tempestade que o sol se manifesta mais esplendido e radiante.

Colloquemo-nos junto á cruz de Jesus, e ahi, em frente da mãe, com os olhos levantados para o filho, semelhantes ao justo centurião, admiremos a grande obra da Redempção. Contemplemos o filho e a mãe, o que morre e a que sente mais que a morte, sentindo morrer seu filho. Com os olhos no filho, que,

morrendo, deixa pender sua sacrosanta cabeça, exclamando: *consummatum est*; sentindo abalar-se a natureza toda, vendo sentir tudo a morte do seu auctor; ao escutar o clamor do justo centurião: *vere filius Dei erat iste*¹; ao ver a tyrannia de cansadas deixar cair as mãos da crueldade, contemplando a sua obra nefanda! vendo todos retirarem-se, batendo no peito, attonitos e assustados do que viam; alongando depois a vista para o futuro, vendo como a semente, que se lançava á terra no Calvario, veiu a dar tão espantosa producção, como a cruz que se arvorava no Golgotha, veiu triumphante levantar-se por toda a terra, veiu radiante e gloriosa ser o estandarte dos povos e a decoração mais preciosa da corôa dos reis; ao ver esta arvore preciosa, de que pendia preciosissimo fructo, abrigando depois á sua sombra vivificante e consoladora os homens todos, sendo-lhes o symbolo da união, da paz e da verdadeira civilisação, o coração sente primeiro, mas depois exulta; o espirito entristece-se, mas depois alegra-se, admira, pasma ao ver em tudo isto uma voz realisada, uma grande promessa cumprida: *Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad me ipsum*. E eu, se for levantado da terra, tudo attrahirei a mim¹. Contemplando depois a mãe abraçada á cruz do filho, lavada em rios de suas lagrimas e do sangue do filho, que sente agonisar, que sente morrer, o coração despedaça-se, e o espirito pergunta como se pôde soffrer tanto?

Era a obra da redempção que ali se consummava, e n'ella, como em todas as obras de Deus, as tres pessoas da Trindade Santissima quizeram tomar manifesta parte.

O Pae recebe o sacrificio, o Filho offerece o sacrificio, e o Espirito Santo, que já tinha descido sobre Maria para que ella fosse mãe de Deus, formando do sangue e carne purissima d'essa Virgem admiravel a carne e sangue preciosissimo de Jesus Christo, ainda agora sustenta, fortalece com a sua graça a que soffre junto á cruz de seu filho. *Stabant junta cruce[m] Jesu[m] mater ejus*.

N'essa obra de amor pelos homens, o Espirito de amor e consolação anima e fortalece aquelle coração, para nós tambem de amor eterno e extremoso.

Assim da tristeza vae despertar o prazer, do pezar vae nascer a consolação e a alegria.

A grande obra que se opera no Calvario traz-me á memoria como o complemento d'ella, o conhecimento que d'ella teve o mundo por meio da prégação dos apóstolos, illuminados e fortalecidos pelo Espirito Santo.

¹ Evang. segundo S. Matheus, c. 27, v. 54.

² Evang. segundo S. João, c. 12, v. 32.

A que soffria junto á cruz faz lembrar o que a sustentava, a grande martyr aquelle que a ajudava no seu martyrio, Maria o Espirito Santo, que, fortalecendo Maria Santissima, assistia, cooperava para a consummação, como tambem descendo sobre ella a enche-la da sua graça, cooperára para o começo da redempção, para a encarnação.

Concorreu para o principio e para o fim, concorreu o Espirito Santo para a redempção, a segunda criação do homem, como concorrêra para a primeira criação.

Está pois traçado nosso discurso, pio auditorio. Levado assim pelo fio de nossas proprias idéas e pela vossa piedade de hoje, fallar-vos-hemos do Espirito Santo, mostrar-vos-hemos, não digo bem, que isso seria impossivel, fallar-vos-hemos da sua virtude efficaz creando o mundo, creando o homem, primeiro ponto; creando novamente o homem, isto é, preparando-lhe a redempção, o que constitue a segunda criação do homem, ainda mais bella e prodigiosa que a primeira, segundo ponto; consummando, aperfeiçoando essa redempção, descendo sobre os apóstolos, convertendo-os, e convertendo por meio d'elles o mundo, terceiro ponto.

Apresentar-se-hão, pois, á vossa contemplação tres grandes mudanças: o Espirito Santo mudando o nada para o tudo, creando do nada tudo que existe; o Espirito Santo fazendo do homem, peccador, réu da culpa original, inimigo de Deus, amigo de Deus, filho da graça, herdeiro do céu, levantando o homem do nada em que o lançára a culpa para o tudo a que pôde subir pela graça; finalmente, o Espirito Santo fazendo dos apóstolos homens ignorantes, frageis, incapazes de doutrinar o mundo, e de sustentar sobre seus debeis hombros o gravissimo onus do apostolado, douttissimos mestres das nações, intrepidos soldados de Jesus Christo, tornando o mundo pagão, enterrado nos crimes mais atrozes e vicios mais hediondos, um mundo novo, christão, sublimando-se nas bellas virtudes evangelicas.

Admirareis em tudo o poder e efficacia da graça do Espirito Santo.

Todo nosso empenho, todo nosso desejo é, excitando a vossa admiração ao contemplar as grandezas e misericordias do Senhor, accender-vós no peito o fogo do seu amor, o desejo ardente de que vossos corações sejam tambem vencidos por aquelle divino e santo Espirito, que tão admiravelmente sabe mudar, transformar, vencer os corações.

Preciso porém do vosso auxilio, divino Espirito de sabedoria e de fortaleza. Eu vou fallar de vós, fallae vós em mim; com as minhas palavras descei aos corações dos que me escu-

tam; illustrae-os, movei-os, começae a fazer-nos arder n'essas abrazadoras chammas do amor divino, juntae ás vossas victorias mais esta victoria.

Os successos sem duvida mais extraordinarios que o mundo tem visto, senhores, vão occupar a vossa e a nossa attenção. Os acontecimentos que vamos descrever-vos são altamente admiraveis em si mesmos, admiraveis em suas causas, e admiraveis em seus efeitos.

Fallámos do Espirito Santo descendo a crear tudo que existe, a dar vida a tudo que vive, a dar movimento a tudo que se move, a dar vigor a tudo que cresce, que se multiplica.

Fallámos do Espirito Santo descendo a gerar a sacrosanta humanidade de Jesus Christo, a produzir a incarnação do Verbo, e com ella a redempção, a segunda criação do homem.

Fallámos emfim d'aquelle Espirito de amor, de sabedoria e de fortaleza, descendo sobre os apóstolos, accendendo com seu lume vivificante esses fachos brilhantissimos da igreja nascente; fortalecendo com sua força omnipotente essas columnas inabalaveis, esses castellos invenciveis da igreja de Jesus Christo; enviando os apóstolos ás gentes da terra, lançando os alicerces, levantando o grandioso e magnifico edificio da santa igreja.

O Espirito Santo preside sempre a todas as obras de Deus, patenteia-se sempre aonde Deus se manifesta.

Aonde apparecem dois entes extremosamente, verdadeiramente queridos, ha de por força manifestar-se, ha de ahi apparecer o amor que mutuamente lhes rende os corações.

Opera Deus, operam as tres Pessoas Divinas que são um só Deus.

Aonde apparece o Pae, apparece o Filho, sapiencia substancial e infinita do Pae. Aonde apparecem o Pae e o Filho apparece o Espirito Santo, amor mutuo e substancial e perfeitissimo e infinito do Pae e do Filho.

Surge do nada do mundo, levanta a voz da criação o Padre, dá este o omnipotente *fiat*¹, entende tudo o Filho *omnia in sapientia fecisti*²: faz-se tudo por elle *omnia per ipsum facta sunt*³; o Espirito Santo ahi apparece tambem, vem manifestar-

¹ Gen. c. 1, v. 3.

² Psalm. 103, v. 24.

³ Evang. segundo S. João, c. 1, v. 3.

se também, vem encher de sua plenitude as obras que produzem e em que se manifestam o Pae e o Filho. *Spiritus Domini replevit orbem terrarum*¹.

Ergue o panno ao quadro magnifico da natureza inteira a dextra do Omnipotente, desenvolve-se á voz solemne do Deus creador o pavoroso, tenebroso, confuso cahos na portentosa e magestosissima obra de todo o universo; em rasgos sublimes traça logo, e não em desenho imperfeito, em principios sómente, mas em pintura logo, e de todo acabada e magnifica e sublime a voz omnipotente da vontade eterna o todo completo e aperfeiçoado da criação universal. Mas quem o colore, quem o anima, quem o realça? É o Espirito Santo que lhe dá vida, belleza, formosura, que lhe dá tudo, *Spiritus Domini replevit orbem terrarum*, que lhe dá tudo, porque, que são as obras de Deus senão perfeição? Que é o universo, espelho magnifico e brilhantissimo da intelligencia infinita, senão belleza, senão formosura?

Ornou, deu formosura aos céus, *ornavit caelos*². Deu ornamento a essa mansão de felicidade, decorou-a de magestosissimo aparato, revestiu-a de grandezas dignas d'elle, dignas de Deus!! Povou essas religiões supernas e felicissimas, circumdrou seu excelso throno de gloria d'essas sublimes e angelicas creaturas, *Qui facis angelos tuos, Spiritus*³. *Ornavit caelos!* Envia Deus seu Espirito e começa a girar na immensidão do espaço a innumeravel multidão de corpos que o povoam; começam a matizar a azulada abobada celeste brilhantes, scintillantes astros! Lá surge a bella aurora, lá se alevanta o brilhante astro do dia, lá corta as trevas da noite a placida e melancolica luz do astro da noite. Começam o seu girar continuo as estações da natureza vivificadoras. Succedem-se ininterrompidamente o dia que chama ao trabalho, e a noite, que convida ao descanso. Começa o vegetar das plantas, o viver dos animaes, o mar ruge, os rios correm, os regatos saltitam, as fontes brotam, as nuvens se elevam porque o Espirito do Senhor as impelle, lhes dá o sopro da existencia, o impulso do movimento. *Flabit spiritus ejus, et fluent aquae*⁴. Emfim, tudo é creado, porque o Espirito Santo desce a crear tudo. *Emittes spiritum tuum, et creabuntur*⁵.

Á criação só faltava quem lhe presidisse. Por isso Deus de-

¹ Livro da Sab., c. 1, v. 7.

² Job., c. 26, v. 13.

³ Psalm. 103, v. 4.

⁴ Psalm. 147, v. 18.

⁵ Psalm. 103, v. 30.

terminou em si, *et ait*¹, as tres Pessoas Divinas concordaram, decretaram em sua vontade unica crear o homem, rei da creação, para quem tudo que vemos foi feito, *faciamus hominem*². E n'esta sua creatura terrestre, a mais perfeita, a mais nobre e de mais elevadas faculdades, desvelaram-se tanto que a crearam á sua imagem e similhaça, *ad imaginem et similitudinem nostram*³, o que é prova da grandeza e dignidade do homem, e de quanto Deus se esmerou com elle.

O Espirito Santo quiz tambem ter parte n'este ultimo e mais completo producto terrestre que saiu das mãos de Deus.

Espirito de sabedoria, quiz dar-lhe sabedoria, intelligencia; Espirito de amor, processão da vontade mutua do Pae e do Filho, quiz dar ao homem vontade. Foi quem lhe deu a alma, principio de intelligencia e de liberdade; *inspiravit. . . spiraculum vitae*⁴, foi quem lhe deu essas duas bellas faculdades, que constituem verdadeiramente o homem, formando o seu character distinctivo, *Spiritus Dei fecit me*⁵. Reparae na expressão do escriptor sagrado, *inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae*⁶. Deu-lhe uma alma com aquellas faculdades, que são a verdadeira fôrma, a verdadeira face, *in faciem*, que são o distinctivo sublime do homem; deu-lhe uma alma ornada d'esses dotes sublimes, pelos quaes o homem se aproxima, se assimilha, é imagem do seu Deus, *in faciem ejus. . . ad imaginem et similitudinem nostram*.

O Espirito Santo concorreu para a primeira creação, e concorreu tambem para a segunda creação, para a redempção do homem.

Como para a primeira, e estamos entrados no segundo ponto, como para a primeira, parece que as tres Pessoas da adoravel e Santissima Trindade rivalisaram tambem em cooperarem para a segunda creação do homem, em que ainda mais se manifestaram a sabedoria, poder, bondade e misericordia de Deus.

O Pae envia o Verbo Divino, o seu eterno unigenito. O Filho, o Verbo de Deus, desce a incarnar-se no ventre purissimo d'essa Virgem admiravel. O Espirito Santo, que já havia enriquecido de dons altissimos e de graças ineffaveis a que havia de ser mãe de Deus, desce depois sobre essa entre todas a mais afortunada creatura, e acabando de derramar so-

¹ Gen., c. 1, v. 26.

² Idem.

³ Idem.

⁴ Gen., c. 2, v. 7.

⁵ Job., c. 33, v. 4.

⁶ Gen., c. 2, v. 7.

bre ella a plenitude de seus favores e de suas graças, do sangue e carne purissima d'essa Virgem santa e immaculada gera o sangue e carne sacrosanta de Jesus Christo.

Um anjo desce a annunciar a Maria que é a escolhida do Senhor para ser instrumento da grande obra da redempção.

Um anjo annunciára ao homem que era chegada a sua desgraça; um anjo lhe annuncia agora em Maria ser chegada a sua felicidade.

A Maria, ha pouco vacillante, duvidosa, envolta nos receios de timida e casta donzella, abatida em sua humildade, parecia impossivel que pudesse ser ella a cooperadora da grande obra do Senhor. Mas, ao escutar da bôca do mensageiro celeste que sobre ella vem descer o Espirito Santo, já não duvida, já não vacilla, o temor torna-se-lhe em confiança, o que lhe parecia impossivel parece-lhe agora facil de realizar-se, a que ha pouco, duvidando, exclamára: *quomodo fiet istud*¹, como se fará isto? agora com decidida confiança responde: *fiat... secundum verbum tuum*, faça-se como dizeis².

Operou-se a grande obra da redempção. Que mudança opera o Espirito Santo?! A victoria do Espirito do Senhor sobre o espirito da soberba é completa. Uma mulher levára o homem á perdição, uma mulher o leva á felicidade. Uma mulher perdêra o homem na primeira criação, uma mulher o salva na segunda criação, na redempção. Eva gerou o homem filho da culpa, e degradado da dignidade de homem pela soberba de querer ser Deus; Maria gera um homem, pae da graça, mais que homem, Deus tambem, e que nos alevantou a todos abastendo-se a si, humilhando-se, sendo Deus, a ser homem tambem. Na arvore da sciencia do bem e do mal, do bem que acabava e do mal que começava, Satanaz offereceu ao homem o pomo da desobediencia, e o principio de toda a sua infelicidade. Na cruz, arvore tambem de sciencia, de que acabava o mal e começava todo o bem, Jesus Christo, o terrivel vencedor de Satanaz, offereceu ao homem que fructo de benção! deu ao homem o principio e preço de toda a ventura. Satanaz enganára o homem, zombando com elle, affirmando-lhe que podia ser Deus³; a que dignidade levantou o homem Jesus Christo, que sendo Deus, era homem tambem?!

Não diremos mais, senhores, ao fim não podiamos nós chegar.

Mas qual foi a origem de tudo isto, a causa de todas estas

¹ Evang. seg. S. Luc., c. 1, v. 34.

² Evang. seg. S. Luc., c. 1, v. 38.

³ Gen., c. 3, v. 5.

espantosas mudanças? Qual foi o principio da segunda criação do homem, como já o tinha sido da primeira criação do homem? *Spiritus Sanctus superveniet in te*¹. Foi a descida do Espirito Santo sobre Maria Santissima.

Mas vamos ao terceiro ponto, e adiantemos o discurso, que talvez já se vá alongando demasiadamente.

Novos prodigios, mudanças, transformações nada menos extraordinarias temos ainda a admirar, senhores.

Que eram os apóstolos antes, e que foram depois que o Espirito Santo desceu sobre elles? Que era o mundo antes, e em que se tornou depois da pregação dos apóstolos, illuminados e fortalecidos pelo Espirito Santo?

Os apóstolos, até á vinda do Espirito do Senhor sobre elles, eram homens sem luzes algumas, quasi todos sómente affeitos ao manejar da rede, á direcção do barco, ao cortar do remo; homens de paixões grosseiras e que devem ser desconhecidas até dos corações mais vulgares; invejosos, orgulhosos, ora disputando sobre a primazia no reino de Jesus Christo, ora inquirindo qual seria o premio da sua abnegação. Em seus corações entremeiavam-se virtudes e vicios, paixões generosas e vis paixões, eram homens mas não eram apóstolos.

Pedro confessa que Jesus Christo é filho de Deus vivo², quer vingá-lo quando vem prende-lo, e logo depois nega-o pusillanimemente ao ouvir o arrasoado de uma mulher.

Esses que tinham visto seu Divino Mestre praticar tantos milagres, tantas acções prodigiosas; que, ao Jesus Christo entrar triumphante em Jerusalem, phreneticos de alegria, tinham ajudado com suas vozes o coro de alegres Hossanas ao filho de David, tiveram a lamentavel fraqueza de abandonarem seu mestre no momento da afflicção, na hora do perigo.

E haviam de prégar a Jesus Christo estes que tinham fugido d'elle? Haviã de prégar a sua lei estes que a não comprehendiam? Haviã de prégar as virtudes do céu estes que de tal modo se rojavam pela terra? Haviã de ser estes que haviam de prégar em Jerusalem, diante dos summos sacerdotes, e á face de todo o mundo a Jesus Christo, que Jerusalem acclamára réu de morte, que os escribas e phariseus tinham levantado a uma cruz, symbolo de vergonha e de ignominia em todas as nações?!

Mas ei-los já reunidos no cenaculo. Parece que lhes punge o coração a cobardia com que tinham abandonado seu Divino

¹ Evang. seg. S. Luc, c. 4, v. 33.

² Evang. seg. S. Matth., c. 16, v. 16.

Mestre. Ao escutar o tumultuar da plebe por Jerusalem, seus corações ainda tremem de susto, representa-se-lhes que ainda está erguido para elles o terrivel patibulo da cruz, em que morrêra seu Mestre. Mas eu não sei que desejo ardente se lhe eleva na alma de cobrir as faltas passadas, indo denodadamente lançar em rosto a esse povo ingrato a sua maldade e o seu crime atroz. Uma batalha terrivel se trava em seus corações. Ainda retinem em seus ouvidos as palavras de seu Mestre: *prædicate omni creaturæ*¹, prégae a todo o genero humano; mas seus hombros vergam, seus corações afracam, seus espiritos se sentem confusos, oppressos; sentem que não têm forças para arrostar o perigo, conhecem que não têm luzes para entrar na grande luta. De um lado pugna a voz de seu Mestre, que lhes manda, que lhes impera que preguem; do outro lado a consciencia de sua fraqueza e de sua ignorancia lhes aconselha, lhes brada que não vão, que se não arrisquem. De um lado Deus, do outro lado os homens, mas os homens cercados de patibulos, empunhando flagellos, machinando perversamente uns, jurando falsamente outros, outros sentenciando iniquamente em tribunaes de injustiça, de iniquidade, de sangue!

Que hão de fazer?

Uma idéa consoladora os anima, uma ordem terminante de seu Mestre lhes determina que esperem que o Espirito de consolação e de amor desça sobre elles. Esperam confiadamente na promessa de Jesus de que, se têm delinquido, esse Espirito santificador os santificára; se não sabem, esse Espirito de sabedoria os ensinará, e lhes ensinará tudo: *ille vos docebit omnia*²; se têm receio, se temem, esse Espirito de fortaleza lhes dará coragem para arrostar com os perigos, para debellar as difficuldades, para não temer cousa alguma.

O grande dia aproxima-se emfim, a grande promessa vae cumprir-se, o primeiro dia da santa igreja vae raiar, e como surge brilhante! O Espirito Santo desce, o fogo divino penetra em cada um dos fieis que compõem a primitiva igreja, reunida no cenaculo, e que vemos? Um extasis primeiro, todos elevam as mãos e olhos ao céu depois, e depois os apóstolos se levantam, e correm, porque o fogo que lhes revolve os corações e lhes accende os espiritos não n'os deixa socegar mais. Já se não podem conservar silenciosos, escondidos lá no meio, no logar mais retirado, mais recondito do cenaculo, todo fechado, parecendo deshabitado. Esses que temiam, já não te-

¹ Evang. seg. S. Marc., c. 16, v. 15.

² Evang. seg. S. João, c. 14, v. 26.

mem; esses que não sabiam, sentem não sei que correr-lhes pelo espirito, e que, avivando-lhes á memoria tudo que seu Divino Mestre lhes dissera, e que elles então não tinham comprehendido, tudo lhes faz agora comprehender, e de um modo admiravel. As figuras do antigo testamento desenvolvem-se-lhes clarissimamente na explicação do Evangelho; vêem e explicam o passado, vêem perfeitamente o futuro. Correm, querem fallar, querem apregoar tão alta maravilha. Correm, abrem as portas, e uma multidão innumeravel se lhes aprênta á vista, porque gentes de todos os paizes se achavam então em Jerusalem por ser esse o dia da grande festa de Pentecostes¹. Gentes de todas as nações, tribus e linguas, cercavam o primeiro templo do christianismo, como pedindo todo o mundo entrar no seu gremio, pedindo todos os homens subir ao monte santo, em que, segundo o propheta², se lhes offerencia a alliança perenne e indestructivel.

Abrem-se as portas, e uma figura veneranda, um homem de vestidos humildes, mas de gesto nobre, de ar mais que humano, apparece, a voz solemne e grave de Pedro se faz por todos ouvir. O que negára, agora confessa, apregoa, sustenta, raciocina, explica; e os judeus que tinham appellido obras de Satanaz as obras de Deus, que lhes tinham dado tão torpes explicações, agora ficam mudos ao ouvir explicar em seus mais escuros sentidos as santas escripturas, ao ver analysar um por um os vaticinios dos prophetas, ao ver confrontar umas com outras as prophecias e figuras do antigo testamento, e tudo rasoavel e indisputavelmente applicado a Jesus Christo, e ao presente milagre do Espirito Santo. Ninguem soube replicar, ninguem soube retorquir.

Ainda maiores maravilhas, senhores.

O que em Babel dividira as linguas para confundir os homens, agora, para os esclarecer, reúne todas as linguas em cada um dos apostolos, que fallam todas as linguas, e, fallando uma só lingua, fazem-se entender em todas as linguas.

Este grande milagre augmenta o assombro, leva ao seu auge a admiração. Que é isto, exclamam todos, que nova maravilha é esta, não os ouvimos fallar a todos nas nossas proprias linguas? *Quomodo nos audivimus unusquisque linguam nostram, in qua nati sumus?*³

A primeira prêgação de Pedro converteu tres mil pessoas. A dia tão bello e glorioso succederam outros dias bellos e glo-

¹ Act. Apost., c. 2, v. 4.

² Isaias, c. 2, v. 2, 3, 4, 5, e 6. Michaeas, c. 4, v. 1, 2, etc.

³ Act. Apost., c. 2, v. 8.

riosos. Cada dia era marcado por novos milagres, por novas provas de dedicação e intrepidez apostolica, prégando e supportando com valor heroico os carcereos e martyrios. Cada dia era assignalado por novas conversões, por novas victorias. Em todos os angulos da terra soam as trombetas evangelicas. Em presença d'esses habéis e incansaveis agricultores em que se tornou a terra cheia de abrolhos, toda inficionada de viciosas raizes? Que era a terra até então?

Não é difficil fazer uma pintura, senão completa, ao menos capaz de fazer bem conhecer o estado miseravel em que então o mundo estava envolto. Aindaque rapidamente, vamos nós faze-lo, porque queremos que brilhe em toda a sua luz, em todo o seu fulgor esse bello triumpho, esse grande e irresistivel argumento da divindade da religião christã.

Não deve ser excluido d'esse tenebroso quadro o mesmo povo judeu, desde havia seculos indigno de se chamar povo de Deus, porque lá se me representa o sadduceu incredulo e o phariseu hypocrita, orgulhoso e oppressor. Mas não é menos triste o resto do quadro, que formam de um lado as cantigas lascivas, os gestos e movimentos e dansas descompostas e provocadoras em roda da impudente estatua da deusa de Paphos e de Gniço; de outro lado os gemidos do gladiador, que morre exangue n'essa luta de morte, que é o divertimento de milhares de espectadores; os gritos afflictivos, as vozes de horror dos desgraçados lançados ás feras em magnificos amphitheatros, em que numerozo povo bate as palmas e levanta gritos de alegria ao ver despedaçada a pobre victima; e o sacrificio sanguinolento do vencido immolado pelo vencedor nas aras sacrilegas das falsas divindades.

De um lado os gritos freneticos, a embriaguez cambaleante, o correr desatinado das saturnaes e bachanaes infames; do outro lado a deprecação fervorosa, o curvar do joelho, a inclinação da frontê reverente do supersticioso e ridiculo egypcio diante do altar, que levantou aos vegetaes, que arrancára de suas hortas! Oh! cegueira! Oh! vergonha!

Vejo de um lado leis auctorisando o roubo e a trapaça bem urdida, mandando dar a morte aos meninos a quem a natureza dera defeitos; do outro lado afamados philosophos sustentando o suicidio e a sensualidade!

Que mais se quer, para se avaliar a aberração do espirito e a degradação do coração humano?

E taes desvarios, tão vergonhosas torpezas, tão dissolutas, tão ridiculas paixões cobriam toda a face da terra!

Mas os apóstolos, inspirados pelo Espirito Santo, elevam suas vozes por toda a parte, e tudo muda. O sangue dos mar-

tyres e a cinza das fogueiras fertilisam o campo fecundo da igreja. Cada vez surge mais forte, mais viçosa e mais corpulenta a bella arvore do christianismo, que caminha a largos passos, e sob cuja salutar influencia acabaram, a cujo clamor forte e incessante desapareceram aquellas scenas de sangue, aquelles sacrificios hediondos, aquelles costumes revoltantes, aquellas leis monstruosas. Triumphou-se emfim.

Mas quem alcançou tamanha victoria, plantando em tão pouco tempo e por toda a parte, e através de todos os obstaculos, de todos os perigos, apesar da mais cruel perseguição e feroz tyrannia, uma religião que tão altamente combatia as paixões e os prejuizos, as leis e os costumes, e tudo isto forte em sua existencia de seculos?

Não foram os apóstolos, homens sem sciencia, sem riqueza, sem poder, sem influencia, sem cousa alguma que pudesse ajuda-los em tão arriscada empreza.

Não foram elles, não. Foi Deus por elles.

Obra tão gigantesca só Deus podia levanta-la.

Temos concluido, senhores.

Tantas mudanças operou-as o Espirito Santo.

E nós hoje, endereçando-lhe mais particularmente nossos corações agradecidos e supplicantes n'este templo, filiação d'aquelle primeiro templo do christianismo, como que commemorâmos e agradecemos todos os beneficios e graças que se tem dignado derramar abundantemente sobre os apóstolos primeiro, e depois sobre os fieis da sua igreja, desde aquelle primeiro e glorioso dia até hoje.

Por esta grande rasão, aquelle Divino e Santo Espirito, não recusará derramar novas graças sobre aquelles que tanto se esmeram em seus cultos, e sobre todos aquelles que, como os apóstolos, com o coração docil, humilde, cheio de bons desejos, lhe pedirem graça, e é o que nós todos agora vamos fazer, prostrados em sua presença augusta.

Veni, Sancte Spiritus, reple tuorum corda fidelium, et tui amoris, in eis ignem accende. Vinde, Espirito do Senhor, descei sobre nós, e enchei nossos corações da vossa graça, acendei n'elles o fogo do vosso amor, abrasae-os nas chammas da vossa divina caridade, fazei que comecemos na terra esse amar, que lá no céu se prolongará por toda a eternidade.

ORAÇÃO FUNEBRE

Recitada nas exequias que, por almeida do Senhor D. Pedro V, mandou celebrar a camara municipal do concelho de Oeiras

Et fleverunt eum omnis populus Israel planctu magno, et iugebant dies multos.

Com grandes prantos o chorou todo o povo de Israel, e por muito tempo duraram essas lagrimas.

Machab. L. 1, cap. 9, v. 20.

Providencia, Providencia, que vistas são as vossas sobre a minha infeliz patria?!

Deus grande, Deus de misericordia immensa, como vos não commoveram as lagrimas de todo um povo, que vos pedia a vida do melhor e mais amado dos soberanos?!

Deus é grande, ama pois a verdadeira grandeza. Mais que tudo, Deus é bom, o que mais o satisfaz, pois, é o que nasce do coração. E que spectaculo, para satisfazer a grandeza e a misericordia de Deus, todo um povo chorando, e orando a Elle primeiro pela vida, e depois na morte de um grande rei, de um verdadeiro pae de seus subditos!

Se, como cada individuo, como cada nação, Portugal tinha que satisfazer á justiça de Deus, um reinado breve pelo tempo, e mais breve ainda segundo nossos desejos e nossa saudade, mas grande pelo soffrimento, todo cortado de tribulações as mais tristes e dolorosas para um coração de homem, de filho, de esposo, de irmão e de rei, e, emfim, como coroando tanto martyrio, a morte d'elle, que era homem, como são aquelles que mais honram a humanidade, pelos sentimentos de bondade e affeição para todos os homens; que era rei de

justiça e moderação, que é o que faz grandes os reis, e na morte de quem tanto nos mereceu, esta dor universal, íntima, sincera e profunda, estas lagrimas vindas do coração, aquecidas pelo patriotismo, e santificadas pela fé, não satisfarão de todo a Deus para começar a olhar já com vistas propicias esta nação desde ha tanto tempo ferida por tantas adversidades?

Duvidariam do patriotismo portuguez? Julgaria acaso o mundo, que o santo amor da patria, que tão famosos nos tem feito em todas as idades, estava arrefecido e morto nos corações dos filhos d'esta terra?

Tal não dirá já o mundo diante do que se viu, do que se está vendo, e do que ainda se verá por largos tempos, porque tão grande e sentida foi a perda que a saudade, que está produzindo, de todo não se extinguirá jamais, jamais a lima do tempo terá força de lhe embotar todos os espinhos, com que dolorosamente nos está ferindo os corações.

Noite de 9 de novembro ¹ para sempre ficas memoravel nos fastos da minha patria!

Quando no seio do repouso estava a adormecer a grande população da famosa capital portugueza, um som lugubre, terrível, assustador, fende os ares, e logo os corações. Em sons tristes e melancolicos, como que do alto de todos os templos, se bradava: o soberano bem amado está a morrer, vinde orar para que Deus o salve.

Era a humanidade, era a patria, era a religião, que chamavam, bradavam que fossem, corressem, para ver se se evitava a terrível catastrophe, que estava a estalar sobre o triste Portugal.

Que tinha elle sido, quanto se lhe devia, e que se perderia perdido elle?

À memoria, onde estavam bem presentes os beneficios de hontem, e, se pôde dizer, do mesmo dia; ao coração, onde estava bem fundo o agradecimento e o amor, acudiram logo aquellas idéas, aquelles sentimentos, e na força que dá o perigo extremo, na extrema hora da angustia.

Foram, porque, para não irem, era preciso não serem homens, não serem portuguezes, não serem christãos.

Que orar aquelle, de que lagrimas acompanhado, de que dor repassado, como vinha do coração, como era sincero, íntimo, e para valer muito aos olhos do mundo e tudo aos olhos de Deus!

Que povo, que de tal modo, com taes extremos sabia amar

¹ N'essa noite o povo inteiro da capital foi chamado a preces pelo Senhor D. Pedro V, que veiu a fallecer na noite de 11 de novembro de 1861.

o seu rei! E que rei, que de tal modo soubera ganhar o affecto, o amor de todos seus subditos!!

Onde ha tal amor, tal união, tal intimidade entre o rei e o povo, é forte o patriotismo, vivida e grande a nacionalidade.

De que seria capaz um tal rei á frente de um tal povo? Que razão pois tinha elle para chorar e orar? Mas, ah! Deus lhe estava já a trocar pela corôa do martyrio a corôa da immortalidade. Os seus, e Deus, estavam-no a chamar lá de cima. Foi.

E que ficou d'elle na terra? E que ficou em nós sem elle?

De Pedro V ficou a memoria querida e para sempre abençoada; e em nós a dor mais viva, a mais inconsolavel saudade. *Et fleverunt eum omnis populus Israel planctu magno, et lugabant dies multos.* E porque?

Porque, di-lo a humanidade, di-lo a patria, di-lo a religião, que choram a perda do que foi o maior bemfeitor da humanidade, praticando no grau mais sublime essa formosissima virtude; que era o primeiro no amor da patria, de que foi rei, mais que pelo sangue e pelo direito, pelo amor com que imperou nos corações de todos os portuguezes; que em tudo sempre se mostrou e provou catholico sincero, convicto e ardente.

Se, pois, como vereis em meu discurso, a humanidade, a patria e a religião têm os mais fortes motivos de chorar na morte do muito alto e poderoso rei de Portugal, o senhor D. Pedro V, de homens, em cujos corações é bem vivo o sentimento da humanidade, de portuguezes patriotas e de bons christãos é, illustre camara, este vosso chorar, este vosso orar ante o altar, e diante d'aquelles symbolos da morte.

Lagrimas e orações, saudade e lembranças abençoadas são as flores e as corôas de que lhe devemos ornar o monumento funereo.

Chorae, que eu chorando tambem, em linguagem austera, severamente verdadeira, como pede o logar, a occasião, a vista d'aquelles trophéus da morte, e a mesma justiça do elogio merecido do grande monarcha, irei soltando, mais que discurso ordenado, palavras de affecto sentidissimo e saudoso.

Oh! Deus, graça; respeitavel auditorio, attenção e benevolencia.

Dos monarchas que se finam, uma feição principalmente os distingue na posteridade. D'elles, bons ou maus, inexoravel, a historia, para os distinguir na serie dos reis, cita o primeiro vicio ou a primeira virtude.

Dos reis justos, que bem mereceram da patria, a patria, agradecida, toma para pedestal de sua gloria a virtude que mais os enobreceu.

Da rainha, a senhora D. Maria II, de boa e respeitada memoria, já a historia diz principalmente isto, que anda ainda na bôca de todos: foi uma grande mãe.

Ainda a tremer-lhe o throno de temerosas convulsões politicas, ella, tão nova e já ferida nas mais doces affeições da alma, já orphã da mais terna e virtuosa das mães, perdêra o seu primeiro amor, e o pae extremosissimo, a quem duas vezes devêra o throno.

Perdidos quem tanto amava, anhelava por um filho que lhe fosse recordação e consolação dos que se lhe tinham ido, e fosse esperança da sua dynastia.

Abençoou-lhe Deus o consorcio com o augusto principe de Saxe-Coburgo-Gotha, el-rei o senhor D. Fernando, tão sympathico aos portuguezes; o filho ardentemente desejado viu a luz do mundo no dia 16 de setembro de 1837.

Mal posso eu dizer das alegrias e enthusiasmo d'esse dia formoso; mas, aindaque então de tenros annos, recordo-me de o ouvir citar como o dia da maior alegria nacional. Mas ai! em que se trocou tão brevemente o jubilo d'esse dia feliz, e de outro não menos feliz e não menos festejado, 16 de setembro de 1855, em que o povo portuguez, ebrio de alegria patriotica, o acclamou seu rei!

Duas vidas, tanto em flor, cortadas ambas, duas corôas pendidas já, dois reinados fenecidos! Como o coração se parte de dor, confrontando aquellas galas festivas, aquelle esplendor da magestade radiante, com aquelles crepes funereos, com aquelles lutos da morte!

Quem tal diria!

Se era grande mãe a senhora D. Maria II, como a universal fama apregoa, pôde bem avaliar-se que finuras, que extremos de amor haveria em seu coração de mãe para o primeiro filho que o céu lhe concedia. Via-se que, espreitando os assômos d'aquella formosa indole, cada vez ella sentia mais de prazer dilatar-se-lhe a alma á proporção que se ia desenvolvendo o bom natural e a bella intelligencia do principe, que, e com tal affinco ao estudo, promettia já quem, percorrendo pela Europa, havia de ganhar a estima dos sabios, as sympathias dos povos, o respeito dos soberanos, e um logar distincto entre elles, o que eloquentemente estão provando essas grandes manifestações de sentimento que reis e povos agora nos estão dando.

Pôde-se facilmente julgar como seria o amor de tal mãe para tal filho, que promettia ser tal principe e tal rei.

Esse amor chegava ao extremo, ao ciúme de mãe, que menino não o confiava de braços alheios, mais crescido, folgava de ser sua mestra.

Assás se conheceu o coração do senhor D. Pedro V para se afirmar que ao amor e desvelo maternas corresponderam perfeitamente os desvelos e amor filiaes.

Príncipe, e depois já rei, foi sempre o modelo mais completo dos filhos humildes e extremosos, e mais de uma vez o publico admirou, e com enthusiasmo louvou, como a magestade de rei sabia reverente humilhar-se ante a magestade de pae, reflexo da magestade de Deus.

De tal filho era de esperar tal irmão. Coração, onde cabia tão perfeito sentimento filial, tinha as melhores disposições para conter, em toda a perfeição tambem, o amor fraternal.

E era assim. Nunca se viram irmãos mais unidos, mais amantes, mais irmãos.

Essas duas graciosissimas perolas, que foram aformosear e felicitar paizes estranhos, eram o seu encanto; dos mais proximos pela idade era o companheiro inseparavel, e dos mais novos era, se pôde dizer, um pae terno e extremoso.

Oh! que amor de irmão! E onde foi tocar a corda do sentimento e da saudade?!

Não ouvistes que ferida lhe deu a morte, ou antes que novo córte, na ferida já funda, lhe foi até á raiz da alma, para lhe fazer escapar a vida?

N'aquella grande alma, n'aquelle coração de affectos extremos, extremo e grande era o amor de irmão.

Quiz contemplar em angustiosa despedida o irmão extremecido, que ha pouco, rosado e alegre, o acompanhára, e ali estava já victima da morte.

Não pôde, e com tal coração não poderia ninguem resistir a tal golpe, e com tal amor não viria a vontade de ir tambem, de o acompanhar?

Que coração! Que alma! E só grande no affecto filial e fraternal, ou tambem n'outro amor não menos puro e delicado?

As lagrimas rebentam do coração, saltam dos olhos em só tocar a recordação d'esse amor tão bello, tão puro e feliz, e tão logo para sempre perdido.

Não vistes n'esses lindos dias da primavera, quando o sol, já ardente para as plantas e flores, penetra por entre a folhagem do bosque, como duas avesinhas voam, pousam, brincam, se delicias n'aquelle delirar de vida innocentinha, e de repente caída uma ferida de morte, a outra, primeiro, não cuidando tão subito e fatal caso, ainda doudeja, ainda incita, ainda chama, volta e vae uma e outra vez, até que duvida, e a

final já certa, penetra-se de mortal tristeza, não come, não voa, não canta, mas sempre triste, sempre muda, até que a final cõe também e morre?

Não vistes ainda em noite, em que todo o céu está coberto de cerradas nuvens de temerosa tempestade, fender-se de repente a nuvem e apparecer meiga e bella a rainha da noite, e depois, como para a acompanhar em sua carreira, e a ajudar a derramar benefica luz, despontar também linda estrella, sumida a qual d'ahi a pouco, desaparece também logo a lua, como entristecida, e como não podendo continuar seu caminho sem a sua companheira?

Acastelladas nuvens de tristeza entenebreciam a existencia do infeliz monarcha, e Deus, para o consolar, e para o ajudar ella a derramar beneficios no seio do desgraçado, enviou-lhe uma estrella de meiga e formosa luz, um anjo de celeste doçura e ineffavel bondade, mas para logo morrer como a avesinha, para ter triste occaso como a estrella!

Esta flor da Germania, tão portugueza tornada em terra portugueza, lá do céu aceita esta minha saudade!

Vi-te uma vez só, e toda radiante de belleza, no meio do esplendor da tua côrte!

E não mais te vi, que te separou a pedra do tumulo do meu coração agradecido.

Via-se discorrer pela sua capital querida, ou por esses campos de flores aquelle par amante, tão formoso, tão para chamar os olhos e o enlevo do coração.

Desappareceram ambos!

Eram ambos do céu, por isso o céu os chamou logo. Foi ella primeiro. E elle, como a lua arrebatada á vista pela negra nuvem da procella, ou como a avesinha, ferida de mortal tristeza, foi também.

Duas campas! oh! humanidade!

Dois bemfeitores taes perdidos, oh pobre! Estala-te o coração, que enche todo a dor, como todo o encheu o beneficio.

Quem era aquella creatura angelica, que com o sorriso nos labios, e a bondade do coração a transsudar-lhe no rosto meigo, acolhia em seus braços o desgraçado que d'ella se acercava, afagava, como nas suas maiores delicias, o innocente menino?

Quem era aquella donosa e simples creatura, que folgava de entrar na casa do pobre, que não tem no mundo senão a caridade das almas sensiveis, e no céu aquelle pae celeste, que lá está enthesourando premios eternos para os amigos dos pobres, a quem ella pergunta, consola e acompanha no seu orar?

Pesada nuvem de tristeza poisava sobre a formosa Lisboa, que uma peste assoladora convertia n'um vasto sepulchro. Quando por toda a parte, e em todos, tudo é desconforto, é desespero, acompanhado lá se distingue, firme e sereno, um vulto, quasi só, alta noite, tomar certas direcções. Chega aos hospitaes, penetra resolute n'essas estancias de dor, de desesperança e de morte, senta-se na cama do empestado, achega-lhe ao peito a cabeça desfallecida, dirige-lhe palavras de conforto.

Quem era aquella?

Estephania.

Quem era este?

Pedro V.

Eram dois anjos que do céu Deus enviára á terra do infeliz Portugal.

Por isso como não ha de chorar sentida a humanidade, não ha de chorar saudosa a patria, porque ambós lhe abālaram para o céu!

Patria, humanidade, enlaçam-se ambas para chorar aquelle que, para ser digno de ser chorado, tão admiravelmente enlaçou em si o homem e o rei.

Não se pôde ser grande rei sem se ser grande homem. A realza não está bem onde não está um coração, pela grandeza dos sentimentos e aspirações, digno de um rei. Este titulo glorioso, e sempre preciso, e ainda mais com instituições como as que nos regem, possuiu-o o senhor D. Pedro V.

O bom sentimento enobrece sempre, em toda a condição honra a humanidade; mas, porque então supera maiores difficuldades, quando fulge com mais esplendor é, ou na pobreza extrema, ou nas alturas de um throno.

O pobre, resignado e confiado; o pobre, do seu pouco, consolador do parente, amigo ou vizinho; o pobre, no seu pouco, no seu nada, cheio de abnegação e desinteresse, é um heroe aos olhos do bom juizo da humanidade.

Um rei, a quem a grandeza deslumbrante ou a lisonja seductora não cegou o entendimento, não endureceu o coração para não ver, não sentir e consolar males alheios, tambem é um heroe aos olhos da humanidade, e ainda esse heroismo é mais proficuo, porque exemplo vindo de tão alto desperta a caridade não só nos que o cercam, mas em todos, porque todos olham para a magestade.

O beneficio, e ainda mais quando tem a natureza da caridade, produz naturalmente a gratidão e o amor. Mas, emquanto que nos mais, porque só a alguns se estende, o beneficio só chama o agradecimento e affecto de alguns, no rei,

aindaque se não pôde estender a todos, o genio benefico ganha-lhe a gratidão e sympathy universal.

No senhor D. Pedro V admirava-se desde tenros annos uma natural inclinação para o bem, uma natural compaixão dos desgraçados. Esse doce sentimento natural appareceu em todo seu esplendor quando foi rei.

É de rei diziam todos, louvando com enthusiasmo o generoso donativo com que acudiu ás victimas pobres da febre amarella; é de rei, diziam ainda, quando se lhe podia descobrir algum rasgo de generosidade ou caridade com que elle, monarcha illustrado, amante da sabedoria, e por isso o mais ardente campeão da instrucção popular, o maior amigo dos sabios, protegia e honrava estes com particular estima, sustentava collegios, dotava escolas¹, fazia cursar universidades, alimentava familias, amparava o velho, acudia ao enfermo.

Estando-lhe de tal modo no coração a realeza do sentimento, ninguem negava, antes todos á uma confessavam que lhe estava bem na cabeça o diadema da magestade, que ainda precisa de maior prestigio, amor e dedicação, quando os poderes do estado, divididos na acção para se equilibrarem e modificarem mutuamente, para mutuamente se fortalecerem precisam de um centro firme, de uma base solida, que é o rei, querido e respeitado de todos os seus subditos, principalmente por essa virtude, que é toda a força na terra², a moderação. É á moderação do senhor D. Pedro V, sempre neutral entre as divisões politicas, sabendo sempre a todos attrahir, a todos conciliar, a todos pacificar, deve a terra portugueza não ser uma vez só, em seu reinado, regada com sangue portuguez.

Eis porque foi grande rei, porque foi grande homem, o que está mais na grandeza do sentimento, e porque foi um verdadeiro rei constitucional, poder moderador, e ninguem mais moderado que o senhor D. Pedro V.

Choram pois a patria e a humanidade na perda d'elle, a perda do exemplar mais perfeito de virtudes domesticas e publicas, o mantenedor mais desvelado, o fiador mais certo da ordem publica.

E chora tambem a religião.

Poisque é a religião senão a santificação de todos os bons sentimentos, senão o amor de Deus e o universal amor dos homens, e por isso, com mais rasão, o amor dos que nasceram na mesma terra, tiveram a mesma patria? Que é a reli-

¹ Uma das escolas dotadas pelo senhor D. Pedro V, é a de Carnaxide.

² « *Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram* ». S. Math., cap. 5, v. 4.

gião senão a consolação e o conforto intimo e celestial de todas as maguas e soffrimentos, pela voz da consciencia em que Deus nos falla, e pela promessa e esperanza d'aquelle premio immortal, que á virtude e soffrimento resignado se está reservando lá em cima?

Aos olhos do espirito, assim considerando, contemple-se a figura serena e magestosa de D. Pedro V, e elle apparecerá como um perfeito christão, que em nenhum acto da sua vida publica ou particular deixou de se mostrar crente esclarecido e defensor ardente da doutrina catholica, cujo chefe augusto, cuja hierarchia, cujos ministros, tinham n'elle o respeitador mais sincero e o protector mais firme e desvelado.

Não vistes alguma vez como aquella magestade grave e seria, mais grave e seria ainda se prostrava reverente ante a magestade do altar, ou quando em solemnidade publica ia prestar ao Rei dos reis seu preito de monarcha, ou quando, discorrendo alegre por esses campos, ia beber suaves impressões da alma no templo da aldeia, simples, pobre, mas nem por isso menos rico de inspirações religiosas e edificação christã?

Quem mais zeloso no cumprimento dos seus deveres? E se a religião é principalmente a caridade, quem praticou esta mais larga, mais abundante, mais perfeita? Caridade, caridade, virtude sublime, filha a mais querida do Senhor, anjo o mais bello, que estanceia nas celestes moradas, larga a penna de oiro, com que no grande livro da predestinação inscreves os nomes dos hemeitores da humanidade, e, velado o rosto, desata em sentido pranto.

Quem tanto amou, tanto consolou, enxugou tantas lagrimas, cicatrizou tantas dores, viveu vida larga e serena em mar de felicidade, como pedia a humanidade, e devias tu pedir, anjo tutelar dos desgraçados?

Chora, chora, que eu choro tambem, chora a humanidade afflicta pelo que perdeu, pelo que perderam choram a patria e a religião.

Em premio de tanta abnegação, de tanta virtude que teve? O soffrimento, a tristeza quasi sem cessar a dilacerar-lhe a alma, o cuidado roedor a perturbar-lhe a existencia.

Oh! Deus, provaste-o em martyrio longo e terrivel, foi-te um grande martyr, porque lhe querias dar uma grande corôa para elle, e merito sublimado para a patria que amava?

O filho terno, quando a idade mais pedia os encantos da mocidade livre, do que os encargos pesados de uma corôa, que sempre é de espinhos para quem lhe pesa bem os deveres e a responsabilidade, foi de repente accommettido por uma grande dor e gravissimos cuidados, dor pela mãe que perdia, e cui-

dados da realza que vinha revesti-lo de vestes pomposas mesmo sobre os lutos da grande magua.

Para o consolar no meio dos cuidados e dissabores de soberano dera-lhe Deus a companhia de uma esposa adorada, de coração tão semelhante ao seu, tão feita para elle, mas que o céu lhe arrebatou logo, como para lhe ir preparar o caminho que elle seguiu d'ahi a pouco atrás d'aquella, sem a qual não podia viver, d'aquella que no ultimo golpe, que, na morte do irmão estremecido, lhe fendeu a existencia amargurada, no delirio da febre e da saudade, que o tempo não esmorecêra, antes aggravára, avivára ainda mais, elle chamava em vozes sentidissimas: Estephania!! Estephania!!

Sorrir-lhe-ia ella, apparecer-lhe-ia ella lá do céu, para elle receber, não triste, mas com alegre alvoroço, o fatal desengano, como o suspirado termo de tanta infelicidade?

As infelicidades domesticas juntaram-se as infelicidades publicas, ás dores de filho, de esposo e irmão, as dores e maguas de soberano.

Parece que Deus preparára uma serie das maiores calamidades para experimentar a fortaleza d'aquelle grande coração, como pelo fogo se experimenta o oiro¹. A terra tremeu, parecendo querer subverter os homens nas ruinas das cidades; inundações devastadoras cobriram de ruinas campos fertes, a fome veio com seus horrores, e a peste assolou-lhe uma vez o reino e duas a capital.

Mas então, na extrema dor, no extremo perigo, é que o monarcha se mostrou grande, se provou heroe, um martyr. Então se tornou credor de uma grande divida, cujo pagamento foi aquelle amor, aquella gratidão universal, que lhe tributámos na vida, e é esta dor, esta saudade que lhe tributámos na morte.

O que vae por todo Portugal? O que se vê por toda a parte? O que se escuta de todos os labios?

Todo Portugal está coberto de pesado luto, está submerso na mais profunda dor e inconsolavel tristeza; todos vertem lagrimas, como ainda se não verteram na morte de nenhum soberano; o que entre lagrimas e gemidos se escuta a cada momento é isto: Morreu o pae dos pobres, o amigo do povo; morreu o monarcha bem amado, D. Pedro V, o bom, D. Pedro V, o virtuoso!

Alma angelica e pura, lá do céu, ante o throno de Deus,

¹ *Scilicet ut fulvum spectatur in ignibus aurum:
Tempore sic duro est inspicienda fides.*

Ovidii Tristium, L. I, eleg. 3, v. 25 e 26.

que em flores de gloria eterna te está descontando os espinhos da tua corôa de martyrio terrestre, volve, volve o pensamento á patria querida. Que vês? O teu povo, depois de te acompanhar á estancia triste entre murmurios de dor e gemidos, que se não podiam comprimir, e lagrimas, com que te orvalhava o feretro, vê-lo chorar inconsolavel sobre o teu tumulo, que cobre de flores da tristeza, de perpetuas e saudades, porque esta dor, esta magua, em que nos deixa o teu passamento, é inconsolavel, a saudade será perpetua, será eterna; vê-lo orar junto do teu tumulo, que toca, beija, venera, como de um ente querido que se finou, de um martyr, que por ter sido virtuoso, crê, é grande no céu, onde ora, intercede por elle. . . Não posso mais, senhores, que as lagrimas me vedam o dizer. . . É deixae-me desabafar, desabafemos todos e oremos, que as lagrimas são lenitivo da alma, e as orações são as flores que o bom christão solta sobre as recordações dos entes queridos que lhe abalaram para o céu. Oremos para que, para bem da patria, lá no céu, anjo entre os anjos, Pedro V gose, contemple aquella divina luz da immortalidade:
Et lux perpetua luceat ei.

ORAÇÃO FUNEBRE

Pronunciada nas exequias na sua igreja mandadas celebrar pela Misericórdia da villa de Cascaes, pelo Senhor D. Pedro V,
de saudosa memoria

*In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum.
Santificou-o por sua piedade e moderação.*

Ecclesiastico, c. 45, v. 4.

Parece que a mesma natureza se alliava com os homens na sua grande magua. Triste, sombrio, carregado de negras e pesadas nuvens, que de momentos em momentos despendiam sobre a terra abundantes chuueiros, o céu condizia com o estado dos corações, cobertos de negras nuvens de tristeza, e de que aos olhos assomavam e pelas faces borbulhavam abundantes lagrimas de dor immensa e sentidissima saudade.

Quem, n'essas horas de angustia, percorresse a famosa Lisboa, presencearia um espectáculo desusado, singular, pavoroso, e para confranger os corações.

Essa grande cidade, em que de ordinario formiga uma grande e laboriosa população, parecia um vasto ermo. Viam-se raros, e esses, tristes, silenciosos, cabisbaixos, tomarem todos uma certa direcção.

Lá vão engrossar as compactas e continuas massas de povo, que, estendido n'uma grande distancia, espera ancioso. O que?

Penetrae por entre as turbas, confundi-vos com ellas, e escutae, que, emquanto se espera, nem todos os corações têm força de conter-se, desabafam, em vozes de queixume e lamento uns, de compaixão outros, e de dor e saudade, de agradecimento e amor todos. Tão bom, e leva-lo Deus logo! Tão

novo! Quando virá outro assim?! Quanto lhe devemos e por isso quão justas são estas lagrimas?!!

É o que a cada momento, a cada espaço, e de cada bôca se ouvia.

Percebe-se já a causa que occupa todos os espiritos, chama ali todos os corações, congrega todas as vontades. Lá desponta um acompanhamento funebre, e quanto a vista pôde alcançar, tudo é negro, tudo negro, tudo luto nas vestes, pallidez nos rostos, porque tudo dor sincera nos corações. É o povo portuguez a honrar em ultima demonstração alguma gloria patria? Algum grande homem, cujo grande espirito abalou para a eternidade, mas cuja memoria querida e venerada cá ficou para sempre?

Vae passando o acompanhamento funebre, grave, imponente, tão grandioso que espanta o mundo. Longas, quasi interminaveis filas de cidadãos de todas as classes e jerarchias, ali vão honrando a ultima jornada d'aquelle, que de tal modo soube ganhar o affecto de nós todos; vão acompanhando ás portas da eternidade, d'onde começa a grande voz da historia, aquella, que para a historia soube ganhar um nome querido e glorioso.

E quem será essa gloria, essa grandeza digna de commemorar-se, de honrar-se?

Passou o prestito, mais humilde, mas justo, mas generoso, mas popular, mas, como n'essa occasião se sabia, expressivo de dor, de saudade, de agradecimento e affecto.

Começa depois o esplendor, a magnificencia, a grandeza.

Ah! então é um grande que o povo aqui está a honrar! Algum general illustre, que levou seus concidadãos ás glorias do triumpho e ás doçuras da independencia? ou algum estadista famoso, que, em lides não menos gloriosas, levantou o seu paiz ao maior auge de grandeza e prosperidade?

Mas uma corôa real, coberta de crepes de morte!

Ah! então é o povo a honrar o passamento do seu monarcha, e n'esses preitos dados á realza dando grandes provas de amor á patria, de cuja gloria e força aquelle monarcha era o symbolo e fundamento! Devia ser um bom rei, porque, se fôra um tyranno, fugiriam todos, e não o cercaria aqui, respeitosa e sentida, uma tão grande multidão; cobri-lo-iam de maldições, e não de bençãos e lembranças saudosas e queridas; ler-se-ia nos rostos de todos a satisfação, porque, morto o tyranno, podia respirar a humanidade, e não a magua e consternação ahi visivelmente impressa em todos os rostos, sentida em todas as palavras.

E o que ali vae foi só um rei, aindaque grande por sua mo-

deração, que é a grande virtude dos reis, e pela piedade, que é o melhor fundamento da verdade, da justiça, da moderação de todas as virtudes dos reis?

Não é só isso, ainda é mais do que isso. Reparae.

Passou a grandeza, e o povo chorou, porque sempre comprime o coração ver como no nada da morte se esvaece toda a grandeza humana.

Passou a corôa real, mas já sem dono, tombada e coberta de fumos da morte, e o povo chorou, porque é bem para chorar ver como a morte, com a mesma igualdade terrível com que atira golpes para a cabana do humilde, calca desprezadora nos pés corôas e sceptros¹.

Mas apenas desponha o ultimo carro funebre, esse em que a morte vae arrebatando aquelle a quem não pôde arrebatár o nome querido e glorioso, o povo levanta gemidos, soluços, presencêia-se ali um espectáculo de dor e de desolação que se não pôde descrever, e que não pôde bem avaliar senão quem o presenciou. E porque? e porque?

Porque! Olhae para aquelle ataúde, e vêde que titulos pendem d'elle²: valem elles mais que o mais glorioso brazão e pomposo epitaphio. Dizem elles que aquelle que ali vae, e que foi rei, trabalhou, soffreu, heroicamente expoz a vida por seus subditos no meio das maiores calamidades; dizem que elle não foi sómente rei, foi um verdadeiro pae de seus subditos, por isso estes ali lhe estão dando lagrimas de filhos. Que glorificação, que santificação no fim da vida e principio da morte! *Sanctum fecit illum*.

Passou tudo.

Chegou-se á morada fatal, cruzaram-se os umbraes da eternidade. Lá está, sombra entre as sombras, rei entre reis, entre os seus tão queridos e saudosos, lá jaz para sempre Pedro V, o bom.

E cerraram-se as portas da eternidade. Acabou tudo.

E depois? E depois?

Começou logo desde ali a grande voz da posteridade, a voz terrível, imparcial, severa, justiceira da historia a dizer tudo que elle foi e que elle merece, que... Mas onde está o meu

¹ *Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres.....*

Oratii Lib. I, ode 4, v. 13 e 14.

² Uma medalha das que mandou cunhar a sociedade humanitaria do Porto para galardoar os soccorros prestados aos naufragos, e outros actos de humanidade; outra medalha das que mandou cunhar o municipio de Lisboa para premiar os que mais serviços prestaram durante a febre amarella em 1858.

espírito, que estava elle contemplando? E que é o que vejo, que me rodeia? Aquelle altar coberto de luto, luto em todos vós, lagrimas a borbulharem nos olhos de muitos, a dor impressa nos rostos de todos, symbolos da morte!!! Ah! comprehendendo.

É que tambem aqui soa aquella grande voz da historia, santificada pela voz da religião. É que tambem, n'esta nobre villa, notavel nos fastos militares do glorioso Portugal, se chorou muito, se sentiu muito, e se sente ainda a grande perda nacional, mostrando-se assim grandes patriotas seus habitantes, e com particularidade agora n'estas solemnes demonstrações de sentimento, vós, illustre, respeitavel e caritativa corporação.

Soam por todo Portugal, soam por toda a parte echos que apregoam as grandes virtudes do chorado monarcha portuguez.

Soem aqui tambem. Em discurso simples ouvireis, contemplareis um quadro das virtudes do grande monarcha.

E a quem pedirei inspirações n'esta hora de triste e saudosa recordação? A vós, oh grande Espirito, inspirador do propheta da tristeza e da saudade! Deste-lhe cantos sentidissimos sobre as tristezas da patria e a morte de um principe, grande por sua piedade e patriotismo. Por iguaes motivos taes inspirações me dá tambem. E vós, respeitavel e illustrado auditorio, benevolencia e attenção.

Aos olhos da boa rasão a grandeza de um povo não se mede pelo poder material, mas pela extensão moral. Mais feliz, é a mais excellente das nações a que menos desgraçados contém, melhor é o governo que a dirige no caminho d'essa felicidade, e maior é o rei que pelo exemplo e força de suas virtudes é o primeiro a cooperar tambem para a felicidade da nação a que preside, e da qual por isso recebe em vida as homenagens sinceras do maior respeito e amor, e na morte saudades e lagrimas porque se perdeu quem muito merecia, quem já muito fizera, e muito mais se esperava faria ainda.

São pois justas estas lagrimas, estas saudades por quem era digno de todo o nosso amor, e pela patria, que, perdendo-o, teve uma das maiores perdas que tem experimentado. Ah! mais uma esperanza perdida!

Entre os homens todos não são muitos os que podem ser apresentados como exemplo, e Pedro V era exemplo de homem.

Entre os reis, entre os que dirigem os destinos das nações, quantos esquecem o que devem a Deus e aos povos que Elle lhes confiou? Que valor pois o de um rei, que os outros reis, que os povos olhavam como modelo de reis! Quanto é para chorar o seu povo a perda de um soberano, que de sê-lo só mostrava prazer quando se provava pae de seus subditos, o mais desvelado pela sua ventura, o mais pressuroso em quinhoar e consolar suas tristezas e infelicidades! Foi um grande homem e um grande soberano, e porque?

Tambem como as nações o individuo é maior, não pela riqueza, pelo poder, mas pela sabedoria, e ainda mais pela virtude.

D'essa plebe desprezada quantos, de tempera forte, de character rigido, de probidade inhabalavel, de piedade sincera, de compaixão verdadeira, de perfeito coração, aos olhos de Deus, o ambicionador do coração humano, e aos olhos da recta rasão, reflexo da de Deus, valem mais, muito mais, valem tudo, emquanto nada valem o rico, soberbo, mas vão, mas inutil, porque o seu oiro só serve para rechear grandes cofres, ou satisfazer grandes vaidades; o cortezão, valido, a auctoridade, potente, mas inutil, senão damnosa, porque o seu poder só serve para a sua ambição sempre insaciavel, e muitas vezes para a oppressão; o sabio, que do talento e do saber abusa empregando-o só para seu proprio engrandecimento, e não da patria, e não da humanidade, que muitas vezes, com suas idéas pessimas, illude, desvaira, corrompe, em vez de alumiá, dirigir, purificar?

Mas quanto vale tudo isso se juntamente existe aquella reatidão! Então o rico é o amparo da humanidade, de que remedeia muitas privações, evita muitas deshonras, prepara muitos futuros, enxuga muitas lagrimas; o poderoso é o sustentaculo do desvalido, do fraco, do humilde, por quem a justiça, a humanidade e a religião bradam muitas vezes, mas que tambem muitas vezes o prepotente despreza, espesinha, opprime, persegue, ainda mais infelicita; o sabio é a luz do povo, é um enviado de Deus, é um homem cercado de duas aureolas, a da virtude e a da sabedoria, que espargem tal fulgor que parece não caber no céu, irradia-se pela terra e por todos os seculos. Grandioso destino! Gloria incomparavel! O maior dos triumphos!

E Pedro V, rico, poderoso, n'aquella idade já sabio a ser amado dos sabios, mais do que tudo isso era recto, era justo, era virtuoso.

Em que empregava sua riqueza, mais que a sua riqueza? Em consolar e remediar toda a sorte de pobreza da alma e

do corpo: da alma, pela instrucção de escolas que fundou ou dotou, de cursos superiores de letras que instituiu, e de vocações esperançosas que fez ir até ao fim; do corpo, pela esmola larga, abundante, generosa, verdadeiramente real n'essas pestes, n'essas inundações, n'essas carestias, n'essas choupanas desabrigadas do velho sem arrimo, da viuva sem amparo, do orphão sem ninguem no mundo.

O seu poderio para que servia?

Para ser o refugio certo, o appello decidido dos opprimidos, dos pequeninos, dos esquecidos, dos que n'outra parte não encontrariam justiça e protecção, mas que sempre a encontravam no seu joven e adorado soberano.

Como brilhava a sua sabedoria?

Amando e animando os sabios, promovendo a instrucção dos que a não têm, mas devem ter, para serem bons cidadãos, e alguma cousa felizes; e por todos os meios estudando o modo de melhor governar e felicitar o seu povo. Foi assim que a agricultura, a mãe dos povos, a industria, sua irmã, e as artes, como as letras, ornamento das sociedades, medida por que se afere a sua civilisação, lhe mereceram muitos desvelos, como provava n'esse afan intelligente com que incitava e assistia ás exposições agricolas, industrias e das bellas artes, e pela alegria com que, á imitação de seu augusto pae, festejava e premiava todo o verdadeiro talento artistico, todo o genio apprehendedor, não rotineiro, que obedece aos progressos da sciencia para a mais aperfeiçoada, mais productiva e mais barata cultura dos campos, ou producção fabriqueira por meio de instrumentos, machinas e systemas mais perfeitos.

Mas tudo isso, riqueza, poder, sabedoria, era realçado pela virtude, muita virtude, todas as virtudes necessarias a um soberano para bem governar, e para se fazer amar de seus subditos. Era recto, era justo, era affavel, era bondoso, era honesto, o maior amigo da verdade, o mais terno dos filhos, o mais extremoso dos irmãos, o mais amante dos esposos, o melhor exemplo de familia, para ser o melhor exemplo da grande familia do seu povo, poisque os povos, as nações, como forem as familias, assim serão corruptas ou incorruptas, piedosas ou impias, sabias ou ignorantes.

Ah! que a rasão soçobra, o raciocinio cede ao affecto, ao coração, lembrando Pedro V nas dulcissimas relações de sua real familia! Não é preciso provar o que era assim considerado, porque foi bem publico, é de todos bem sabido.

As lagrimas vertidas na morte de sua augusta e saudosa mãe não as podia consolar a satisfação de sua grande alma,

por sua posição eminente, podendo felicitar todo um povo. Que era para seu excelso pae, de quem era o maior enlevo e a maior gloria? Sabia ser rei, sabia mostrar-se rei, mas nunca deixou de ser filho e de se mostrar filho. Era um quadro que sempre attrahia os olhos, e mais que a vista, o coração, o affecto, o amor, que se dava a quem dos seus e de todos se fazia amar. Era raro vê-lo sem a companhia de seus augustos irmãos.

A ausencia das irmãs formosas e tão queridas deixou-lhe na alma tal vazio que, para se consolar, levou comsigo os que, mais pequenos, tinha junto de si, e no amor da grande familia da nação, por amor da qual já arriscára a sua saude e vida, e as de sua real familia, com ella, para animar onde havia tanto desanimo, permanecendo na capital, assolada pela peste, foi buscar as consolações que um pae encontra sempre entre filhos que ama, e de quem é amado, na contemplação das grandes scenas da natureza, em que é tão fertil este pittoresco Portugal, foi sentir os enlevos que ali acham sempre as almas bem formadas.

Jornada fatal! Era a despedida! Como que antolhava todo o seu cruel destino!

Oh! Deus, perdôa ao meu coração, que sangra sempre dolorosamente com a lembrança d'essa grande perda! A vossa justiça dá-lhe no céu uma corôa tanto mais preciosa, quão preciosa de virtudes foi a sua vida na terra. Entre anjos está aquelle anjo, entre os justos dos céus e os seus porque anhelava, entre a sua familia de bemaventurança está esse que era a maior gloria de sua real familia, mas que ficou sem elle, sem elle ficámos nós, que tambem eramos sua familia, nós, que tanto o amavamos, e que d'elle tanto precisavamos.

Sois justo, justissimo, oh! Deus! mas que a vossa justiça aceite como ultima esta dor do prolongado sacrificio do infeliz Portugal.

Ha dores a que difficilmente se resiste, principalmente quando muitas circumstancias se combinam para as aggravar.

As perolas da sua alma, esses enlevos que mais lhe representavam a mãe querida, irem pertencer a outros paizes e a outros corações; os irmãos, mais proximos pela idade, e por isso mais capazes de alentar aquella alma, enfraquecida por muitas lembranças tristes exageradas, discorrerem longe da patria; e dos mais pequenos ver um gravissimamente prostrado por doença cruel, que tambem o abatia a elle, e o outro, grande esperanza de sabedoria e prudencia, já victima da morte, doeu-lhe tanto na alma, que se lhe tornou mui difficil resistir.

E não havia ali uma companheira terna, uma esposa adorada, que lhe mitigasse tantas saudades, alliviasse tantas penas, consolasse tanta infelicidade?

Ah! ahi mesmo estava a causa do maior soffrimento, o germen do maior desalento!

Já vistes, já reparastes em quão aprazíveis são os dias que no inverno apparecem formosos, porque o sol, livre das nuvens da procella, e das cerrações pesadas da invernia, resplandece com todo o seu brilho, e aquece com um calor vivificante e consolador?

A felicidade da vida de D. Pedro V, entre tantas infelicidades, como o dia lindo entre muitos tenebrosos do inverno, foi o tempo do seu consorcio com a augusta princeza de Hohenzollern-Sigmaringen, a senhora D. Estephania, rapida felicidade de apenas um anno, mas que elle, com seu grato coração, tanto agradecia á Providencia.

Não os vistes alguma vez, como dois innocentes, eram anjos por momentos hospedes na terra! subirem alegres ao cimo dos montes, para d'ali se deleitarem na contemplação das formosuras da natureza? deleitavam as imagens do infinito a elles que no infinito se immergiram dentro em pouco! ou, pelos valles, pela encosta colhendo elle flores que offertava a ella, que as recolhia no seio do seu affecto tão enternecido, tão ingenuo, tão amante, tão grande, que no coração d'elle, aindaque de grande christão para se consolar e conformar, deixou saudades de tão agudos espinhos, que feriram até romperem de todo, até á morte?!

Quanto valia ella para assim ser amada d'elle e de nós todos, que ainda a chorámos! Quanto valia elle que tinha coração de tão entranhados e sublimes affectos!

Essa dor da infinda saudade da esposa aggravou as outras dores. Estava feita a ferida, que, na morte do irmão, cuidado por um e ausencia dos outros, só bastou alargar um pouco mais, para sair a vida e fugir a alma. Não podia retirar os olhos do caminho que lhe tinham levado entes tão queridos. Foi atrás d'elles!!!

Era do céu, e por isso para ali anhelava partir. Mas quem é do céu quanto vale na terra?

Tinha virtudes que o tornavam modelo de homem, que o faziam grande, porque a virtude é a verdadeira grandeza da humanidade. E, com tão nobres qualidades de homem, devia ser e foi um grande rei, porque a realza só é grande quando a virtude a engrandece; só, se póde dizer, é verdadeira pelo exemplo, que é o que mais vence, mais decide, mais attrahe, mais domina.

Mas de homem e de rei tinha ainda D. Pedro V duas grandes virtudes que eu ainda não citei, e que eram as feições mais proeminentes do seu grande character. A moderação e a piedade é que, principalmente, lhe valeram o amor dos povos e o amor de Deus, a santificação da terra e a santificação do céu. *In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum.*

Senhores, a moderação e a verdadeira piedade, isto é, a fé de envolta com a caridade, enovelada n'ella, alumando-se, fortificando-se, engrandecendo-se mutuamente uma á outra, são duas filhas do Evangelho. Foi Jesus Christo que soltou este dito sublime, menoscar o qual é ultrajar o Evangelho, insultar a Christo: bemaventurados os mansos, que elles possuirão a terra ¹.

A moderação é uma grande qualidade nos individuos, uma grande virtude nas familias, e a maior nas sociedades. A tyrannia é sempre improficua, se produz é a reacção e o odio, e não é produzir levantar com certeza de ser destruido, é governo pessimo o que tem limites fóra dos corações.

O terror é a arma dos imbecis, da semrasão, da falta de direito. Quem se fia em seu direito, em sua justiça, em si, conta com os corações, procura attrahi-los, attrahe-os com a justiça ao lado da clemencia, com o castigo ao lado do perdão, quero dizer, sabiamente, prudentemente escolhe a occasião de castigar ou perdoar, de ser indulgente ou justiceiro, attra-hindo assim o bom, que dorme tranquillo sobre a boa justiça, e contendo o mau, que uma vez e por fraqueza o foi, pela gratidão da indulgencia, e o mau, reincidente, recalado, pelo castigo, não feroz, não desigual, não excessivo, mas certo, mas forte, mas justo.

D. Pedro V foi por excellencia moderado, por isso excellentes fructos colheu d'essa moderação; sendo seus todos os animos, que attrahia, que conciliava, o seu reinado foi um reinado de paz, nem uma vez só perturbada pelas civis discórdias.

É a falta de moderação que revolta os animos, porque a falta de moderação é tyrannia, a tyrannia é sempre injusta, a injustiça é sempre cruel, a crueldade é sempre violenta, e a violencia excita a violencia; são duas ondas, igualmente alterosas e violentas, que se encontram, que se embatem, que sem se poder vencer uma á outra, levantam pavorosas montanhas e com bramido horroroso desabam em enormissimo cachão de espuma; são dois muros igualmente altos e massiços

¹ *Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram.* Evang. de S. Math., cap. 5, v. 4.

que, pendendo, indo a terra ao mesmo tempo, encontram-se em medonho embate, e porque não pôde ceder um ao outro, com fragor espantoso caem em commum e maior ruina. Na irritação contra a injustiça, igualados o poder e os subditos, aquelle, porque é poder, e, ao menos apparentemente, tem fallando por si a ordem; estes, porque são o maior numero e a justiça, se é do seu lado, o que nem sempre acontece, primeiramente embatem-se, prolonga-se ás vezes muito a indecisão do triumpho, mas a final, mais hoje mais amanhã, triumpho a justiça, o direito, que na terra é o mesmo do céu, o direito de Deus e da humanidade.

Senhores, só fallo do direito em geral, não d'aquelle direito que as paixões cegas sempre collocam do seu lado, mas do direito direito, da justiça justiça, da justiça de Deus, da humanidade, que em cada seculo, com uma illusão de menos, rasga mais um pouco do denso véu que lhe encobre a eterna luz, que emfim alumiará em todo o seu brilho. Quando será essa victoria final? Quando for verdadeira a piedade. Que piedade? A piedade d'aquelle que disse: eu sou a luz do mundo: *ego sum lux mundi*¹; eu sou o caminho e a verdade e a vida: *ego sum via, et veritas, et vita*². É a vida, a felicidade da consciencia recta; é a verdade que é a felicidade do espirito; e é a estrada que a ellas conduz.

Sim, se a humanidade quer viver, viva em Christo, que é a verdade do céu e da terra³, é a verdadeira luz⁴, que não só alumia pela crença, luz vivissima que resplandece desde as consolações na terra até aos segredos do céu, mysterios de Deus; mas que tambem aquece pela caridade, fogo celeste, para se ser abrazado no qual no céu é preciso começar-se n'elle a arder na terra.

Afadigam-se os utopistas em descobrir meios de remediar as desigualdades sociaes, meios porém são esses que, em vez de felicitar, tornam desgraçada a humanidade. Cavam-lhe e alargam-lhe ainda mais o abysmo.

O grande nivel das sociedades é a caridade.

Generalisae quanto poderdes a verdadeira comprehensão, sentimento e pratica da caridade christã, isto é, não como o mundo a pratica muitas vezes, mas como Christo a ensinou e praticou, e tereis tudo feito.

Dominando a caridade o coração do rico, ao pobre não fallará trabalho, pae da virtude e da ordem, o trabalho diligente

¹ Evang. segundo S. João, cap. 8, v. 12.

² Idem, c. 14, v. 6.

³ Idem, c. 1, v. 14.

⁴ Idem, c. 1, v. 9.

e aperfeiçoado terá o seu preciso incitamento e justa remuneração; e o invalido, o desgraçado, o triste, terá quem o console, o ampare, o remedeie.

Caritativo, o poder será também sempre justo, e sempre amado. Levanta-te, nobre figura de D. Pedro V, eis o teu pedestal sublime, a tua aureola de maior gloria. Por tua moderação tens um logar honroso entre os reis d'esta terra, que em seus reis jamais teve tyrannos; por tua piedade foste digno successor de tantos reis, dignos reis da nação fidelissima, da nação que a fé e a coragem fez grande, fez de heroes; a caridade porém é a tua primeira feição, dá-te uma jerarchia ainda mais nobre que a jerarchia de reis, e reis portuguezes, a jerarchia dos mais verdadeiros monarchas, dos vencedores, dominadores dos corações por esse amor intimo e desvelado da humanidade, e tu venceste, dominaste os corações por essa caridade tão generosa, tão sincera, tão occulta, tão solícita, tão extremosa, tão sublime, que só se pôde medir por essa corôa, que Deus julgou se desmereceria se fosse mais demorada; e por esse amor universal e do coração com que te amámos na vida, e por esta saudade intima com que te chorámos na morte.

Está magestosamente erguido glorioso vulto do monarcha abençoado, que te cercam, mais longe os reis que te respeitavam e te choram, os povos que te honravam e te choram, mais perto, o teu povo que te adorava e te chora; e junto, apertando-te, como se podessem novamente attrahir-te para a terra e chamar-te à vida, chorando ainda mais, cercam-te os desgraçados de toda a sorte que consolaste, as victimas de tantas calamidades, esses velhos de que eras o arrimo, essas viúvas de que eras o amparo, esses orphãos de que eras o pae, tantas creanças de que eras o futuro!!!

É a humanidade levantando a voz da glorificação dos seculos, é a primeira voz da historia immortalisando-te. É Deus, do oiro da tua fé, do diamante da tua caridade, das pedras preciosissimas de tantas lagrimas consoladas e remediadas, compondo a tua corôa de gloria immortal.

Deus foi a tua crença, em Deus vives eternamente. *Qui credit in me, etiam si morietur, vivet in æternum.*

A PRIMAZIA DE S. PEDRO

DISCURSO

Proferido a 29 de junho de 1864, na festa de S. Pedro e S. Paulo,
na igreja do collegio inglez da invocação dos mesmos
Santos Apostolos, em Lisboa

Super hanc petram ædificabo ecclesiam meam.
Sobre esta pedra edificarei a minha igreja.

Evang. segundo S. Math., cap. 16, v. 18.

Um dia, tendo deixado as virentes margens do lago de Genezareth, e tomando para o norte ¹, atravessava o deserto de Bethsaida um grupo de homens humildes.

Tão enlevados iam em sua conversação, que de repente, pelo peso d'ella mesma, param, rodeiam, e, no mais respeitoso silencio, escutam um dos da companhia, mas mais saliente, que todos os outros em tudo mais notavel, e que agora no tom auctorisado e affavel, com que o bom pae de familias se dirige a seus filhos, e o mestre, consciente do seu nobre officio, a seus discipulos, a todos acaba de fazer uma pergunta que os ia sondar até ao fundo da alma.

Que faziam ali? Que diziam elles? Que era o que tanto lhes animava a conversação? De que se tratava?

Nada mais nem nada menos, resolviam-se ali os destinos da humanidade.

¹ Jesus Christo, depois de prégar pela Galiléa, dirige-se para Cesaréa de Filippe ou Panéada, nas faldas do Libano e ao norte do deserto de Bethsaida, povoação ao norte do lago de Genezareth, a que Filippe Tetrarca, augmentando-a, deu o nome de Juliada. S. Math., cap. 11, v. 21, cap. 14, v. 13 a 34, cap. 15, v. 39, cap. 16, v. 13; S. Luc., cap. 9, v. 10.

Nosso Senhor Jesus Christo, pois era o Divino Mestre que por ali caminhava com seus discipulos, Nosso Senhor Jesus Christo ia dar começo ao grandioso edificio, para levantar o qual viera á terra; ali pois estava a designar qual seria a primeira pedra d'esse edificio, *super hanc petram edificabo ecclesiam meam*, pedra solida, pedra firme, digna da escolha de Deus, digna de ser a primeira de um edificio, que havia de durar tanto como a humanidade, e para o qual se trabalhava havia quatro mil annos, como juntando a pedra, o cimento e outros materiaes precisos.

Era pois mister que Pedro, pois foi S. Pedro o escolhido para ser o fundamento da igreja de Jesus Christo, *tu es Petrus, et super hanc petram edificabo ecclesiam meam*, era mister que Pedro, pelas suas virtudes, fosse annuncio perfeito da natureza da religiãõ que se fundava, e mostrar isto, eis o primeiro objecto do meu discurso.

A religiãõ christã havia de abranger todos os seculos e povos, apesar das differenças de tempo, extensão, idéas, leis, usos, costumes, prejuizos e paixões; apesar de todas essas differenças humanas, a religiãõ de Deus devia ser uma; para ser uma devia ter um unico ponto de unidade, e esse ponto de unidade, essa base universal é a cadeira de Pedro.

Provar isto, eis o segundo objecto do meu discurso.

Deus, sempre misericordioso, desde o principio dirigira o homem. Fallára-lhe pela escriptura, pelos prophetas, e¹ ultimamente, como diz o apostolo, fallou-lhe por meio de Jesus Christo, seu Filho.

Vindo o proprio Deus ensinar uma religiãõ, claro está ser essa a mais propria para fazer feliz a humanidade; e sendo necessario que essa religiãõ, para ser forte e indestructivel, tivesse um ponto geral de apoio, uma base universal, necessaria é essa base, esse centro de doutrina catholica ao bem da propria humanidade.

E demonstrar isto, eis o terceiro ponto.

Vereis que Pedro merecia ser o primeiro dos apóstolos, para os successores d'elle serem superiores aos successores dos outros apóstolos; que a supremacia de Pedro é necessaria á igreja por causa da unidade, e á humanidade por causa da igreja.

E se, considerada em qualquer parte, a religiãõ offerece sempre materia importante, considerada no que é seu fundamento, a religiãõ offerece materia importantissima, para ser tratada a qual devia ser chamado outro melhor do que eu, que

¹ Epist. ad Hebræos, cap. 1, v. 1 e 2.

resistiria ao convite de amisade, digna de toda a minha sympathia e veneração, se, alem da amisade, me não chamasse tambem a voz da consciencia.

Vim.

Pastor já ha annos, os melhores da minha vida, entre aquellas pompas graciosas e poeticas da natureza, e aquellas simplicidades do templo rude, mas não menos rico de inspirações religiosas; entre o amor de um povo que sempre hei de amar, e os deveres ora austeros e pesados, ora consoladores de um ministerio, de que os mesmos anjos se deviam arreceiar; eis-me aqui pela primeira vez, na formosa capital da minha patria, perante um auditorio tão illustrado como piedoso, e uma brilhante academia, por muitos titulos, ornamento da igreja catholica; eis-me aqui a levantar a minha voz, nada auctorisada, mas sincera, mas convicta, do fundo da minha alma, que ama muito a verdade, e por amor da verdade, enthusiastica amante, defensora e prégadora da doutrina catholica.

Ouvir-me-heis com a benevolencia que já estou a ler em vossos rostos, e que era de esperar de quem está congregado na casa de Deus, a benevolencia, o amor por essencia.

Ouvir-me-heis com a attenção que pede o assumpto mais momentoso que aqui, e n'este tempo de dura provação religiosa, se podia trazer.

Graça, oh meu Deus, luz ao meu espirito, força, affectos ardentés ao meu coração, para que a palavra saia decidida, vibrante, commovedora, persuasiva.

Principio.

Disse-vos, senhores, «as virtudes de Pedro eram um feliz annuncio da natureza da religião christã».

Esta religião é a caridade universal, o¹ amor de Deus aos homens, dos homens a Deus, e, pelo amor a Deus, o amor dos homens todos uns aos outros; e a vida de Pedro foi um exemplar perfeito d'esse amor, foi esse amor o mobil de todas suas acções, o principio da sua grandeza.

Amam-se dois corações; se um d'elles alguma vez fraquejou, como sincero e forte tenha sido o affecto dedicado, facil será tornar em si. O affecto leal e extremo é capaz de extre-

¹ Esta religião é. o amor de Deus aos homens, Epist. I de S. João, cap. 4, v. 9 e 10, dos homens a Deus, S. Math., cap. 22, v. 37, e, pelo amor a Deus, o amor dos homens. . . S. Math., cap. 22, v. 38; S. João, cap. 15, v. 34. Epist. I de S. João, cap. 4, v. 11.

mas finezas, de a tudo se abalançar para agradar e servir ao objecto amado, que, em premio e obedecendo ao proprio coração, tambem da sua parte faz o que pôde.

Assim em Jesus Christo para Pedro, e em Pedro para Jesus Christo.

É uma verdade «a historia da religião é a verdadeira historia da humanidade».

Se a religião é o amor do homem ao seu Creador, rasões houve logo desde o principio para o homem amar quem tão liberal fôra na sua criação. Se a religião é o culto da primeira das creaturas ao Senhor supremo, logo desde os primeiros tempos o homem levantou altares¹, e offereceu fructos e victimas, e eis um culto em principio, mas logo bem definido, e que se foi desenvolvendo a par do progresso da humanidade.

Na infancia, a religião primitiva, constando de preceitos naturaes e alguns revelados, era mui simples, como é simples o ensino dado ao menino, cuja intelligencia ainda é fraca.

Chegada a humanidade á adolescencia, em que, para a correção, é preciso juntar ao amor o rigor, a religião do Sinay foi severa, mais propria para conter pelo temor que pelo amor.

Chegado o estado de perfeição, a religião christã, para a humanidade adulta, é toda amor². Até então tinha havido enigmas, figuras; véus, sombras, prophcias, preparações; com Jesus Christo veiu a luz, chegou a realidade, tudo foi manifestado, tudo foi cumprido.

É a religião christã a manifestação do coração de Deus, o seu amor abrindo-se ao homem, parecendo que Deus só tem a peito com amor attrahir, alcançar o amor do homem.

É caridade toda a lei christã; caridade na fê, caridade na pureza, caridade no arrependimento.

Tão irmãs são a caridade e a fê, que não pôde existir uma sem a outra.

Como se pôde dizer que ama, quem não confia, quem não acredita? Amae deveras, e deveras crereis.

Foram fallar a Pedro dos milagres e doutrina de Jesus Christo³, e elle, sem saber que por aquelle simples annunciar lhe estava Deus a tomar posse do coração, correu immédia-

¹ Levantou altares e offereceu fructos e victimas. Genes. cap. 4, v. 3, 4 e 26, cap. 8, v. 20, cap. 14, v. 18, cap. 15, v. 10, cap. 22, v. 2 e 13, cap. 28, v. 22, cap. 35, v. 7.

² A religião christã... é toda amor, S. João, cap. 13 v. 34.

³ Foram fallar a Pedro dos milagres e doutrina de Jesus, S. João, cap. 1, v. 41 e 42; e o seguir immediatamente, S. Math., cap. 4, v. 18, S. Marc., cap. 1, v. 18, S. Luc., cap. 5, v. 10.

tamente a Jesus, e já d'elle se não atrevia a apartar-se, tão preso ficára logo d'aquelles labios, d'aquelle amovavel e irresistivel palavra, d'aquelle coração de amor divino. Tão impressionada, tão aquecida ficou a alma de Pedro pela chamma da divina graça, que bastou depois o simples chamar «larga tudo e segue-me» para tudo largar e o seguir immediatamente. Oh força da graça do meu Deus! Oh coração ditoso que não soube resistir!

«Vós sabeis que vos amo ¹», dizia elle a Jesus em uma occasião de grandes revelações, e eis a explicação de tudo.

Que amor e que fê!

Que amor que não duvidava abrir o coração, para o proprio Deus o devassar, o profundar, o esquadrihar, para ver que d'esse amor estava todo cheio, todo possuido!

Que fê que, se não existira, não se atreveria a exclamar «vós sabeis que vos amo», como dizendo: sabeis-lo vós que sois Deus, que devassa os segredos todos, penetra o fundo de todos os corações.

E se a fé é o principio de tudo aos olhos de Jesus ², a caridade é tudo, sendo tão decidida a fé, e tão ardente a caridade de Pedro, eis o que lhe valeu o amor de Jesus, eis a causa da sua grandeza, a origem da escolha que d'elle fez Jesus para pedra fundamental da sua igreja, *tu es Petrus, et super hanc petram edificabo ecclesiam meam.*

Caridade na pureza.

A religião christã é a relação de amor entre Deus e o homem. Vê-se logo que esse amor ha de ser todo puro, nem sequer assombrado pela mais leve macula.

Vêdes fazer o sacrificio de uma vida, dos affectos da alma, das inclinações da natureza?

Uma só é a rasão: o amor de Deus.

O sacerdote, ao contemplar o throno da cordeiro immaculado, e o sacrificio de pureza que ha de offerecer todos os dias, tendo de passar a vida entre mysterios altissimos e tremendos, é casto. Mas não admireis isso, admirae o amor que o abraza, que o enthusiasma, que o leva, cheio de jubilo, a procurar a morte por amor d'aquelle a quem entregára a vida.

Vêdes a Virgem consagrar a Jesus a sua alma, o seu coração, o seu amor, a vida toda? Oh! é que o amor de Jesus é tudo para ella, é o enlevo da sua alma, o viver da sua vida.

Assim Jesus, unindo a si esses corações castos, dá uma

¹ Vós sabeis que vos amo, S. João, cap. 21, v. 15, 16, e 17.

² E se a fé é o principio de tudo aos olhos de Jesus, S. Marcos, cap. 16, v. 16, e a caridade é tudo, S. João, cap. 15, v. 34.

grande lição ao mundo, é como o sal lançado á terra para a preservar de inteira corrupção, *estis sal terræ*, é a lição sublime d'essa angelica virtude, tão necessaria á honra das familias, á paz do mundo e á gloria do christianismo.

Mas quando, senhores, dizemos que a caridade é o amor isento de toda a macula, não queremos dizer que essa isenção é só da impureza propriamente dita, mas em geral de todo o affecto vil, de toda a acção má, vergonhosa, degradante.

Deus é o altissimo: quem pois houver de subir para elle pela caridade, não ha de ir carregado com o peso oppressor de vilezas mundanas; e se a fraqueza humana, o mundo o acommetter emquanto for subindo, dispa-se logo, purifique-se depressa, se não quer vir a cair de todo. Arrependa-se logo, e de todo, e completamente, e ainda mais do que completamente, isto é, continue a amar ainda mais depois do que amava antes de cair.

Oh lagrimas de Pedro, quanto sois consoladoras! quanto valesstes aos olhos de Deus!

Arrependimento, tem-no Deus ao lado da innocencia, por-que innocencia e arrependimento são a mesma caridade.

Como que a innocencia é um anjo, de niveas azas, candidas vestes, de aspecto formosissimo, no qual Deus, o purissimo, todo complacente, se está revendo de continuo; o arrependimento é um anjo, de aspecto tambem formoso, que, por n'um momento ter olhado para a terra, envergonhado, com uma das mãos cobre o rosto, e com a outra aponta para o peito, para se ver que ali arde o amor do Senhor como no coração de qualquer outro espirito angelico.

Annuncia Jesus Christo a seus discipulos que d'ahi a poucos dias soffrerá o martyrio da sua paixão, e Pedro declara logo sem rebuço que está prompto a segui-lo e defende-lo até á morte¹. Quando vem prender Jesus, Pedro arranca logo da espada e fere um dos principaes enviados da iniquidade². E julgaes vós que foi orgulho, ou louca temeridade que levou Pedro a tal excesso? Excesso foi, temeridade seria, mas d'essas que produz o amor, e Pedro amava muito a Jesus.

Devia cumprir-se a prophecia de que seria preso o pastor, e dispersas as ovelhas³, e assim mais por disposição da Pro-

¹ Pedro declara que está prompto a segui-lo e defende-lo até á morte, S. Marc., cap. 10, v. 28, S. Luc., cap. 22, v. 33.

² Fere um dos principaes enviados da iniquidade, S. Math., cap. 26, v. 51.

³ A prophecia de que seria preso o pastor e dispersas as ovelhas, S. João, cap. 18, v. 9, S. Math., cap. 26, v. 31, Zach., cap. 13, v. 7.

videncia, do que por vontade propria, os apóstolos fogem¹, mas não foge de todo Pedro, ainda que de longe, segue, e após Jesus, entra em casa de Annás².

Dizia-lhe o coração que em breve tudo ia acabar em bem, que não era possível que os homens condemnassem a maior innocencia.

Simplicidade de Pedro que muito mal conhecia os homens, para os quaes muitas vezes, mais é norma de obrar, de julgar, de sentenciar, a mentira do que a verdade, a culpa do que a innocencia!

E n'esse obrar o mundo muito de proposito tudo é malicia, e não fraquejar, e não cair, como n'essa occasião aconteceu a Pedro, que por tres vezes negou seu Mestre.

E seria de veras esse negar?

Negar foi, e por isso foi falta, foi culpa, e para ter remorsos, e para verter lagrimas.

Mas foi só da lingua, da bôca, do coração não; que se fosse do coração, ao dar com os olhos em Jesus³, ao fitarem-se mutuamente as vistas do Mestre e do discipulo, não cairia logo este em si, não estremeceria immediatamente de horror de si mesmo, não choraria logo, e com tantas lagrimas, e lagrimas tão amargas, *flevit amare*⁴. Oh lagrimas abençoadas, que fizestes esquecer essa falta de um momento, e como que destes maior alento ao fogo, para ainda com maior força continuar a arder no coração de Pedro!

Amára muito, ama e amará sempre, e esse amor fará que Jesus o não prive da honra da primazia da sua igreja.

Jesus, que Pedro confessou conhecer o fundo dos corações, *Domine, tu omnia nosti*⁵, previu que Pedro o havia de negar, e por isso lhe disse: *tu, aliquando conversus, confirma fratres tuos*, tu, depois de convertido, confirma teus irmãos⁶, e todavia nem antes deixou de conferir-lhe a honra da primazia da sua igreja, nem depois lh'a tirou; pelo contrario, o que antes lhes dera, depois confirmou Jesus⁷, confirmou o Espirito

¹ Os apóstolos fogem, S. Math., cap. 26, v. 56.

² Ainda que de longe, segue ... entra em casa de Annás, S. Math. cap. 26, v. 58.

³ Ao dar com os olhos em Jesus, S. Luc. cap. 22, v. 61.

⁴ *Flevit amare*, S. Math. cap. 26, v. 75.

⁵ *Omnia nosti*, S. João, cap. 21, v. 17.

⁶ Confirma teus irmãos, S. Luc. cap. 22, v. 32.

⁷ O que antes dera, S. Math. cap. 16, v. 18 e 19. confirmou Jesus, S. João, cap. 21, v. 15, 16 e 17. confirmou o Espirito Santo, Act. dos Apost. cap. 1, 2, 3, 4, 5, 10 e 15.

Santo, enviado do Pae e do Filho¹, para alumiar e fortalecer a igreja², estar com ella até ao fim dos seculos.

Tão ligados foram desde o principio os destinos de Pedro e da igreja de Jesus Christo, d'esta igreja e dos successores de Pedro! poisque se á igreja primitiva succedeu a igreja de todos os seculos, a S. Pedro os pontifices romanos, como aquella é sempre a mesma igreja, a cadeira d'estes é a de Pedro, a mesma cadeira, a mesma primazia, necessaria á unidade completa da igreja, unidade de governo, e unidade de doutrina.

Senhores, para se negar a primazia de S. Pedro, fôra necessario rasgar mais de uma folha do Evangelho, e negar toda a tradição da igreja.

Como podeis ver em muitas partes do Evangelho, S. Pedro apparecia sempre á frente dos apóstolos, sempre que d'estes se falla, se faz de Pedro especial menção.

Estando reunidos todos os apóstolos, Christo pergunta-lhes que idéa faziam d'elle os homens, *quem dicunt homines esse filium hominis*³? Uns, responderam elles, dizem que sois Elias, outros que Jeremias, e outros João Baptista. E vós, lhes tornou Jesus, querendo mostrar que differença de crer devia separar a sua igreja das outras crenças, vós quem dizeis que sou eu, *vos autem quem me esse dicitis?*

A Christo respondeu immediatamente por todos S. Pedro, vós sois o Christo, filho de Deus vivo, *tu es Christus, filius Dei vivi*⁴. Resposta completa que diz o que Jesus Christo é, e o que a sua igreja é.

Em se dizer que com Jesus se não podiam comparar Elias, nem Jeremias, nem João Baptista, differençou-se da lei antiga a nova lei. Mas isto mesmo, e ainda mais exprime a resposta de Pedro.

O Christo, o Messias, aquelle que desde o principio Deus promettêra tantas vezes, e que então de um modo e com uma insistencia notavel não só os descendentes de Abrahão, mas todo o mundo ardentemente esperava, era o fim, o complemento da lei antiga.

Confessar portanto Pedro que Jesus era o Christo, que o mesmo antigo testamento professava ser Deus⁵, era confessar

¹ Enviado do Pae e do Filho, S. João, cap. 14, v. 16 e 28, cap. 15, v. 26, cap. 16, v. 7.

² Para fortalecer a igreja, S. Math. cap. 14, v. 16 e 17. estar com ella até á consummação dos seculos, S. João, cap. 14, v. 17.

³ *Esse Filium hominis*, S. Math. cap. 6, v. 13.

⁴ *Tu es Christus, Filius Dei vivi*, S. Math. cap. 16, v. 16.

⁵ Christo, que o mesmo antigo testamento professava ser Deus, Psalm. II v. 7, XLIV, v. 7 e 12, CIX, v. 1, 4 e 5, Isaias, cap. 4, v. 2, cap. 7,

que Jesus, sendo o Messias e Deus, era infinitamente superior áquellas e a todas as mais illustres personagens da antiga lei, e que a esta é superior a nova lei, como ao começar, ao delinear, ao preparar é superior o fim, o acabamento, a perfeição.

As religiões pagãs também tinham seus deuses e filhos de deuses, mas eram deuses mortos; por isso em dizer Pedro que Christo é filho de Deus vivo, confessou que é filho do Senhor do universo ¹, d'Aquelle que, principio de toda a vida, tudo anima, tudo vivifica; é filho do mesmo auctor da lei antiga, *est Pater meus, qui glorificat me, quem vos dicitis quia Deus vester est*, e porque Deus só é um, dizer que Christo é filho de Deus, é confessar que é Deus.

E porque tão immediata foi a resposta, pois a fé deve ser decidida, e porque foi tão completa, pois a fé não deve ser partida, forte n'um ponto e vacillante n'outro; e porque foi a primeira, e em nome de todos, Christo áquelle que a todos se avantajava como exemplar de fé decidida e completa, premiou sobre todos constituindo-o primeiro mestre na fé, e primeiro em jurisdicção. *Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo ecclesiam meam* ², como dizendo: pois que a primeira e tanta foi tua fé, confessando minha divindade, minha soberania universal, que sou o primeiro acima de tudo e de todos, também eu te constituo o primeiro na minha igreja, o que ligares na terra será ligado no céu, e o que na terra desligares, no céu será desligado, *et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in cælis, et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in cælis*; sendo certo que, se Christo a cada um dos apóstolos e seus successores deu poder de ligar e desligar na porção do povo christão, a cada um confiada, agora singularmente conferir tal poder a S. Pedro, e na occasião em que o declarava cabeça de toda a sua igreja, era n'esta constitui-lo poder superior a todo o poder; o que também exprime aquella valentissima expressão *dabo tibi claves regni cælorum* ³, dar-te-hei as chaves do céu, isto é, do poder espiritual da minha igreja, porta do céu, o primeiro e principal depositario serás tu.

E essa expressão, a mais forte e sublime que, para designar

v. 14, cap. 9, v. 6, c. 4, v. 9 e 10, c. 45, v. 8 e 15, Jeremias, c. 23, v. 56, c. 33, v. 16, Ezech. c. 34, v. 11, 12, 13, 14, 15, 23, 24 e 31.

¹ Filho do Senhor do universo, Luc. c. 10, v. 21, . . . *est pater meus quem vos dicitis quia Deus vester est*, S. João, c. 8, v. 34.

² *Et ego dico tibi. . . et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in cælis*, S. Math. c. 15, v. 19.

³ *Dabo tibi claves regni cælorum*, S. Math. c. 16, v. 19.

poder, jamais se pronunciou, a nenhum outro, senão a S. Pedro e a seus successores, poisque a igreja não havia de acabar com elle, dirigiu não qualquer homem, mas Christo, *et ego*¹, para que se entendesse que o poder que Elle dava a Pedro e a seus successores, não era terrestre mas celeste, não humano mas divino, como de origem celeste e divina era aquella fé admiravel de Pedro, e o é a da igreja catholica presidida por seus successores, *caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in cælis est.*

Outra vez, estando tambem reunidos os apóstolos, para que a primazia de Pedro brilhasse bem á face de toda a igreja, cujos pastores de verdadeiro sentir catholico, longe de terem d'aquella primazia ciumes injustificaveis, sempre, por causa da unidade, da antiguidade, da sua origem manifestamente divina, a tem reputado necessaria á sua propria auctoridade; em presença dos apóstolos pois, Christo uma², outra e outra vez pergunta a S. Pedro se o ama, e á resposta constante de que o ama, uma outra e outra vez Christo manda a S. Pedro apascentar suas ovelhas e cordeiros.

É notavel esta insistencia de Christo em perguntar e em mandar.

Tal mandado, singularmente dirigido a Pedro, prova que, se aos mais apóstolos coube, e a seus successores cabe, apascentar uma parte da christandade, a S. Pedro competiu, e a seus successores, os pontifices romanos³ compete apascentar

¹ *Et ego*, S. Math. c. 16, v. 18.

² Christo... pergunta a S. Pedro se o ama, S. João, c. 21, v. 15, 16, e 17.

³ Os pontifices romanos... pastores de todo o povo christão... pastores dos pastores. *Tanquam chori princeps et dux gregis... quoniam in hoc choro princeps est, merito primus omnium auctoritatem usurpat in hoc negotio, ut qui omnes habet in manu, ad hunc enim dixit Christus confirma fratres tuos.* Como o primeiro do coro (dos apóstolos) e chefe da grei (christandade)... porque era o primeiro do coro, com razão, primeiro de todos, sobre isto (a eleição de Mathias) obra com auctoridade, como quem representa a todos, poisque a elle disse Christo, confirma teus irmãos, S. Chrysost. Homil. in cap. I dos Act. dos Apost. — *Aliis omissis, Petrum solummodo affatur Christus, fratum ei curam committit... orbis terrarum curam mandat.* Deixando os mais, só falla a Pedro, commette-lhe o cuidado dos irmãos... encommenda-lhe o cuidado universal. S. Chrysost. Homil. 87, sup Joan. *In uno Petro figurabatur unitas omnium pastorum.* Em Pedro só se figurava a unidade dos pastores. S. Agost. Serm. 147 de verb. evang. n. 2. *Petrus, super quem Dominus ædificavit ecclesiam suam.* Pedro, sobre quem o Senhor edificou a sua igreja. S. Cyprian. Epist. 17 ad Quint. — *Summa rerum de pascendis oribus Petro tradita est, et super ipsum velut super petram fundata est.* A supremacia no pastorear foi dada a Pedro, e, como sobre pedra, n'elle foi fundada. Orig. Homil. 2 de div. in cap. 6 ad Epist. ad Rom. — *Nec modo omnium, sed et pastorum tu unus omnium pastor.* Não só

toda a grei de Christo, prova que S. Pedro foi, e seus successores são, pastores de todo o povo christão, *agnos*, pastores dos pastores, *oves*.

Como a caridade tende a unir, o amor proprio tende a desunir. Quando os homens se reputam iguaes, já não querem reconhecer superioridade em ninguem, não lhe querem obedecer, e d'ahi a desordem, a ruina.

Não basta intimar em nome de um principio, pedir obediencia em nome de uma doutrina, por melhor que ella seja, é preciso que ella desça revestida com a força de uma auctoridade superior.

Assim Jesus Christo, para evitar a anarchia na sua igreja, n'ella constituiu uma auctoridade superior a toda a auctoridade.

De outro modo, os apóstolos e seus successores, não reconhecendo superioridade em ninguem, e não tendo a quem recorrer em suas duvidas e dissensões, com a diversidade de tempos e paizes, por força haviam de vir a desunir-se e enfraquecer-se, e com essa desunião¹ e enfraquecimento parciaes necessariamente havia de vir a divisão e enfraquecimento geral.

A historia da igreja é uma prova constante e irrefragavel de tudo que levâmos dito, isto é, de que sempre na igreja foi reconhecida, e sempre foi julgada necessaria a supremacia de Pedro e de seus successores.

Desce o Espirito Santo sobre a primitiva igreja, reunida no cenaculo, surge o primeiro dia da santa igreja, e S. Pedro é o primeiro² a prégær e a converter em Jerusalem; o primeiro, com milagres, a provar a divindade da doutrina de Jesus, com o poder de Jesus, o primeiro a fulminar o erro e a men-

de todos em geral, mas em particular tu és o pastor dos pastores, S. Bern. liv. 2 de cons. c. 8.— *Unus Petrus eligitus qui... omnibus apostolis, cunctisque ecclesiis patribus præponatur, quos... omnes proprie regat Petrus, quos principaliter regat Christus.* Eleito só Pedro para que, anteposto a todos os apóstolos e padres da igreja, propriamente os governe Pedro, principalmente os reja Christo. S. Leão, serm. 3 de assumpt. sua.

¹ E com essa desunião e enfraquecimento parciaes, necessariamente havia de vir a desunião e enfraquecimento geral. *Inter duodecim unus eligitur, ut, capite constituto, tollatur schismatis occasio.* Entre doze é escolhido um, para que, constituído um cabeça, não haja occasião de scisma, S. Jeronym. L. I, adv. Jov. c. 4.

² É o primeiro a prégær e converter em Jerusalem, Act. dos Apost. c. 2, v. 14; o primeiro... a provar a divindade da doutrina de Jesus, Act. c. 3; o primeiro a fulminar o erro e a mentira... Act. c. 5... o primeiro a quem foi revelada... a conversão dos gentios, e que n'esta primeiramente trabalhou... Act. c. 10, presidira ao concilio para a eleição de Mathias. Act. c. 1, preside ao concilio que desliga das ceremonias judaicas, Act. c. 15, v. 7.

tira em Saphira e Ananias; o primeiro a quem foi revelada e imposta a ordem da conversão dos gentios, e que n'esta primeiramente trabalhou, prégando e convertendo o centurião Cornelio e sua familia; como já antes propozera e presidira ao concilio para a eleição de Mathias, e ei-lo provendo ao governo da igreja, depois prepara e preside ao concilio, que desliga das ceremonias judaicas, e ei-lo dando regras de fê.

Partem os apóstolos a levar por toda a parte a boa nova, e S. Pedro fixa sua cadeira em Antiochia, e depois em Roma, que desde então, apesar das perseguições contra o christianismo ¹ e contra a primeira auctoridade espiritual, se tornou o centro ² do catholicismo, que, em todos os tempos, tem acreditado ouvir a voz de Pedro da bôca de seus successores ³.

¹ Apesar das perseguições contra o christianismo e contra a primeira auctoridade espiritual. É um phenomeno historico que dá que pensar. Apesar de tanta diversidade de nações, mais que pela extensão e tempo, separadas por usos e antagonismos inconciliaveis; apesar das diversas tendencias da politica, sempre propensa a modificar-se; apesar das perseguições por que no principio passou o christianismo, que foi estabelecer sua sêde aonde exactamente era a sêde da perseguição contra elle levantada; apesar de todas as opposições ao supremo pontificado; apesar das vicissitudes por que Roma tem passado; apesar mesmo de que alguns pontifices não têm sido fieis ao que pede o logar mais levantado para exemplo na casa de Deus; apesar de tudo isso, nunca o catholicismo deixou de considerar o successor de S. Pedro como cabeça visivel da igreja, pela qual toda por isso lhe compete vigiar, sendo o primeiro mantenedor dos sagrados canones, o primeiro a dizer que sempre assim se acreditou e praticou, e por isso sendo na igreja o mestre, a auctoridade universal.

² Se tornou (Roma) o centro do catholicismo. *Cum duodecim Apostoli... imbuendum Evangelio mundum, distributis sibi terrarum partibus, suscepissent, beatissimus Petrus, princeps apostolici ordinis, ad arcem romani destinatur imperii, ut lex veritatis, quæ in omnium gentium revelabatur salutem, efficacius sese ab ipso capite per totum mundi corpus effunderet.* Tendo-se os apóstolos tomado o encargo de fazer penetrar o Evangelho no mundo, de que a cada um foi distribuida sua parte, o muito bemaventurado Pedro, principe da ordem apostolica, é destinado para a capital do romano imperio, para que a lei da verdade, que se revelava para salvação universal, mais efficaçmente da cabeça por todo o corpo do mundo se diffundisse. S. Leão, *De natali sanctorum apostolorum*, Serm. 1.

³ Que em todos os tempos (o catholicismo) acreditou ouvir a voz de Pedro da bôca de seus successores. *Nulli dubium quod S. Petrus, apostolorum caput et princeps, fideique columna, et ecclesie fundamentum, a Domino Christo salvatore claves accepit, qui ad hoc usque tempus in suis successoribus vivit et judicium exercet.* Ninguem deve duvidar que do Senhor Christo Salvador recebeu as chaves S. Pedro, cabeça e principe dos apóstolos, columna da fé e fundamento da igreja, o qual até agora vive e julga em seus successores. O legado Philippe no concilio de Epheso: *Petrus per Leonem locutus est.* Fallou Pedro pela bôca de Leão. Concilio chalcedonense: *In eo exauditam Petri vocem, et viniæ custo-*

Ainda no primeiro seculo, o papa S. Clemente escreve¹ aos fieis de Corinto, que o tinham consultado, aconselhando-os á paz e submissão a seu bispo; prova de que os fieis dos diversos paizes, apesar de lá terem seus bispos, reconheciam no successor de Pedro um primeiro poder.

No segundo seculo, Santo Ireneo, fallando d'aquella carta de S. Clemente, approva que os fieis de todos os paizes recorram á séde de Pedro como á primeira séde.

No terceiro seculo, Origenes, Tertuliano, S. Cypriano; no quarto, S. Jeronymo; no quinto, Santo Agostinho, n'esses e em todos os seculos todos os santos padres e escriptores illustres da igreja escrevem no mesmo sentido.

No primeiro seculo levanta-se uma grande heresia, e a igreja, para a condemnar, reune-se em Niceia²; mas é o pontífice romano que, por seus legados, preside, e é a elle que se enviam as actas do concilio para as approvar; e o mesmo succede nos concilios de Epheso, Calcedonia e outros, os quaes, em seus mesmos canones, reconheceram do modo mais solemne a primazia do successor de S. Pedro.

Foi sempre pois a cadeira de S. Pedro o signal da unidade catholica, sendo sempre reconhecida como a mestra³, a colu-

diam a Salvatore promissam. Por elle se escuta a voz de Pedro, e se guarda a vinha, como o Salvador prometteu. Os padres do mesmo concilio dirigindo-se ao papa Leão: *Beatitudini tue, id est, cathedræ Petri communione consocior, super illam petram ecclesiam œdificatam scio.* Associo-me á communhão da tua beatitude, isto é, da cadeira de Pedro, sobre essa pedra reconheço que a igreja está edificada. S. Jeronymo, Epist. ad Damasum.

¹ S. Clemente escreve, Epist. I, n.º 1, S. Ireneo, justifica, Adv. Hores. L. 3, c. 3, n. 2 e 3, Origenes, Homil. in Exod. n. 4, Homil. 2 de div. in cap. ad epist. ad romanos, Tertuliano, de *Prescriptione* c. 22. S. Cypriano, Epist. 55, S. Jeronymo, L. I, adv. Jov. c. 4. S. Agostinho: *Duo concilia ad sedem apostolicam missa sunt, inde etiam rescripta venerunt, causa finita est.* . . . Dois concilios foram remettidos á sé apostolica, d'onde tambem vieram rescriptos, está decidida a causa. Contra Pelag. et Celest. N'esses e em todos os seculos todos os santos padres e escriptores illustres da igreja escreveram no mesmo sentido. S. Gregorio Magno, L. 5, epist. 3. S. Cyrillo de Jerusalem, Cath. 2 e 17, Eusebio, L. 2, Hist. c. 25, S. Cyrillo de Alexandria, Epist. 10 e 14, S. Bernardo, L. 3, de conf. c. 8, S. Cesario de Arles, Epist. ad Simmach, Bossuet. Tract. 50 in Joann. etc. etc. etc.

² Reune-se em Niceia, can. 6. Succede o mesmo no concilio de Epheso, Act. 2, de Chalcedonia, Act. 16, e outros, etc. Constant. I, can. 5, conc. de Arles, anno 314. etc. etc. etc.

³ Sendo sempre reconhecida como a mestra (a cadeira de Pedro). S. Luc. c. 22, v. 32. S. João Chrysost. Hom. 87, in Job. *Petrus os erat apostolorum.* Pedro era a bôca dos apóstolos; a columna, Conc. de Eph. act. 2, *Caput fideique columnam,* cabeça e columna da fé; fundamento da fé, concil. chal. 1.º, art. 31, rel. ad Leonem. *Recta fidei firmamentum,*

mna e fundamento da fé, julgando sempre a igreja universal que onde assenta a cadeira de Pedro, está arvorado o estandarte, em roda do qual se acercam os verdadeiros fieis. E é muito notavel que sempre seja a união com a cadeira de Pedro a medida certa por que se afere a pureza da fé e do ensino da moral. Partido esse laço de união, a fé altera-se¹, perverte-se o ensino da propria moral. Com o scisma grego² levanta-se um crer que a mesma escriptura claramente condemna; com a sua reforma Luther e Calvino³ atacam a liberdade humana, sem a qual não haveria merito, não haveria vicio nem virtude, seria inutil toda a legislação, impossivel a sociedade.

Pelo contrario, conservada a harmonia com o centro catholico, a fé conserva-se pura, puro o ensino da moral, tem-se a certeza de que se está no gremio catholico, que nunca titubeou⁴ na obediencia devida á sêde de Pedro, julgando sempre que ahi não pôde alterar-se a fé, poisque o mesmo Jesus Christo orou⁵ para que essa fé não vacillasse, *rogavi pro te, ut non deficiat fides tua.*

A escriptura portanto, emfim, patenteando com que cuidado Jesus Christo proveu á unidade da sua igreja, e a tradição, testemunhando de um modo irrefragavel que se pecca contra a fé e contra a moral, quebrada a união com a cadeira de Pedro, e com essa união o ensino da fé e da moral se conservam puros, provam que á igreja e á sociedade é necessaria a primazia de Pedro, sem a qual tudo concorreria para desunir e enfraquecer: os seculos com suas idéas e tendencias; os povos com suas leis, usos, costumes e ciumes de nacionalidade; os pastores com suas presumpções de igualdade, independencia ou preponderancia; os individuos com seu natural amor de liberdade.

fundamento da verdadeira fé... em redor se acercam os verdadeiros fieis. S. Epiph. in anchorato. *Dominus constituit Petrum primum apostolorum, petram firmam, super quam ecclesia Dei edificata est.* S. João Chrys., Hom. 87, in Job. *Petrus... et princeps et vertex ipsius cotus.* O Senhor constituiu Pedro o primeiro dos apóstolos, a pedra firme, sobre que a igreja de Deus foi edificada. Pedro, principe e a primeira cabeça da mesma congregação.

¹ Partido esse laço de união, a fé altera-se, S. Jeronymo, L. I, adv. Jov. c. 4.

² Como o scisma grego levantou-se um crer, que a mesma escriptura claramente condemna. S. João, c. 14, v. 26, c. 15, v. 26, c. 16, v. 15.

³ Luther e Calvino atacam a liberdade humana. Luth. Opt. t. 1, Disc. de fide... de just... de operibus. Calv. L. 1, 2 e 3.

⁴ Nunca titubeou (o gremio catholico) na obediencia devida á cadeira de Pedro (vide a nota 1 a pag. 108.)

⁵ Orou para que essa fé (a da sêde de Pedro) não vacillasse, S. Luc. c. 22, v. 32.

Quando dissemos que, sem aquella união, se offende a fê e a moral, e que a primazia de Pedro é necessaria não só á igreja mas tambem á sociedade, enunciámos duas grandes verdades.

Repetimos, a religião christã é a caridade universal : o amor de Deus, e basta isto para conter o homem no caminho do dever, sem o cumprimento do qual não ha amar a Deus ; e, pelo amor a Deus, e por isso desinteressadamente, sempre, e sem excepção, o amor dos homens ; e bem se vê que este preceito do amor da humanidade é a base de toda a humana ventura.

E na verdade, esta religião de paz¹, de mansidão, de moderação, de perdão, de humildade, de caridade, é a mais propria para fazer felizes não só os individuos, pela tranquillidade da consciencia e amor da virtude, as familias, dando-lhes membros virtuosos, mas tambem as grandes familias das nações.

E de feito, como se reconhece em presença do estudo reflectido da historia, apresentam as nações christãs um principio de vitalidade² e de reformação continua, isto é, que se pôde operar todas as vezes que se quer, como não apresentaram as antigas nações, nem apresentam as nações de nossos dias, nas quaes não predomina o Evangelho.

É que nas nações christãs ha um principio vivificante, o Evangelho, que, regra sempre manifesta, voz clamando todos os dias, afere rectamente os costumes, que, ou, conformes com elles, são puros, ou taes se podem tornar, querendo-se.

Não assim nas nações não christãs, nas quaes não ha aquelle principio vivificante e civilizador, mas as proprias religiões contêm principios deleterios, destructivos, desorganizados.

Se o Evangelho pois é um principio de ordem, de força, de reformação, quanto é necessario á sociedade o centro, em que pousa todo o edificio christão, a columna da verdade de Jesus Christo?

Quando no Evangelho lemos, *a luz veiu ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más*, pomos-nos a reflectir e admirámos o rigor da expressão sagrada.

¹ Esta religião de paz, S. Luc. c. 2, v. 14, S. João, c. 14, v. 27, c. 20, v. 2, S. Math. c. 5, v. 9; de mansidão, S. Math. c. 11, v. 29; de moderação, S. Math. c. 5, v. 4; de perdão, S. Luc. c. 23, v. 34; de caridade, S. João, c. 13, v. 34; de humildade, S. Math. c. 11, v. 19.

² ... As nações christãs apresentam um principio de vitalidade.... É que nas nações christãs ha um principio vivificante... Vêde a eloquente pagina 93 da Historia de Portugal do sr. Alexandre Herculano, introdução.

Citae-me uma religião ou seita que, fóra da igreja catholica, tenha tido por auctor um homem de virtude incontestavel, e que santos tenham defendido.

Não podereis, que isso é apanagio da religião catholica.

Fundar uma doutrina ou systema humano qualquer, verdadeiro e excellente, póde qualquer homem, bom ou mau; mas fallar em nome de Deus, apresentar-se como seu enviado, só o deve fazer o homem de reconhecida santidade, e fundar uma religião só a Deus pertence ¹.

Logo, sendo a religião catholica a unica que directa e ininterrompidamente vem de Jesus Christo, que a fundou, e dos apóstolos que a promulgaram, só ella é verdadeira, é divina, tem a força precisa para attrahir o respeito e a veneração dos homens, e por isso é a unica propria para tornar feliz a sociedade; emquanto que toda a doutrina religiosa, filha dos homens, mais cedo ou mais tarde, por força vem a cair no desprezo; e é o que tem succedido a todas as seitas, ainda as mais tenazes. Cáem, porque Deus as não sustenta, e porque dentro de si mesmas contêm o germen da sua ruina, a mentira, que, por mais que se cubra de bellos sophismas, é sempre a mentira.

Não, não se tem levantado seita, que, atacando a fê, não tenha ao mesmo tempo pervertido os principios da sã moral, e nada mais nocivo á sociedade do que a moral corrompida enthronizada em ensino, o que é muito peor do que simplesmente praticada, porque então pratica-se o mal com a consciencia errada do bem.

Á sociedade pois é tambem precisa a doutrina catholica, e com ella o seu centro de unidade, de força commum, de influencia universal, para que ella se não altere ou esmoreça, mas sempre se conserve pura e forte.

E porque, sendo tão precisa e preciosa a doutrina catholica, é ella atacada, e ainda com mais empenho o seu centro, o seu fundamento?

Emquanto a este, a rasão é clara, é que se se podesse derubar a columna em que assenta todo o edificio, certo estava vir elle todo a baixo.

Emquanto á doutrina catholica, é que ella fere pela raiz o orgulho do homem, naturalmente, ou antes pelo peccado revoltado contra toda a auctoridade, e a doutrina catholica é a grande auctoridade da fê e da virtude: da fê, e por isso emquanto se vive em paz com todas as religiões falsas, com todas as seitas,

¹ Fundar uma religião só a Deus pertence, S. João, c. 1, v. 1, 2, 3, 4, 9, 10, 14, 16 e 17.

por mais absurdas que ellas sejam, só a religião catholica tem a grande gloria de chamar contra si a animadversão de homens, ás vezes abalisados no saber humano, mas demasiado orgulhosos para se submeterem humildes á auctoridade da igreja, a cujo ensino uniforme de todos os seculos e paizes querem fazer substituir o seu juizo individual, que muitas vezes tem a triste honra de se não combinar com o juizo de mais um só; auctoridade da virtude, pois sabeis porque a maior parte se levanta contra a igreja? É porque ella condemna inflexivel seus vicios. Quanto mais depravado está o coração humano, mais insoffrido é de qualquer jugo ¹. N'esse odio pois á igreja não ha que admirar, o que muito é para admirar é que, apesar de perseguida por elle desde o principio, a igreja sempre vá vivendo, combatendo e soffrendo, que é o viver que Jesus Christo lhe prometeu, e ás vezes, quando parece que tudo vae a pique, surge de repente uma victoria tão grande, que só ao braço de Deus se pôde attribuir.

Ainda não ha um seculo que uma espantosa revolução ² abalou até aos alicerces uma das nações mais cultas, e toda a sociedade. Parecia que o catholicismo corria o maior perigo, e ei-lo que, após essa revolução, se levanta ainda mais forte e engrandecido.

Ah! é que ás vezes Deus, para confundir uns, e experimentar e fazer estar áleria outros, permite esses combates do erro e da mentira contra a verdade, do vicio contra a virtude, e do coração humano contra o que só lhe devia attrahir o amor e o agradecimento.

Sociedade, sociedade, porque te insurges contra a igreja? Não vês que as armas que contra ella levantas, é a ti mesma que ferem? Não vês que, com o desprezo da fé, se levanta sem pejo, e de um modo cada vez mais assustador, o desprezo da virtude? E que será de ti sem a virtude, sociedade! Por outro lado, essa moderação, que queres e deve ser a norma de todo o bom governo; essa caridade, de que te ufanas, e a que, ingrata, queres dar outro nome, onde as bebestes? Na igreja, que, com sua força de seculos, com sua immutabilidade e victoria sempre certa, torna fortes, immutaveis e victoriosos aquelles grandes, santos e divinos principios.

Em vão se combate contra Deus, que, quando lhe apraz, emquanto ás nações, solta a semente, que, germinando e fru-

¹ Quanto mais depravado está o coração humano, mais insoffrido é de qualquer jugo, S. João, c. 3, v. 20.

² Uma espantosa revolução. A revolução franceza de 1789.

ctificando, acaba por regenera-las ; e emquanto aos individuos, mudando-lhes os corações, converte-os de inimigos terriveis nos mais illustres defensores da verdade.

Conheceis exemplos de nossos dias¹. Tambem assim foi nos seculos passados. Houve um homem, que se cita como o maior genio, que os seculos têm admirado. Este homem seguia uma doutrina perversa, e nada parecia capaz de tocar aquelle coração, cheio de paixões desregradas, e aquelle grande espirito, todo orgulhoso da sua sciencia.

Era Agostinho, convertido no maior lume da igreja.

Foi logo no principio², começara a primeira perseguição, de Jerusalem os seguidores de Jesus tinham-se visto obrigados a dispersar-se pela Palestina e Syria. Um homem ardente, ousado, implacavel inimigo da nascente igreja, em perseguir a qual julgava até cumprir um dever de consciencia e servir a Deus, offerece-se para perseguir os novos crentes, e toma cartas para Damasco, aonde sabia se tinha refugiado um grande numero. Grande Deus, tudo vae ser exterminado!

Pois não.

Esse homem, como saíra de Jerusalem, chega ás portas de Damasco, mas entra lá outro. Bradou-lhe do céu a voz da graça, tocou Deus aquelle coração de ferro, insensivel diante do martyrio de Estevão, o primeiro martyr.

Ei-lo mudado. Ia perseguir, tudo volver, tudo revolver contra a nova doutrina, e ei-lo defendendo, tudo volvendo, tudo revolvendo, tudo vencendo, tudo convertendo para Jesus.

Saulo converte-se em Paulo, o mais ardente, decidido e incansavel apostolo, o apostolo e escriptor de Jerusalem, de Corintho, de Epheso, de Philippos, de Thessalonica ; o apostolo da Judéa, da Samaria, da Syria, da Asia Menor, da Macedonia, da Grecia, da Italia ; o vencedor diante do areopago, a mais illustrada assembléa d'aquella unta das mais brilhantes epochas do espirito humano; e vencedor na côrte dos Cesares de Roma, de Roma, onde Pedro fixa sua cadeira apostolica.

Pedro e Paulo!

Quando ante meu espirito surgem esses dois vultos venerandos, que força penetra em meu coração !

Pedro e Paulo !

Paulo, o apostolo errante, o apostolo missionario, sem provincia certa, porque era enviado a todas, e por isso «o apos-

¹ Conheceis exemplos de nossos dias. Entre esses illustres convertidos sobresaie Chateaubriand, a quem o catholicismo, a humanidade e a litteratura tanto devem

² Foi logo no principio, Act. dos apost., c. 6, 7, 8 e 9.

tolo das gentes»; Pedro, o principe dos apóstolos, com sua cadeira fixa n'um lugar, para d'ahi resolver, ordenar, reger.

Pedro e Paulo! Eis os dois fachos brilhantísimos que Deus empunha, e que desde o principio derramam tal luz, que, guiando-se por ella, o corpo da igreja catholica, a barca de Pedro, aindaque envolta na maior tempestade, surge sempre sã e salva.

Sim, sim, triumphará sempre, que tal é a promessa do Divino Mestre.

Quando Simeão tomou nos braços o filho de Maria, propheticou que elle seria o alvo da contradicção ¹. E porque o não ha de ser a sua igreja?

Sereis perseguidos ², sereis calumniados, far-vos-hão todo o mal, dirão de vós todo o mal, por causa de mim. . . . por causa do meu nome, sereis o odio de todos, mas confiae, e eu venci o mundo.

Confiae, christãos, é Jesus quem vo-lo aconselha, vo-lo intima. Jesus está convosco ³, fortalece-vos o seu Espirito, com elle vencereis, será vencido tudo que atacar a sua igreja, será despedaçado tudo que for de encontro á pedra fundamental d'ella, ou sobre que esta cair, *portæ inferi non prævalebunt adversus eam* ⁴.

Orae.

Um dia a ambição, porque desde o principio até hoje a ambição tem sido um dos maiores inimigos do christianismo, a ambição pois moveu Herodes, para attrahir a popularidade dos judeus, a prender Pedro e Thiago ⁵, Thiago, o primeiro bispo de Jerusalem, Pedro, o primeiro pontifice universal.

Já Thiago tem santificado sua cadeira com o sangue do mais nobre martyrio, e Pedro espera a sua hora sepultado no fundo de um carcere. E os fieis oravam, oravam, quando um anjo desce do céu ⁶, liberta Pedro, e á igreja restitue o seu cabeça.

Orae, fieis, para que Deus console e fortifique o supremo pastor da igreja catholica, e esta sua igreja se digne pacificar, guardar e conservar unida, *quam pacificare, custodire, adunare digneris* ⁷.

¹ Propheticou que elle seria o alvo da contradicção. S. Luc., c. 2, v. 34.

² Sereis perseguidos, S. Math., c. 5, v. 8, c. 10, v. 16 e 24, S. Luc., c. 6, v. 22, c. 12, v. 11 e 12, S. João, c. 15, v. 16 e 17, cap. 16, v. 1 e 4, S. Marc., c. 13, v. 11, S. João, c. 16, v. 33, c. 15, v. 18.

³ Jesus está convosco, S. Math. c. 28, v. 30, S. João, c. 14, v. 18.

⁴ *Portæ inferi non prævalebunt*, S. Math., c. 16.

⁵ Prender Pedro e Thiago, Act. c. 12.

⁶ Um anjo desce do céu, liberta Pedro, Act. c. 12.

⁷ *Quam pacificare*. Canon Missæ, ante consecrationem.

Orae, mas cheios de confiança, para que se vos não possa dizer o que Jesus exprobrava aos Apostolos no meio d'aquella tempestade: porque duvidastes homens de pouca fé ¹?

Orae e confiae, que se o mundo, na hora do deleite, da falsa sciencia do orgulho ², pôde desconhecer, negar, desprezar, insultar a Jesus Christo e a sua cruz; quando chegar a hora do desconforto, gerado necessariamente pela ausencia da fé, tão necessaria ao coração humano, como o calor o é á natureza; quando chegar a hora da tribulação, então o mundo levantará olhos e mãos supplicantes para a cruz e para Jesus; então, pondo de parte a sua sciencia e os seus prazeres, comprehenderá o que na cruz ha de consolador, de sublime, de divino; reconhecerá que na cruz, o symbolo, em Jesus, por excellencia a prêgação, o exemplo, o sacrificio, está o throno da verdade, o fundamento da virtude, está Deus, contra a victoria do qual todos os obstaculos do mundo só servem para lhe dar mais vivo esplendor, só servem para tornar mais dominadora a evidencia, que, por fim, triumphante por mais solida sciencia ³, apparece sempre do lado do Evangelho.

¹ Porque duvidastes, homens de pouca fé? S. Math., c. 14, v. 31.

² Falsa sciencia do orgulho. É pasmosa a facilidade com que espiritos, menos que mediocres, mas orgulhosos alem de todos os limites, se arvoram em juizes do que ha de mais respeitavel, a religião, que sempre dará ao philosopho, ao politico, ao historiador, ao amigo da humanidade, materia vastissima, inesgotavel para o mais alto e reflectido estudo. É bem certo o dito de Bacon: «o pouco saber afasta da religião, o muito d'ella aproxima». O que, de mais illustre na sciencia e na virtude, que não tenha estado do lado de Deus? E se grandes espiritos têm aborrido, esses mesmos não têm podido resistir a que de quando em quando lhes escapem expressões, rapidas como o relampago no meio das negruras da tempestade, mas demasiado fortes para darem nas vistas do pensador desprevenido e de boa fé.

Seria um trabalho curioso e de gloria para a religião colligir em Voltaire, Rousseau, Sue, etc., etc., esses logares dignos da penna mais christã, e que nas obras d'elles não é de certo o que lhes dá menos força, menos vida, menos merito litterario.

Ah! quanto lhes deveria mais a humanidade, se, comprehendendo melhor a felicidade d'ella, tivessem trabalhado antes em favor do que só lhe é origem de esperanças e consolações! Não era descer o orgulho, era levantar-se a humildade christã, pedestal verdadeiro da virtude, aureola gloriosissima da verdadeira sciencia!

³ Por mais solida sciencia... mais dominadora a evidencia. É o que sempre tem acontecido, e acontecerá sempre. Já S. Paulo dizia que era mister haver sombras para sobressair a luz, erros para brilhar a verdade. Se não tivessem apparecido heresias, não teria havido tantas occasiões de bem se definir e fortificar a fé. Ao ataque deve responder a defeza. O erro trabalha, estuda, e, cercando-se de todas as fórmãs da dialectica, do epigramma, do romance, seductor pela doutrina sensual e livre, pelo estylo ameno e correcto, quer seduzir, e seduz os fracos.

Devia responder-lhe e sempre lhe tem respondido a verdade com a

Orae e confiae, que, assim como no fim dos seculos, n'aquelle grande cataclysmo universal, das ruinas do mundo ha de levantar-se uma nova Jerusalem¹, pura e immortal; assim de todos esses combates do erro, do vicio, das paixões, contra a verdade, contra a virtude, contra a igreja, sempre hão de surgir triumphantes e magestosos — Deus e a immortalidade.

confiança de si mesma e de Deus, oppondo á sciencia a sciencia, ao estudo que intenta achar para duvidar o estudo que acha para acreditar, que demonstra, sempre evidencia por fim que o que pareciam rasões de duvida, são antes rasões para se tornar mais solida a fé.

O que Deus não permite é que venha a victoria sem combate, como diz S. Paulo. Providencialmente pois se serve Deus do erro para realçar e fortificar a verdade!

¹ Uma nova Jerusalem, Apocalypse, c. 21.

carnar-se, nascer, fazer-se tambem homem, unir-se ao que é finito, imperfeito, quem é Deus, é infinito, é perfeitoissimo.

As harmonias mais suaves, os canticos mais alegres e arrebatadores devem-nos guardar os anjos do céu para esta hora felicissima, porque, se a sua felicidade é toda reflexo da felicidade divina, consiste toda em estarem louvando a Deus, reflectindo-se agora de um modo mais vivo no mysterio da incarnação o poder, a sabedoria, e principalmente a misericordia de Deus, n'esta noite de felicidade motivo particular têm aquelles espiritos angelicos para se sentirem felizes, e para darem louvor, *gloria a Deus*.

Paz aos homens, poisque no mundo apparece o fundador de uma lei de paz, de moderação, de humildade, de caridade; uma lei que só deve attrahir e reinar pelo amor, pela boa vontade, *bonæ voluntatis*. Que legislador esse, que, para attrahir e vencer, julga bastante apresentar-se a si e a sua lei: elle, exemplar por excellencia de todas as virtudes, desde a humildade e desprezo do presepio em que nasce modelo de humildade e resignação, consolação ineffavel de pobres, ainda os mais necessitados, e de ricos e grandes, ainda os mais decaidos e humilhados; a sua lei, por sua natureza caritativa, fraternal e consoladora, digna de todo o amor, capaz de completamente satisfazer a vontade *boa* por que propende para a virtude, porque, pura na consciencia, não precisa de rejeitar os temores da fé, antes muito ama e se delicia em suas esperanças e consolações.

Paz aos homens.

Não ha paz no coração quando elle está ancioso, quando só vive da esperança, e a maior esperança da humanidade foi satisfeita n'este momento feliz, em que do céu lhe desceu a verdadeira paz, *hodie de cælo pax vera descendit*¹.

Veiu já, appareceu emfim sobre a terra Aquelle que era figurado em tantos justos, vaticinado por tantos prophetas, julgado necessario por tantos sabios, maravilhosamente esperado por todo o mundo, porque não era sómente em Judá² que a grande esperança existia nos corações de todo um povo, existia por toda a parte³, aonde mesmo era mais grosseira a idolatria, desde a mais inculta barbaria até á mais culta civilisação; tinha-a o egypcio e o caldeo, o grego e o persa, o romano e o gaulez, o indio e o thibetano.

Toda a humanidade esperava, e, como depois nunca mais

¹ Hymno da igreja.

² S. Agost. *Cidade de Deus*, tom. 1, liv. 4.º, c. 31.

³ Voluay, *Ruinas*, c. 22.

se levantou tão ardente, confiada e universal esperança, signal de que se sentia que o grande acontecimento passára já, agora era mais viva e insistente essa esperança de um redemptor mais que homem, que regenerasse a humanidade visivelmente decaída, e ensinasse uma lei simples e perfeita como Deus, lei de caridade e amor universal, e por isso de verdadeira paz para os homens.

A paz vem depois da guerra, e a victoria de Satanás desvaneceu-se, o sceptro de ferro, com que opprimia os tristes mortaes quebrou-se hoje. *Jugum enim oneris ejus... et sceptrum exactoris ejus superasti*¹.

O Senhor disse²: o homem é escravo desde o principio, e quem me rende adoração, se o homem me foi roubado? e emquanto o seu oppressor o afflige iniquamente, é blasphemado o meu nome, mas tempo virá em que elle será conhecido do meu povo, em que eu mesmo que fallo direi: aqui estou, *quia ego ipse qui loquebar: ecce adsum*.

Esse momento de Deus manifestar toda a grandeza do seu nome é este; esse momento de Deus dizer entre os homens: aqui estou, é este.

Oh noite! oh noite, que mais te devêras chamar dia, porque no meio de ti surgiu o mais verdadeiro sol, que torna tão propria de ti a maior luz, como das outras noites o são as trevas, *sicut tenebræ ejus, ita et lumen ejus*³.

És verdadeiro dia, dia da antiga reparação, reparação esperada, e da nova reparação, reparação cumprida, dia de felicidade eterna, porque para ella já o homem está rehabilitado, *reparationis novæ, reparationis antiquæ, felicitatis æternæ, ut hominem perditum ad coelestia regna revocaret*; dia, em que os céus se approximaram da terra, *inclinavit cælos, et descendit*⁴, enviaram á terra o mais vivificante orvalho, o mais precioso maná, o justo incomparavel, *cæli destillaverunt*⁵, *hodie per totum mundum mellisui facti sunt cæli, rorate cæli desuper, et nubes pluant justum*⁶; dia em que a terra, abrindo seu seio, produziu o seu proprio Salvador, o seu fructo por excellencia, *aperiatur terra, et germinet salvatorem*⁷, *terra dedit fructum suum*⁸; dia, em que a parte mais pura e

¹ Isaias, c. 9, v. 4.

² Idem, c. 52.

³ Psalm. 138, v. 12.

⁴ Idem, 17, v. 10.

⁵ Idem, 67, v. 9.

⁶ Isaias, c. 45, v. 8.

⁷ Idem, c. 45, v. 8.

⁸ Psalm., 66, v. 7.

sublime da humanidade, aquella Virgem das Virgens, e agora tambem mãe das mães, deu á luz um filho, com o qual nenhum se póde comparar, *hodie nobis cœlorum rex de virgine nasci dignatus est*; dia de santificação para toda a humanidade, e em que por isso todos os povos devem vir adorar o Senhor, *dies sanctificatus illuxit nobis, venite gentes, et adorete Dominum*; dia da maior alegria para o povo christão, que hoje recorda o faustissimo acontecimento que os mesmos anjos lhe vieram annunciar, *gaudium magnum annuntio vobis, quod erit omni populo*¹; e por isso dia em que vós, meus queridos parochianos, tambem cheios de alegria, vinde adorar, louvar e bendizer o Senhor nos altissimos decretos da sua sabedoria, do seu poder, e da sua misericordia, que tanto fizeram por nosso amor no nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo. *Christus natus est nobis, venite, adoremus.*

¹ Evang. segundo S. Luc., c. 2, v. 10.

DISCURSO

Recitado em 1864, na ermida e festa do Senhor da Serra, em Bellas

Beati qui audiunt verbum Dei.

Bemaventurados aquelles em quem faz impressão a palavra de Deus.

S. Luc., c. 11, v. 28.

De muitos modos falla Deus ao homem, pelas vozes da natureza e da religião.

Na religião e na natureza ha muito com que se impressiona o coração humano, n'elle se despertam sensações ora suaves e ternas, ora fortes e sublimes, ora de magestade e grandeza, ora de attracção e amor ao Senhor, que por essas sensações echoa nas consciencias, vibra nos corações, que são felizes, se não sabem resistir aos toques que Deus lhes imprime, ás vozes com que se faz ouvir. *Beati qui audiunt verbum Dei.*

Estaes sentados á beiramar, e, alterosas ou brandamente desenrolando-se, vem fenecer a vossos pés as ondas espumantes; ou, revoltos, o mar faz e desfaz montanhas de altura enorme, e abysmos de profundura immensa; ou, serenó e limpido como um espelho, reflecte brillantemente o sol, que, esplendido, continua n'esse dia seu curso, como ha seculos tem feito e fará até d'aqui a quantos seculos? Que pensamentos assomam então ao espirito? N'aquella immensidão do mar falla a immensidade de Deus; n'aquella tempestade a sua omnipotencia; n'aquella serenidade das aguas, tão quietas que retratam a torre elevada e o alteroso baixel, a verdura do monte e o azul do céu, falla aquella sabedoria, que tudo sabe, tudo trata, tudo vê; n'aquelle ininterrompido subir e descer e

nascer e pôr do sol todos os dias, n'aquelle incessante lidar das ondas no perpassar de tantas gerações, somos levados a considerar em quem lhes deu o principio, lhes dará fim, e que será de nós quando o sol ainda raiará, quando o mar ainda virá desferir na areia suas ondas sussurrantes, e bramirá em tempestades medonhas e que, vindo sempre acabar em mar tranquillo, lembram as paixões humanas, ora, enfurecidas, revolucionando o mundo, ora, aquietadas, deixando engolfar nas doçuras da paz umas vezes e outras n'um esmorecimento e enfraquecimento moral, que não é paz, sim abatimento, mais a morte.

É quasi noite, estaes sentados no cume do elevado monte, descobrindo panorama riquissimo de valles e montes, de povoados e bosquedos, e em frente, realçando o quadro, tão para arrebatat a alma, o sol a querer sumir-se nas ondas; e a noite vem descendo, cobrindo de sombras já o valle, já o monte, já a terra, já o mar, já o céu; fica a solidão, o silencio, a vossa alma abismada no meditar mais profundo! Tudo então leva a considerar no occaso da vida! virá a noite da morte, como será o surgir do grande dia da immortalidade, do viver eterno da alma, que lá dentro está dizendo que existe, e que não morrerá nunca!

É noite, estaes sós, apenas se sente a fresca brisa agitando a folhagem, attrahe-vos os olhos e a adoração da alma o esplendido espectaculo do azul do céu, recamado de lindas estrellas, e por onde vae caminhando serena e melancolica a rainha da noite, a lua, em que fitaes os olhos, e ficaes embebidos em profundo scismar de horas e horas!

Que é aquelle céu tão lindo, que é a lua, que são tantos milhões de milhões de estrellas, que é a terra, que é o homem, que é a alma humana, que no meio d'esta criação esplendidissima, quasi infinita, se eleva até á consideração do Soberano Creador de tudo?!

Tudo isto, que tanto nos attrahe, nos encanta, ficará, viverá; e a alma, que se levanta acima de tudo, que tudo penetra com a luz da sua intelligencia na natureza material, e, por seus desejos insaciaveis e aspirações de perfectibilidade infinita, se eleva até Deus, só ella morrerá?

Não.

Este sopro, que anima a terra, a alma humana, unir-se-ha ao sopro que anima todo o universo, Deus; e assim todo o universo será mais harmonico, mais bello, o homem mais conforme com a sua propria natureza, e Deus será depois o que se annuncia em todas as suas obras, grande, omnipotente, sapientissimo, a bondade por essencia, a vida por essencia, a immortalidade.

Mas esses quadros da natureza tomam novo encanto, tornam-se dobradamente impressionadores, quando a religião os anima com a sua alma inspiradora.

Ante aquelle mar irado de perigos e naufragios, como consola contempla-lo da ermíndinha, levantada na ponta de altissimo promontorio, que, como gigante, introduz seu vulto colossal a muitas leguas pelo mar dentro!

Ao pôr do sol, que doces sentimentos religiosos desperta o resoar do sino da parochia, que, echoando por montes e valles, chama os fieis á oração da tarde! Ah! é a religião presidindo ao fenecer de mais um dia, a religião nos abrigará quando chegar o dia terrível da morte! *Dies iræ, dies magna et amara valde!*

Como consola, que impressões da mais suave poesia christã desperta o contemplar a cruz dominando o monte solitario, ou a planicie tão rica de flores, de verduras, de searas, de bosques, do rio ameno que tranquillamente lá se vae deslizando!

Como chama á contemplação penetrar, como aqui, em denso bosque, e á sombra, e na solidão, vir orar no templo do Senhor, passar momentos de dulcissimo meditar junto do symbolo da redempção!

Tudo então convida a meditar e a orar, a natureza com suas formosuras, e a religião com seus mysterios.

Não esse folgar alegre e enebriante, mais proprio de pagãos em redor de seus templos de falsas divindades, mas a solidão, o recolhimento, o meditar e o orar de christão, é que condiz com a contemplação d'aquelle symbolo da maior gloria da humanidade, mas adquirida á custa de dores do mais augusto sacrificio.

Ao menos, fieis, deixando por um pouco aquellas alegrias descuidosas por estes jubilos íntimos e salutaes da religião, *beati qui audiunt verbum Dei*, á minha voz contemplae Jesus, e como aqui é invocado.

Senhor da Serra, faz lembrar Jesus ou na montanha prêgando aquelle sermão inimitavel e dulcissimo das bemaventuranças, doutrina de admiravel belleza, e manifesto aspirar para a immortalidade; ou no Thabor, pelas glorias da transfiguração provando a sua divindade e a da sua doutrina; ou, pelas dores do seu sacrificio no monte Calvario, provando toda a grandeza d'esta religião que ali recebeu o seu sello, a sua maior força, e a sua divina glorificação.

Assim pois concluireis que a religião christã é divina pela natureza d'ella mesma, pela natureza divina do seu auctor, e pela divina virtude do seu grande e divino sacrificio.

Materia elevadissima, que chama toda a vossa attenção, e a vossa graça, oh meu Jesus, oh Deus da minha alma.

Principio.

Tinha Jesus Christo já chamado seus principaes apóstolos. Sem preparação, mas de repente, e com a mais absoluta auctoridade, tinha já operado muitos milagres, attestados com a maior força historica pelo testemunho de muitos que os referem, de muitos em beneficio dos quaes foram feitos, de muitissimos que os presencaram, de todos que d'elles tiveram noticia, do mundo, que, não podendo negar aquelle testemunho, se deu por elle vencido; e da tradição de todos os seculos, que sempre acreditaram aquelles milagres e os consideraram como provas irrecusaveis da divindade de Christo e da sua doutrina.

Pela força pois da sua palavra irresistivel, e virtude ainda mais irresistivel de seus milagres, attrahira Jesus em redor de si grandes multidões da Galliléa, da Judéa, de Jerusalem e de outros paizes ¹, quando, tendo subido a um monte, sentado no meio de seus discipulos e voltado para o innumeravel auditorio que, ávido da sua palavra, o seguia, começou a prêgar: bemaventurados os pobres; bemaventurados os mansos; bemaventurados os que choram; bemaventurados os que têm fome e sede de justiça; bemaventurados os misericordiosos; bemaventurados os puros; bemaventurados os pacificos; bemaventurados os que com mentira e por minha causa forem calunniados e perseguidos.

Coração humano, consola-te, e bebe a largos tragos o nectar dulcissimo que, por aquellas palavras, se te distilla do coração amantissimo de Jesus.

E será essa consolação só terrena, só nascida de um coração terreno, embora o mais puro, o mais caridoso, o mais humano, o mais perfeito?

Não. Essa consolação vem principalmente do céu, nasce do coração de Deus, e chama para Deus, consola em Deus.

A moderação poderá ainda ter o seu premio na terra. Sendo a melhor norma de governar a familia e os estados, aqui mesmo tem em premio as consolações que nascem, não da violencia e da força, mas do amor e da attracção dos corações, e é no dominio das almas que está a verdadeira possessão, o

¹ Evang. segundo S. Math., c. 4, v. 23, 24 e 25.

verdadeiro governar. *Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram*¹.

O pacífico, amando a paz, trabalhando por ella, pôde ter aqui um regosijo quasi completo alcançada a paz com que sympathisa seu coração, e pela contemplação dos preciosísimos fructos que da paz nascem sempre. O viver em paz é um viver semelhante ao do céu, o reinado da paz é o reinado de Deus, auctor do bem, fonte de felicidade, senhor da paz, logo têm os pacíficos o quer que é de semelhante com Deus, são filhos de Deus. *Beati pacifici, quoniam filii Dei vocabuntur*².

Mas poderá ter aqui todo o seu premio o puro, o pobre, o caritativo, o que chora, o que é victima da injustiça humana, o que, pela grande causa da humanidade e de Deus, é perseguido e calumniado?

Não, mil vezes não.

Supponde o coração humano o mais perfeito, o mais amante da virtude, o mais capaz de abnegações e sacrificios, só para se satisfazer a si, só para ter a satisfação intima e gloriosa da sua pureza, da sua dignidade; pois ainda assim toda essa pureza, toda essa dignidade, não terá força de resistir á violencia das paixões, á força corruptora do mau exemplo, ao perigo de mil seducções que cada dia o mundo está armando, se se não contempla melhor espelho que o mundo, *Beati mundo corde, quoniam Deum videbunt*³, se se não aspira para outro mundo melhor, se se não alcança lá de cima luz que esclareça e força que sustente para se conhecer o mundo e resistir ás suas miserias, ás suas seducções e perigos.

Para sustentar a pureza da reputação pela pureza das acções que o mundo não possa condemnar, alguma cousa pôde a força da propria dignidade; para, resistindo a inclinações ardentes, se conservar a pureza da alma, é mui fraca a natureza humana; mas só Deus poderá fazer que o demonio do orgulho se não vá metter no coração e o domine, e é preciso não haver o mais pequeno vislumbre de orgulho para se poder dizer que o coração é simples, é humilde, é puro, é digno de Deus, da sua beatitude, da sua vista, da sua contemplação. *Beati mundo corde, quoniam Deum videbunt*.

Oh desgraçado, oh misero, tão infeliz por tantas privações, trabalhos e tristezas, consola-te, pois não ouves aquelle brado de Jesus: bemaventurados os pobres? E que pobres? Os pobres de espirito, isto é, de resignação, de paciencia, de espirito, de vontade conforme com a vontade de Deus.

¹ Evang. segundo S. Math, c. 5, v. 4.

² Idem, v. 9.

³ Idem, v. 8.

E d'essa bemaventurança são excluidos os ricos? Sim, os ricos avarentos, de coração duro, insensível aos males de seus semelhantes; mas não os ricos caridosos, compassivos, porque d'esses também Jesus diz: bemaventurados os misericordiosos.

Mas, ah! não digaes ao pobre que não olhe para o céu, e ao rico que não ponha os olhos em Deus, senão, ides no coração do pobre metter o desespero, e no do rico ides arrefecer a caridade.

Nasce o pobre na miseria, vive e trabalha na miseria; que pôde pois da terra consola-lo, por mais que o animo seja forte, e pensador o espirito? Consola-se o pobre, porque alem do tumulto vê raiar-lhe um viver melhor, ainda mais cheio de consolações e alegrias do que triste e desconsolado foi seu viver na terra. Consola-se ouvindo aquella divina consolação: Bemaventurados os pobres porque d'elles é o reino dos céus!¹

E o rico misericordioso, caritativo, que não deixa de dar pelo receio da ingratião, quasi sempre certa, que não deixa de dar por tantos motivos que o mundo, egoista e malicioso, está sempre a levantar?

Dá, dá, com os olhos em Deus, com quem se parece quem dá, e de quem espera será misericordioso para com elle, como elle o é com os pobresinhos, com os filhos mais queridos de Jesus, que disse: reputaria como feito a elle o que aos pobres, aos pequeninos se fizesse. *Beati misericordes, quoniam misericordiam consequentur. Quod cumque iis minimis fecistis, mihi fecistis*².

É isto grande consolação para o pobre, por assim dizer, do corpo; e o não menos digno de compaixão, o pobre da alma, erma de alegrias e consolações? Também tem grande refrigerio nas palavras de Jesus: bemaventurados os que choram. A esses também não tireis a consolação do céu.

Vedes a mãe chorando amargamente sobre o cadaver do filho querido que a morte lhe roubou? Não lhe falleis só em nome da terra, de toda a coragem humana, de todo o pensar humano; não lhe digaes que do filho tudo acabou.

A infeliz só acha consolação em crer que a alma do filho do seu coração foi para entre os anjos a orar por ella, que tanto o amava, e que d'elle não lamenta a perda total com lagrimas de desespero, mas chora a separação de tempo com lagrimas da natureza e allivios e esperanças da fê. *Beati qui lugent, quoniam consolabuntur*³.

¹ Evang. segundo S. Math., c. 5, v. 3.

² Idem, c. 5, v. 7, c. 25, v. 40.

³ Idem, c. 5, v. 5.

Console-se pois esta triste, todos os tristes, e console-se tambem por isso o triste, a quem o mundo não soube ou não quiz fazer justiça; aquelle a quem mancharam o nome perante Deus e a consciencia illibado; accusaram de crimes que não commetteu; lançaram em escuro carcere entre verdadeiros criminosos; no banco dos verdadeiros criminosos fizeram sentar para o julgamento, que o condemnou á morte ou ao exilio, que muitas vezes é mais custoso que a morte pela ausencia da patria, da familia, de tudo que se ama e estre-mece.:

Não houve no mundo justiça, não houve reparação para esse innocente, que soffreu e morreu, aos olhos do mundo, maculado com um labéu que não merecia. E, no meio de suas torturas, esse opprimido não volverá os olhos para o céu, invocando a justiça de Deus, appellando para ella?

Sim, n'aquelle tribunal incorruptivel e conhecedor de toda a verdade, irá receber toda a reparação, será farto de justiça, pelo reconhecimento da sua innocencia, pelo premio da sua resignação, pela condemnação severa dos oppressores da terra. *Beati qui esuriunt et sitiunt justitiam, quoniam saturabuntur*¹. Só Deus póde consolar e sustentar a triste victima da injustiça humana.

E aos defensores das nobres causas, para os incitar, para os sustentar, para os levar á ultima abnegação, aos maiores sóffrimentos, supportados só pelo amor de que vença a causa que defendem, bastará o amor da gloria, o amor da patria, da humanidade?

De muito é capaz cada um d'esses nobres affectos, cada um d'elles tem levado muitos ao sacrificio da propria vida.

Mas ha sacrificios que custam mais que a morte, ha sacrificios que, para se supportarem, não bastam motivos humanos, por mais fortes que elles sejam.

Partiram de Jerusalem doze homens, a prégár uma doutrina que o mundo não comprehendeu logo, e por isso perseguiu com a maior crueldade.

Esses homens, e os que por todos os seculos se lhe seguiram, supportaram todo o genero de soffrimentos, foram carregados de toda a sorte de aleives que o mundo podia inventar, fizeram todos os sacrificios que o coração humano podia fazer, resistiram ás seducções da idade, ás glorias de nome e posição brilhante, ás doçuras da familia e da patria, e foram por entre inimigos implacaveis propagar uma doutrina, que aos seus propagadores não promettia n'este mundo senão des-

¹ Evang. seg. S. Math., c. 5, v. 6.

prezos, calumnias, perseguições, a prisão, a morte, e com todos os horrores e tormentos.

E como se abalançaram esses homens a tanto? Foi por amor da gloria?

Ah! da maior parte d'elles nem sequer ficou o nome, para ser glorificado pela posteridade, nem elles procuravam e queriam essa gloria, antes, humildes, se alegravam em confundir-se com as multidões dos que soffriam e morriam por Christo, só de Christo queriam o amor, o premio, a gloria, a realisação d'aquelle verbo gloriosissimo, de consolação ineffavel e força divina: *Gaudete et exultate, quoniam merces vestra copiosa est in cælis*¹. Alegrae-vos, que é grande o vosso premio no céu.

Immortalidade, és o aspirar, a força, a gloria, a consolação da alma humana. És o seu fim divino, como divina foi a sua origem.

Como a ave que, por mais que se eleve, nunca se afasta da terra, para onde olha, d'onde vive, aonde vae poisar, esvoaçar e descansar; assim, por mais que idealisem perfeições, se o homem não aspira ao céu, a alma humana fica toda terrena, revolve-se em mundanidades, arrasta-se em desprezíveis vilezas, embrutece-se, materialisa-se, deixa de ser o que é, sem a sua origem divina, o seu fim immortal, a dignidade, a excellencia, a nobreza da sua propria natureza.

E a alma humana é assim?

Nega-o o sentimento intimo, o sentimento da humanidade inteira, e nega-o Deus, de quem pois é a religião christã, que, assim como todas as religiões, mas infinitamente melhor do que todas ellas, ensina que alem do tumulo ha outro viver, de premio á virtude e de castigo ao vicio. Sim, é este o grande bradô da religião christã.

Como Christo resuscitou nós resuscitaremos. Como elle foi transfigurado, tambem nós seremos transfigurados.

Um dia, como relatam os tres primeiros evangelistas² e o principe dos apóstolos³ testemunha ocular, acompanhado dos seus mais intimos, Jesus subiu ao alto do Thabor, e de repente as vestes se lhe tornaram alvas de neve, o rosto tão resplandecente como o sol, circumdrou-o brilhante nuvem, acercaram-no anjos e prophetas, e a voz do Pae celeste, acclamando-o seu Filho bem amado, manda ao mundo que obedeça á sua voz⁴.
Ipsium audite.

¹ Evang. segundo S. Math., c. 5, v. 12.

² Evang. segundo S. Math., c. 17, segundo S. Marc., c. 9, segundo S. Luc., c. 9.

³ Epist. II de S. Pedro, c. 1, v. 17.

⁴ Evang. segundo S. Math., c. 17, v. 5.

Era a voz de Deus intimando o mundo a aceitar a doutrina de Jesus, em nome da immortalidade, em nome da propria dignidade humana, e em nome do mesmo Deus.

Em nome da immortalidade, em cujas glorias poderíamos um dia ser transfigurados, como gloriosamente transfigurada ali apparecia a humanidade de Jesus. Em nome da dignidade humana, que se levantava infinitamente mais em que Jesus, perfeitamente homem, fosse tambem perfeitamente Deus, do que simplesmente homem, embora o mais intelligente, o mais puro, o mais santo, o mais perfeito; fosse verdadeiro filho de Deus, *ecce filius meus*¹, que como tal ali o acclamava², do que simplesmente filho do homem, e só filho de Deus indirectamente, isto é, pela força do coração, grandeza da idéa, heroismo da dedicação, e cega illusão de que Deus estava n'elle, operava n'elle.

Em nome do proprio Deus, poisque se Jesus era realmente Filho de Deus, *Verbum caro factum est... Deus erat verbum*³, tudo na obra de Deus, tudo na religião cumprida e religião preparada, no Velho e Novo Testamento, é ordem, é harmonia.

Não se pôde negar a força historica do Antigo Testamento, não se pôde negar o testemunho dos prophetas, testemunho fielmente conservado pelos mais encarniçados inimigos do christianismo. E tudo na antiga lei se dirige, aspira, falla, promette um Messias, que o Velho Testamento⁴, a voz de Deus, que a esperança universal do mundo, a voz da humanidade, creu, esperou ser Deus. Tudo se refere a Jesus, e tudo, em ultima relação, se refere ao grande sacrificio do Calvario. A humanidade esperava o Messias, e a humanidade nadava em sacrificios.

E quem lhe deu a idéa de que Deus se aprazia com sacrificios? Sacrificado Jesus, porque cessaram os sacrificios, que não pôde mais reproduzir a synagoga, e deixaram de ser usados entre os povos?

É que a humanidade esperava o grande sacrificio, é que a humanidade sente que já se consummou esse sacrificio.

É no sacrificio do Calvario que prende da verdadeira religião tudo, tudo: dogma, moral, culto, historia, toda a sua gloria, todo o seu triumpho, poisque tudo se funda na divindade de Jesus, ali acclamada pela voz de Deus, revelada no cumpri-

¹ Evang. segundo S. Math., c. 17, v. 5.

² Idem.

³ Evang. segundo S. João, c. 1, v. 1 e 14.

⁴ Psalm. II, v. 7, XLIV, v. 7 e 12, CIX, v. 1, 4 e 5, Isaias, c. 4, v. 2, c. 7, v. 14, Jeremias, c. 23, v. 56.

mento das prophcias, *consummatum est*¹, e pela voz da humanidade, revelada por aquelle exclamar do justo centurião, commovido ante aquelle incomparavel sacrificio, e as pavorosas scenas da natureza abalada: oh que este era filho de Deus e verdadeiramente! *Vere filius Dei erat iste!*²

Assim o homem morre, Deus merece, Deus satisfaz a si mesmo, a segunda Pessoa á justiça da primeira. O mysterio da Trindade surge com toda a harmonia dos mysterios christãos.

Do peccado original, para remir o qual aquelle sacrificio foi preciso; da incarnação do verbo, que, para aquelle sacrificio ser feito, ali se demonstra necessaria; e do merecimento infinito de que ali se revestiu a doutrina e sacramentos da lei nova, cuja moral toma uma força infinita n'aquelle sacrificio de justiça e de amor, de misericordia, tanta é a justiça de Deus que não perdoou a seu proprio filho! tanta é a sua misericordia pelo homem que, para elle ser salvo, não duvidou entregar seu proprio filho! cujo culto todo se refere tambem ao sacrificio do Calvario, memorando o qual, levanta a cruz no pinaculo do templo, em frente do altar, nas bençãos das orações, na reproducção de todos os dias, de todas as horas, e por toda a terra³, do grande sacrificio da cruz, d'onde prende a historia, a força, a victoria certa do christianismo.

O Divino Mestre vaticinou, e o vaticinio, por todos os seculos, cumpre-se á risca. *Si ego exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum*⁴; attraherei tudo a mim, depois de ser crucificado.

Morreu por nós na cruz, da base da cruz partiram homens os mais simples a clamar: *Prædicamus Christum crucifixum*⁵, pregámos a Jesus Christo crucificado, e o mundo, pedindo a explicação d'essas palavras, conheceu por fim, comprehendeu o que havia de verdadeiramente divino n'esse sacrificio; consolou-se e agradeceu a Jesus, que lhe apparecia o pae, o consolador porque anciosamente esperava ha tantos seculos, e que, por todos os seculos futuros não deixaria jamais de confessar e de invocar nas suas afflicções.

A cruz venceu, o symbolo da ignominia, tornado em symbolo da misericordia de Deus, de que na cruz se deu a maior prova; e de caridade entre os homens, tornados irmãos por essa virtude, de que tambem na cruz se deu a maior lição, morrendo entre os ultimos dos homens quem tambem era

¹ Evang. segundo S. João, c. 19, v. 30.

² Evang. segundo S. Math., c. 25, v. 54.

³ Malach., c. 1, v. 11.

⁴ Evang. segundo S. João, c. 12, v. 32.

⁵ Epist. I de S. Paulo aos Corinth., c. 1, v. 23.

Deus; levantou-se radiante por toda a terra e por todos os seculos.

Cumprir-se-ha a propheta: *Signum, cui contradicetur*, será o alvo a que atirá a contradicção ¹. A cruz, isto é, a divindade do sacrificio e do sacrificado, sempre terão contradictores. Mas tambem se cumprirá á risca aquelle dito divino: *vici mundum*, venci o mundo ².

Vencerá Jesus, que pela sua victoria trabalha, falla Deus, pelo senso intimo da humanidade de todos os seculos; pelas consolações que na grande afflicção, pelo mundo inconsolavel só na contemplação do Calvario se póde alcançar; pela razão dos destinos immortaes do homem, que, por mais que lhe fallem da terra, lhe divinistem a terra, teimará em considerar a terra terra, e olhará para o céu, aspirará ao céu, voará ao céu.

Gloria a ti, oh cruz! Gloria a ti, oh Christo! Gloria a ti, oh Deus!

Ah! que por estes sentimentos não sei que se nos levanta na alma de glorioso, de celeste, de divino!

É o céu a chamar-nos; Jesus a manifestar-nos a sua gloria, a sua divindade.

Ajoelhae, christãos, ante Jesus, que lá dos perfumes celestes da sua gloria está sorrindo para nós seus filhos, em volta da cruz, symbolo das suas dores e da sua gloria, primeiro, como Magdalena, como João, como Maria, tristes, lamentosos, identificados com as dores d'esse sacrificio angustissimo, mas ao mesmo tempo bebendo, recolhendo no seio da alma as consolações d'esse mesmo sacrificio; e, percebendo-lhe já as glorias, voltados emfim para o céu, d'onde e para onde Jesus nos chama, porque lá é que é a sua e nossa patria, porque lá, tendo na terra imitado a Jesus n'aquella humildade, n'aquella caridade, n'aquelle perdão, de que o seu ultimo brado, a sua ultima lição, o seu ultimo exemplo foi na cruz, pela cruz guiados, é que poderemos ir um dia receber aquelle premio de viver felicissimo e immortal.

¹ Evang. segundo S. Luc., c. 2, v. 34.

² Evang. segundo S. João, c. 16, v. 33.

DISCURSO PAROCHIAL

Pronunciado á festa mandada fazer no domingo 14 de maio do corrente anno, pelos ex.^{mos} srs. D. João e D. Bernarda da Mesquita, na ermida do Senhor Jesus dos Affictos, á Cruz Quebrada, e pertencente ao ex.^{mo} sr. conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa

Beati servi illi, quos, cum venerit Dominus invenerit vigilantes: amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illus discumbere, et transiens, ministrabit illis¹.

Bemaventurados os servos que o Senhor, quando vier, encontrar vigilantes: na verdade vos digo que cingir-se-ha, falo-ha pôr á mesa, e, passando por entre elles, servi-los-ha. Quer dizer: aquelle que até ao fim cumprir a lei do Senhor, será depois sentado á mesa dos banquetes eternos.

E que banquetes serão esses?

Serão banquetes postos pelo mesmo Deus, servidos pelo mesmo Deus, em que o mesmo banquete será Deus, a felicidade, a immortalidade por essencia, e por isso eternamente, como sol infinitamente mais vivificante e alumiador, irradiando de si completa felicidade sobre todos que forem dignos de o irem contemplar.

E como poderá o proprio Deus ser banquete, dar-se a si mesmo?

Aqui tendes o altar, d'aqui a pouco tereis o sacrificio e o recebimento do sacrificio.

Mas altar de quem, sacrificio de quem e a quem, o que será recebido?

¹ S. Luc., c. 12, v. 17.

O altar é de Deus, é sagrado a Deus, que por seculos preparou o grande sacrificio de todos os momentos¹, sacrificio de valor infinito, por ser tambem verdadeiramente Deus², aquelle em quem se converte a substancia do pão e do vinho, que, preparando primeiro, e depois sempre apparecendo em suas especies, são o que de tudo da natureza, porque são o melhor alimento do homem, melhor se podia apresentar no sacrificio ao Creador offertado pelo homem e por Jesus Christo, supremo sacrificador e hostia sacratissima. *Mysterium fidei!*

Mysterio dos mysterios! porque não só recorda um e todos, não só contém um e todos os grandes acontecimentos, que a fê memora, grandes mysterios de Deus, mas o mesmo Deus, porque na Santissima Eucharistia não só nasce, vive, morre, é sacrificada pelo homem a humanidade de Jesus Christo, mas o mesmo Jesus Christo, no cumulo do seu amor divino, se dá a si mesmo, entra em nós, idenifica-se connosco, para nós nos idenificarmos com elle, de todo ficarmos unidos a elle.

Oh grandezas da fê! Oh suavidades da minha religião por força de Deus, que só Deus podia idear um tal meio de purificar o homem, de eleva-lo, santifica-lo, faze-lo na terra já ser do céu.

Lá está Deus, n'este altar d'aqui a pouco Deus estará realmente. No céu Deus é a felicidade dos bemaventurados, aqui, commungado, recebido no seio da alma, faz a felicidade da consciencia pela pratica da virtude e doçuras ineffaveis da fê: da fê, que é o que, vivificando³, fazendo achar doçuras e razões de crer, que o incredulo não pôde comprehender, é o principio da immortalidade⁴, porque a fê é o ir o homem pelo caminho do céu, guiado por aquella luz que, emfim, alumiará em todo seu esplendor; e da virtude, sem a qual a fê não é fê⁵, porque se esta é o caminhar para Deus, está bem longe de se lhe approximar quem não tem a consciencia pura, e a consciencia não se purifica sem os ardores da caridade, que, sendo o conjuncto de todos os deveres, a reunião de todas as vir-

¹ Malach., c. 1, v. 11.

² *Deus erat verbum*, S. João, c. 1, v. 1. *Et verbum caro factum est*, S. João, c. 1, v. 14. *Hoc est corpus meum*, S. Math., c. 26, v. 26. *Caro enim mea vere est cibus*. S. João, c. 6, v. 56.

³ *Spiritus est qui vivificat, caro non prodest quidquam*, S. João, c. 6, v. 64.

⁴ *Siquis manducaverit ex hoc pane, vivet in aeternum*, S. João c. 6, v. 52.

⁵ *Fides sine operibus mortua est*, Epist. cath. de S. Thiago, c. 2, v. 26.

tudes, é, n'uma parte muito essencial, a compaixão dos desgraçados¹.

Ahi tendes como estes illustres devotos não podiam melhor mostrar o seu affecto e agradecimento a Jesus, a quem se confessam muito devedores, do que offerecendo-lhe estas duas grandes provas da sua fê e da sua caridade; este grande sacrificio, o maior mysterio da fê, e ao mesmo tempo este consolar a indigencia e tristeza dos pobresinhos².

Oh! como Deus aceitará satisfeito este sacrificio de seu Filho, como floreado pelas orações dos desgraçados consolados, dos pobres, dos pequeninos, que elle amava tanto, a ponto de reputar como feito a si o que a elles se fazia³.

Se era pae! e que pae se não sente tocado de agradecimento ao ver beneficiar um filho? É pae por excellencia, e por isso sabe bem agradecer tudo que aos filhos por amor d'elle se faz. E esse agradecimento digno d'elle, é e será o seu amor, amor de Jesus, amor de Deus, amor eterno⁴.

Que é a vida do homem senão esperança? E quando a esperança fica entre a fê e a caridade, como que estas, ambas formosissimas, virtudes, são dois anjos, que irresistivelmente levantam a alma para o céu, lá a introduzem no seio de Deus, para quem vae quem crê, e em cujas chammas de amor divino, de amor eterno, começa já a abraçar-se na terra *quem na terra sabe fazer bem*.

¹ *Qui habuerit substanciam hujus mundi, et viderit fratrem suum necessitatem habere, et clauserit viscera sua ab eo: quomodo charitas Dei manet in eo?* O que tem bens d'este mundo, e vendo que seu irmão tem necessidade, d'elle se não condoe, como existe n'elle a caridade de Deus? Epist. I de S. João, c. 3, v. 17.

² Antes da festa deram por suas proprias mãos almoço, e depois jantar a vinte e quatro pobres.

³ *Amen, dico vobis, quamdiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* Digo-vos na verdade que quando o matar a fome, a sede, vestir, visitar no carcere, ser hospitaleiro. (S. Math., c. 25 v. 35 e 36) fizestes a estes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes. S. Math., c. 25, v. 40.

⁴ *Qui autem diligit me, diligetur à Patre meo, et ego diligam eum, et manifestabo ei meipsum,* S. João, c. 14, v. 21.

INDICE

Introdução	vii
Parte topographica	1
Parte historica	9
Parte estatistica	41
Discurso sobre instrucção primaria	57
Sermão do Espirito Santo	61
Oração funebre do senhor D. Pedro V, proferida na parochial de Oeiras	73
Oração funebre do senhor D Pedro V, recitada na igreja da misericórdia de Cascaes	85
Sermão de S. Pedro	97
Discurso parochial recitado na noite do Natal em S. José de Ribamar	119
Sermão do Senhor da Serra	123
Discurso parochial recitado na ermida da Cruz Quebrada	135

ERRATAS

Paginas	Erros	Emendas
2	como a do norte	como o do norte
2	aquelle logar	este logar
2	a da Cruz Quebrada e a de	e as da Cruz Quebrada e de
4	por a maior parte	para a maior parte da população
4	arveola	arveloa
5	dava-se ao povo	dando-se ao povo
11	da fé desde	da crença de desde
14	tempo	templo
14	usurpação	usurpação castelhana
14	em assiço	e maciço
15	sr. Sebastião Dias Camello	rev.º Sebastião Dias Camello
16	altares lateraes, do qual	altares lateraes do qual
16	nunca fallam	nunca mais fallam
17	o enthusiasmo é que fez tudo	o enthusiasmo é que fez tudo
19	e, emfim, o retabulo	e era, emfim, o retabulo
20	com as habitações dos pequenos	com habitações de pequenos
21	mais ruinas	maior ruina
21	força para se fazer	força para fazer
24	de palacio	do palacio
27	quadro de S. Romão sob	quadro de S. Romão sobre
28	salvou os seus	salvou o seu
29	do trabalho o proprio	do proprio trabalho e
30	mulher de Carlos II	viuva de Carlos II
32	á de Santa Catharina a	a de Santa Catharina á
32	foi reedificação	foi reedificada
32	determinára levantar-lhe	determinára levantar-lhes
33	como filha d'estes soberanos	como a filha d'estes soberanos
33	lauta merenda e	lauta merenda, e
34	menos puro, lavando	menos puro lavando
37	1856..... 1857	1858..... 1859
38	1856	1858
38	(1856-1857)	(1858-1859)
39	por elles é preciso	por elle é preciso
41	a haste 9 decimetros	a haste 4 ^m ,6
43	nasceu, onde	nasceu e onde
44	mineiro	Mineiro
45	e os trabalhos	o que e os trabalhos
45	a teve sua ermida	teve sua ermida
46	expressiva e de admiravel	expressiva de admiravel

46	ou almenara	ou torre de almenara
47	negociante e ainda hoje	outr'ora negociante e ainda hoje
48	o curioso auctor d'este, em 1816, Antonio Martins Chaves	auctor d'este em 1816 o curioso Antonio Martins Chaves
53	no canal	alem do casal
53	velha ponte	melhor parte
54	difficil á estrada	difficil á entrada
54	Rameira	Romeira
64	cruz de filho	cruz do filho
62	amor eterno e extremo	amor terno e extremo
63	o que constitue	o que foi
65	religiões supernas	regiões supernas
72	Santo Espirito, não recusará	Santo Espirito não recusará
93	pavorosas montanhas	pavorosa montanha
95	<i>moriatur, vivet</i>	<i>mortuus fuerit. . . vivet</i>
108	Concilio d'Epheso:	Concilio d'Epheso.
108	Concilio Chalcedonense:	Concilio Chalcedonense.
109	no primeiro seculo levanta-se	no quarto seculo levanta-se
109	papa Leão:	papa Leão.
111	conformes com elles	conformes com elle
133	pelo mundo inconsolavel só	pelo mundo inconsolavel, só
136	idenifica-se	identifica-se
136	idenificarmos	identificarmos
137	agradecimento digno d'elle	agradecimento, digno d'elle
137	quando o matar	quando o (matar

VENDE-SE

Nas livrarias dos srs.:

SILVA JUNIOR & COMP.^a, Praça de D. Pedro, n.^{os} 22
a 25.

LAVADO, rua Augusta, n.^{os} 31 e 33.

ZEFERINO IGNACIO MATHEUS, rua dos Fanqueiros,
n.^o 87.

ANTONIO MARIA PEREIRA, rua Augusta, n.^{os} 50 e 52.

PREÇO 400 RÉIS

1072251

89099617375



b89099617375a



89099617375



B89099617375A